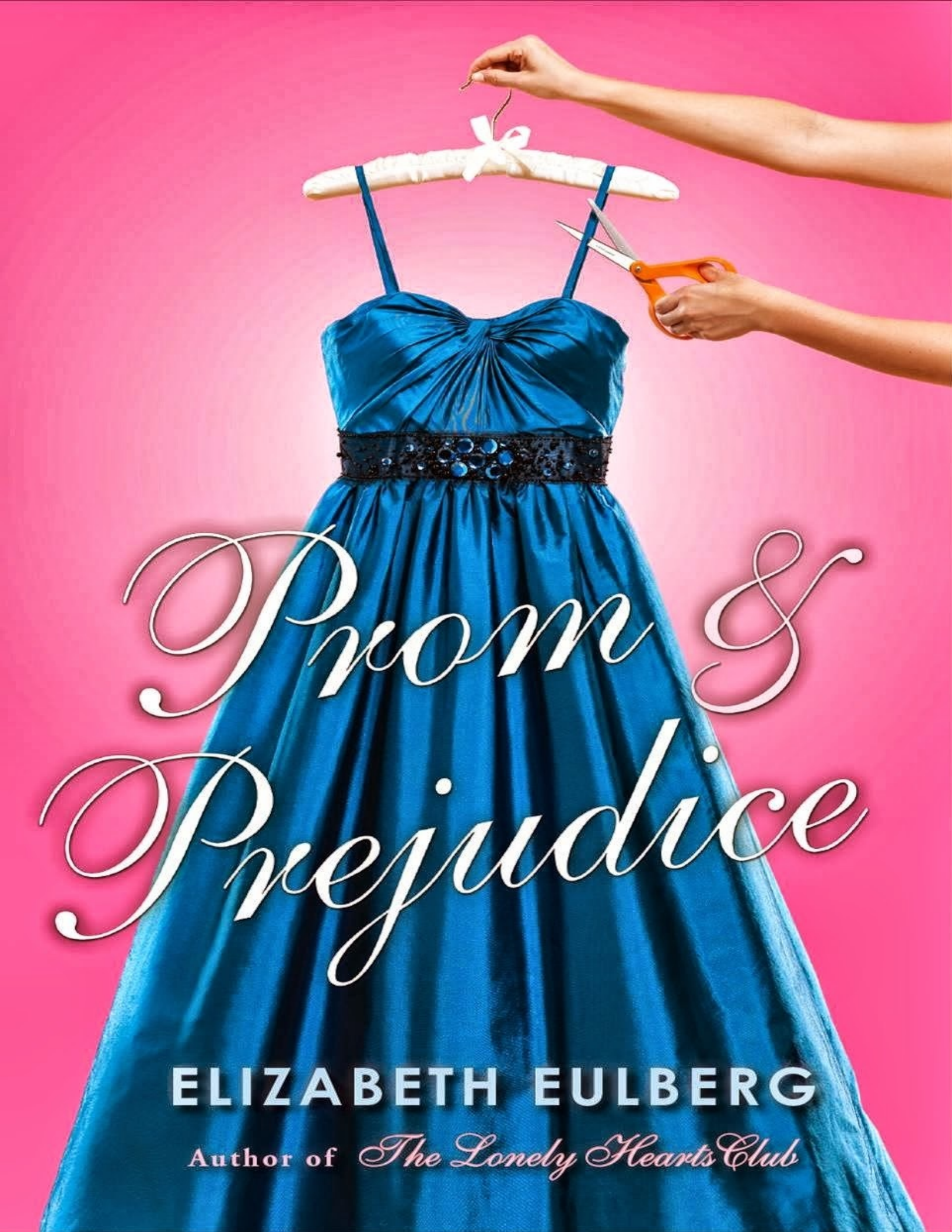

Prom & Prejudice
ELIZABETH EULBERG
Author of The Lonely Hearts Club

Acaso o orgulho de Lizzie e o preconceito de Will os manterá separados?

Sumário

Sumário
- Aviso
- Sinopse

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

- Notas
- Agradecimentos
- Sobre a Autora



Tradução: Alzira Soverosa

1ª Revisão: Felisbela Dinarte

2ª Revisão: Armanda Emiliano

Última Revisão e Diagramação: Tomásia Aurélia

Aviso

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Sofredoras Anônimas (SA), a fim de proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

Sinopse

Depois das férias de inverno, as meninas da prestigiosa Academia Longbourn se tornam obcecadas com o baile de formatura. Lizzie Bennet, que estuda em Longbourn com uma bolsa de estudos, não está interessada em vestidos de grifes e sapatos caros, mas sua melhor amiga, Jane, poderia estar; especialmente agora que Charles Bingley havia retornado de um semestre em Londres.

Lizzie está feliz pelo florescente romance da sua amiga, porém, menos que impressionada pelo amigo de Charles, Will Darcy, que é arrogante e pretensioso. Darcy tampouco parece gostar de Lizzie, mas ela assume que é porque sua família não tem dinheiro. Claramente, Will Darcy é um idiota pomposo. Então por que Lizzie se encontra atraída por ele de qualquer maneira?

Será que o orgulho de Lizzie e o preconceito de Will os manterá separados? Ou eles são um casal do baile em formação.

Capítulo 1

É UMA VERDADE UNIVERSALMENTE CONHECIDA QUE UMA MENINA SOLTEIRA de classe alta da Academia Longbourn deve ter um par para o baile de formatura.

Embora o mesmo possa ser dito em inúmeras escolas de todo o país, a graduação em Longbourn não é só um rito de passagem; ela é considerada por muitos – pelo menos aqueles que importam – como *O Evento Social* para os futuros membros da alta sociedade.

As meninas de Longbourn não vão aos centros comerciais em busca de seus vestidos. Não, elas se gabam da alta costura dos estilistas cujos nomes adornam sua discagem rápida.

Basta olhar o brilho de seis páginas dedicados a mais de um século de história do baile no folheto de recrutamento da Longbourn. Ou a cobertura anual na seção do *New York Times,* na seção do *Sunday Style*… ou da *Vanity Fair*… ou da *Vogue*. Repórteres e fotógrafos de moda lotam o campus de Connecticut para alcançar a moda, o excesso, o glamour de tudo. É Fashion Week para o conjunto da classe alta.

A tradição começou em 1985, o primeiro ano em que Longbourn abriu suas portas. Foi criada originalmente para moças e os fundadores perceberam que precisavam ter um evento para anunciar suas estudantes ao mundo da elite. Embora as meninas de hoje não precisem ser formalmente "bem-vindas", ninguém quer renunciar a desculpa do fim de semana para se vestir e tentar ofuscar os outros. Sexta à noite é a recepção, onde os casais (que consistem em garotas de Longbourn e, em sua maior parte, garotos da academia vizinha, Pemberley) se apresentam. Sábado à noite é o evento principal e domingo à tarde é um brunch onde os repórteres entrevistam os alunos sobre a noite anterior.

Os alunos se fixam no baile de formatura desde o dia em que são aceitos. Não comparecer, ou não ter um encontro adequado, seria um escândalo do qual uma garota nunca seria capaz de se recuperar.

Imagine o caos que surgiu há uns anos quando uma bolsista não só conseguiu o menino mais procurado em Pemberley, mas apareceu em um

vestido da Macy's (o horror!) e chamou a atenção do repórter do New York Times, que acabou a colocando e, a sua história, na capa da seção *Style.*

Até aquele momento, a maioria dos alunos toleravam os dois bolsistas de cada turma. Mas isso foi demais.

No ano seguinte, o trote começou. A maioria dos estudantes não podiam durar mais do que dois anos. O programa só continuou porque o conselho da administração foi inflexível sobre a diversificação do corpo estudantil – e, por diversificação, significava ter aqueles alunos cujos pais não ganhavam bons milhões por ano. Além disso, os bolsistas, frequentemente chamados de "casos de caridade", ajudaram a impulsionar o progresso acadêmico e o programa de música.

Dadas as oportunidades, em termo de educação, os bolsistas tentavam suportar esse comportamento. Afinal, esse tipo de experiência não acontecia em casa. Então, havia um preço a pagar pelos melhores professores, recursos e conexões. Esse preço – condescendência, insultos e brincadeiras – envelheceu rapidamente.

Não é fácil, no entanto. Só levou dois dias para que a nova garota bolsista da classe júnior desmoronasse em lágrimas. Felizmente, ela estava sozinha em seu quarto e ninguém a viu. Mas isso aconteceu. Eu sei. Porque esse era o meu quarto e as minhas lágrimas. Eu era uma bolsista.

Um caso de caridade. Um deles.

Havia um alvo gigante em minhas costas.

E eu tive que fazer o possível para evitar ser atropelada.

Capítulo 2

A DOR DE ESTÔMAGO SEMPRE COMEÇOU UMA VEZ QUE O TREM saiu da Grand Central Station em Manhattan. Quando eu fiz a viagem pela primeira vez, eu tinha borboletas no estômago, mas agora eu sabia melhor. Agora as borboletas se transformaram em víboras.

Parte de mim deveria ter ficado impressionada por eu ter sobrevivido ao meu primeiro semestre em Longbourn. Eu sabia que teria dificuldades em vir como caloura, mas nada poderia ter me preparado para a fria e molhada saudação dada a mim por várias garotas do meu andar. Elas achavam que um *oi* adequado era jogar milk shake na minha cara no caminho para a orientação. Eu ainda podia sentir o choque frio do líquido de morango batendo no meu rosto. Acabei me atrasando para a orientação e quando a diretora perguntou qual era a minha desculpa, disse a ela que me perdi. Eu podia ouvir as risadas por toda a sala e me perguntei quantas pessoas tinham participado do trote.

A maioria das outras coisas que fizeram comigo foram mais sutis: substituir meu shampoo por loção depilatória (felizmente, eu pude sentir o cheiro antes de causar algum dano real), mexer na minha lâmina de barbear (o que me causou um corte desagradável na perna), colocar laxantes esmagados na minha limonada…

Fechei os olhos e tentei bloquear as lembranças da minha primeira semana na escola. Eu realmente tinha toda a intenção de voltar das férias de inverno com uma atitude positiva. Já sabia quem evitar (praticamente todo mundo, exceto minha colega de quarto, Jane, e o outro "caso de caridade" em nossa classe, Charlotte). Eu estava indo bem em minhas aulas. Eu já me estabeleci como a melhor pianista do campus (o que foi realmente importante desde que eu estava em uma bolsa de música). E eu tinha um trabalho que eu gostava porque eu era capaz de interagir com pessoas um pouco normais (também conhecidas como "townies [1]"). Ah, e eu precisava do dinheiro. Parecia sempre voltar ao dinheiro.

E depois houve Ella Gardiner, minha professora de piano. Ela foi uma das mais prestigiadas mestres pianistas no país, ela estava no conselho

administrativo de inúmeras instituições de música e tinha a reputação de colocar seus alunos nos melhores programas de música após a formatura. Ella era a razão pela qual eu vim para Longbourn, e foi o motivo de eu ter me submetido ao que veio junto com ser uma estudante bolsista.

Agarrei-me ao álbum de recortes que meus amigos de casa me fizeram no Natal. Eu folheei as páginas de fotos, notas e memórias da minha vida anterior. A vida em que eu tinha um círculo forte de amigos, um que nunca me fez questionar se eu pertencia a ele. Eu sorri enquanto olhava as páginas cheias de fotos das muitas tradições que começamos na escola primária: as festas de Dia dos Namorados de Anna (não eram permitidos meninos), nossas recriações de Grease 2 no Halloween na minha sala de estar, reuniões nos feriados.

Então cheguei à seção final do *scrapbook* – as páginas preenchidas com os programas de vários dos meus recitais e concertos ao longo dos anos e fotos de meus amigos reunidos em torno de mim para comemorar.

A última página tem um programa de um concerto de Claudia Reynolds, a clássica pianista que me inspirava, junto com uma nota assinada por todos:

Para a próxima Claudia Reynolds, nós sentimos sua falta, mas sabemos que você vai realizar grandes coisas. Não nos esqueça quando tocar no Carnegie Hall.

Meus olhos começaram a arder em lágrimas. Eu nunca poderia esquecer meus amigos, mas eu quase tinha esquecido como era ter um grupo de pessoas me apoiando e torcendo por mim. Fechei meus olhos e tentei segurar a memória com força para que ela não escapasse.

Era incrível como duas semanas longe do campus poderiam lhe dar uma falsa sensação de segurança. Enquanto o trem parava na estação, imaginei um campo de força, como um escudo emocional, envolvendo meu corpo.

Eu era mais esperta, mais sábia. E eu sabia que não deveria deixar que qualquer insulto infantil tirasse o melhor de mim. Minha barreira estava levantada e não havia nenhuma maneira que eu deixaria alguém entrar.

Havia apenas uma pessoa que eu não podia esperar para ver quando cheguei no campus.

— Lizzie! — Jane me cumprimentou quando entrei em nosso quarto. Eu visitei Jane algumas vezes em Manhattan nas férias, desde que eu morava do outro lado do rio Hudson, em Hoboken, New Jersey. Jane chegou a ir em uma festa na casa de um dos meus amigos, e impressionou até meus amigos mais críticos com sua bondade. Eu sabia que alguém, em algum lugar, deveria cuidar de mim por ter Jane como minha colega de quarto.

Depois que nos encontramos, Jane queria falar de negócios.

— Então, nós temos uma decisão muito importante para tomar. — Ela foi até seu armário e tirou três vestidos de coquetel. — Qual deles devo usar esta noite?

Meu estômago caiu. Longbourn era o anfitrião da recepção dos veteranos com a Academia Pemberley. O motivo oficial era dar as boas-vindas aos estudantes que voltaram do último semestre no exterior. Mas eu tive a sensação de que era o começo da temporada de caça (a captura de um encontro para o baile de formatura).

— Você me prometeu que iria! — Jane me lembrou.

— Eu sei, eu sei — tentei parecer otimista. Mas, infelizmente, Jane sempre podia ver através de mim.

— Aqui, tente esse... — Jane me entregou um lindo vestido preto. Eu sempre tive que pedir emprestado as roupas dela cada vez que tínhamos um evento formal. E nós tínhamos muitos eventos formais.

Eu estava de pé no nosso quarto, meio nua, quando a irmã mais nova de Jane, Lydia, atravessou a porta. Ela não acreditava em bater… ou fazer qualquer coisa considerada.

Depois que eu fechei o vestido, Lydia pulou na minha cama e declarou:

— É isso que você vai vestir?

— Lydia — repreendeu Jane. — Acho que Lizzie parece fabulosa.

Eu sorri.

— Você tem que pensar isso, Jane. É o seu vestido.

— Oh, certo. — O rosto de Lydia caiu. — Desculpe, Lizzie. É só que Jane pode te emprestar todas as roupas, mas não pode necessariamente ajustá-las em você.

— Lydia! — Jane jogou um caderno em sua irmã. — Você precisa ser mais educada, especialmente...

Jane deixou seu pensamento sumir. Mas Lydia e eu sabíamos o que ela queria dizer.

O pai de Jane e Lydia foi demitido no Natal quando sua empresa se fundiu com outro banco de investimento. Isso não importava muito – ele recebia um grande pagamento e o dinheiro não parecia um problema. Embora, com as palavras que corriam por todo o campus, você teria pensado que Jane e Lydia voltaram das férias com lepra.

Quando Jane e eu terminamos de nos arrumar, Lydia começou a choramingar.

— Não é justo. Por que eu não posso ir? É melhor que você pelo menos me deixe ir ao shopping fazer compras com você.

Jane corou.

— Calma, ninguém foi convidado para nada.

— Ainda — Lydia respondeu.

— A recepção desta noite é apenas uma oportunidade para colocar as coisas em dia depois das férias.

— Sim, especialmente com uma certa pessoa voltando de Londres! — Lydia pulou na minha cama, agindo anos mais jovem que a aluna de primeiro ano que era e levou a mão ao coração. — Oh, Charles Bingley, como eu senti tanto a sua falta! — Ela caiu na cama com um suspiro exagerado.

— É isso aí! — Jane começou a espantar Lydia pela porta. — Fora! Nós precisamos terminar de nos arrumar. — Ela começou a ajustar nervosamente sua pulseira.

Charles Bingley passou o semestre anterior estudando no exterior em Londres. Antes de sair, Jane e Charles começaram a se aproximar. Pelo que Jane me contou, nada realmente aconteceu, já que ela sabia que estava prestes a haver um oceano entre eles. Jane geralmente mantinha seus sentimentos perto do colete, mas com a chegada iminente de Charles, ela tornou-se abertamente emocionada.

Especialmente uma vez que sua irmã estava fora do nosso quarto...

— Oh, Charles Bingley, como eu senti tanto a sua falta! — Jane gritou, rindo. Mas então ela sentiu claramente que foi demais. Ela se examinou no espelho e acrescentou: — Eu acho que não há razão para ter minhas esperanças. Ele provavelmente trocou e-mails com muitas garotas no semestre passado.

Uma das coisas mais maravilhosas sobre Jane, além de sua gentileza, era que ela não tinha absolutamente nenhuma ideia de como era linda. Ela estava completamente vazia de vaidade.

— Estou muito animada para vê-lo novamente — continuou ela. — Tenho certeza que ele vai ter toneladas de garotas brigando por ele para o baile de formatura.

— Você está sendo ridícula, Jane! Sério! Se Charles Bingley é mesmo metade do cara que você diz que ele é, ele seria um louco por não lhe chamar para o baile.

Jane me prometera que Charles era diferente dos outros garotos Pemberley que eu conheci. Falar com eles era como ser colocado em um purgatório, sem esperança de ser libertado sem danos significativos à sua autoestima. A primeira vez que eu conheci um cara Pemberley, as primeiras palavras de sua boca foram "*Em que fundos de investimento você investe?"*. Quando eu disse a outro garoto Pemberley que eu toco piano, ele respondeu: "*Há dinheiro nisso*?". Outro mencionou que seu pai estava na Forbes 400 [3] ("e não nos últimos 200") dentro de um minuto que me conheceu. Um quarto manteve os olhos nos meus peitos o tempo todo em que nos falamos. E então ele passou para os peitos da menina seguinte. Pelo amor de Jane, eu rezei para que ela estivesse certa sobre Charles ser diferente daqueles caras.

Jane sorriu e me pegou pelo cotovelo.

— Você é muito gentil, Lizzie. Apenas me prometa que vai tentar se divertir hoje à noite. Você *vai* se divertir. Eu prometo.

Eu queria desesperadamente acreditar que eu poderia ser aceita e tratada como uma pessoa normal na escola. Mas depois do último semestre, não tive vontade de ser amiga da maioria das garotas daqui. Como eu poderia

ser amiga das mesmas pessoas que encontraram tanto prazer em me torturar?

Não, agora eu sabia melhor. Eu faria o meu melhor para ter uma noite livre de incidentes. Minha armadura estava levantada e eu estava pronta.

Capítulo 3

NÓS ENTRAMOS NO HALL DO CAMPUS, DECORADO com pequenas luzes brancas que brilhavam desde as janelas até o chão e lustres de cristal. Mesmo depois de quatro meses, eu ainda não estava acostumada a grandeza dos edifícios aqui.

Meu antigo colégio consistia em blocos de cimento e iluminação fluorescente, não mogno e vitrais coloridos.

— Tão lindo… e isso é só para uma recepção — Jane lembrou-me quando observamos a vista. Ou, pelo menos, o que eu via – Jane estava examinando a multidão, procurando por Charles. — Você pode imaginar o que eles vão fazer para o baile? — Ela perguntou.

Eu tinha ouvido muito sobre o baile de Longbourn. Mas tentei não pensar nisso. Eu sabia que não havia maneira em que eu pudesse ser capaz de ir. A maioria dos alunos de Pemberley não suportava olhar para mim, e muito menos perguntar sobre qualquer coisa. E as normas eram tão ridículas para a classe alta. Os alunos do salão da "recepção" estavam mais arrumados do que qualquer outra festa da Hoboken High. Se isso era casual, eu não poderia imaginar o que seria formal.

Jane foi abordada por uma garota de cabelos loiros apagados, arrumados em um penteado elaborado e diamantes, diamantes reais, brilhando em suas orelhas e pulso.

— Jane, querida — a menina ronronou, fazendo soar meio como uma saudação e meio como uma formalidade.

— Oi, Caroline, bem-vinda de volta. Como você está se acomodando?

— Fantástica. Sinto muito por não ter conseguido falar com você desde que voltei de Londres. As coisas foram tão agitadas. — Caroline começou a me olhar de cima a baixo. — E quem é essa?

Jane colocou o braço em volta do meu ombro.

— Esta é Lizzie Bennet. Ela começou no semestre passado.

— Bennet? Receio não conhecer sua família. Onde passou suas férias?

As questões. Essas perguntas sempre foram o começo. Não demorou muito tempo para que eles começassem a fazer perguntas sobre a minha família – o que eles fazem para viver, onde a nossa segunda casa ficava, o status do meu pai, seu plano de trabalho – para que minha verdadeira identidade fosse revelada.

— LBI — eu brinquei.

Os olhos de Caroline se arregalaram.

— Desculpa?

Não tinha certeza se estava imaginando, mas acredito ter detectado um leve sotaque britânico. Eu não estava ciente de que você poderia pegar um desses em poucos meses. Estive em Longbourn a mesma quantidade de tempo que Caroline esteve em Londres e eu sabia que não estava falando com um sotaque correto.

— LBI. *Long Beach Island*. Você sabe, na costa de Jersey? Eu sou uma bolsista, então eu não saio do continente. — Decidi que seria melhor tirá-la do caminho.

— Oh — Caroline enrugou o nariz como se pudesse sentir o cheiro da mediocridade. — Enfim, Jane, adorável ver você. Precisamos recuperar o atraso logo. — Ela deu um beijo de adeus em Jane e se virou sem me dar uma segunda olhada.

— Essa é a irmã gêmea de Charles — Jane sussurrou em meu ouvido.

— Essa é Caroline Bingley? — Eu tentei não gemer. — Jane, eu questiono seriamente o seu gosto por rapazes agora.

Jane fez uma careta.

— Charles não é nada como ela. Ele é muito próximo de Caroline e se importa com o que ela pensa... mas Charles é… ele é… — Jane ficou corada. — Ele está bem ali.

Eu segui o olhar de Jane para dois caras que tinham acabado de entrar no corredor.

— Qual deles é ele?

— Aquele à direita.

Os dois caras não poderiam ter parecido mais diferentes. O da direita, Charles, estava andando ao redor da sala, sorrindo e cumprimentando as pessoas. Ele tinha o mesmo cabelo loiro desbotado que Caroline, mas seus olhos azuis brilhavam com energia positiva. Todo mundo parecia feliz em vê-lo e ele, por sua vez, parecia genuinamente animado por estar lá.

O outro cara era mais difícil de ler. Ele era alto com cabelos escuros e um olhar de desdém eterno gravado em seu rosto. Ele poderia ter parecido bonito se não parecesse estar com dor.

— Quem é o cara que está com ele? — perguntei.

Jane deixou seu olhar abandonar Charles por um momento.

— Will Darcy.

— Há algo de errado com ele?

Jane encolheu os ombros.

— Ele parece um pouco chateado. Will, às vezes, pode ser excessivamente sério, mas, no fundo, é divertido. Se você tiver a chance de conhecê-lo.

Eu tinha a sensação de que não haveria muitas pessoas aqui esta noite que eu iria querer ter a chance de conhecer. E eu tinha certeza de que o sentimento seria mútuo.

— Jane! — Charles fez o caminho certo para ela. — Justamente a pessoa que eu tenho esperado para ver! — Ele jogou seus braços em volta dela e abraçou-a com força.

Jane estava sem palavras e seus longos cabelos não podiam disfarçar seu rosto avermelhado. Charles, sorrindo de orelha a orelha, virou para mim.

— Oi, acho que não nos conhecemos. Sou Charles Bingley.

— Lizzie Bennet.

Ele apertou minha mão e me deu um sorriso caloroso.

— Lizzie, tão bom conhecer você. Eu ouvi tudo sobre você por Jane. Ela não disse nada além das coisas mais legais.

Porque Jane era uma santa. Ela não podia dizer nada de mal a ninguém. E acredite em mim, eu tentei fazê-la falar.

Charles virou-se para seu amigo quieto, que esteve olhando ao redor.

— Darcy, venha aqui e diga oi para Jane e sua amiga Lizzie.

Darcy se aproximou e deu um beijo rápido na bochecha de Jane. Então ele se virou para mim e seus olhos cor de avelã se trancaram com os meus.

— Olá — disse, apertando minha mão e me dando um pequeno sorriso curioso.

— Olá — respondi. Eu estava um pouco nervosa com a expressão dele. Ele poderia estar me julgando. Ou ele poderia estar fazendo uma leve insinuação. Ou poderia estar planejando um maneira de me jogar na fonte do lado de fora.

Ele abriu a boca para dizer algo mais, depois pensou melhor e decidiu andar rapidamente. Charles riu disso.

— Eu não acho que Darcy tenha se recuperado do jet lag! Lizzie, é realmente ótimo conhecê-la, mas você se importaria se eu levasse Jane para dançar?

O jet lag parecia ser o motivo menos provável para a grosseria de Darcy, mas Charles e Jane estavam tão desesperados por estarem nos braços um do outro na pista de dança que eu dificilmente poderia prolongar a conversa.

Quando os dois começaram a dançar, andei sem rumo pelo salão cavernoso tentando encontrar Charlotte, minha única outra amiga no campus. Eu teci através de conversas entre meus colegas de classe – gabando-se de presentes de fim de ano opulentos, trocando contos de destinos exóticos – conversas que eu não poderia fazer parte. Depois de alguns minutos, desisti e fui para a mesa de refrescos e comecei a me servir uma xícara de chá.

— Parece que você não pode ficar longe de seu trabalho, hein? — Cat de Bourgh, filha de um velho magnata do petróleo do Texas, disse quando veio atrás mim. — Meu pai é assim, exceto que ele administra uma empresa multibilionária. Ele não considera preparar café uma carreira.

Comentários como este simplesmente saltariam do meu escudo. Não, eu não tenho um fundo fiduciário. Na verdade, eu nem realmente entendia o que era um fundo fiduciário, exceto que isso fazia as pessoas agirem como idiotas. Sempre encontrei consolo no fato de que eu era genuinamente mais

inteligente que a maioria da minha classe e que, enquanto eles entraram por causa da primogenitura, eu fiz o meu caminho pelo talento sozinha.

Afinal, o dinheiro pode comprar muitas coisas, mas não tudo.

Me virei e sorri docemente para ela.

— Eu estou supondo que seu pai pensa coisas como 'Venti half-caf, skinny latte', o que também não é muito impressionante. Mas se isso faz você se sentir inteligente – quando realmente você está apenas pedindo um café descafeinado com leite desnatado – quem eu devo julgar?

Cat pegou uma xícara de café descartada e sorriu maldosamente enquanto a virava no meu vestido.

— *Ops* — disse com um sorriso enquanto se afastava.

Minhas coxas começaram a queimar do líquido ainda quente. Eu tentei não fazer nenhum barulho quando rapidamente agarrei os guardanapos.

— Você está bem? — Uma mão estava no meu braço e, instintivamente, me afastei.

Era Will Darcy.

— Oh, desculpe — eu disse. — Sim, eu estou maravilhosa. Grande festa...

Fui até a esquina para tentar salvar o vestido de Jane. A última coisa que eu precisava era ir ao banheiro feminino.

O banheiro era um dos lugares mais vulneráveis do campus, uma armadilha fácil. Apenas outra lição da minha boa educação no semestre passado.

— Aqui. — Darcy se aproximou e me entregou um guardanapo ensopado em água com gás.

— Obrigada. — Eu tive que tentar despreocupadamente colocar meu braço no meu vestido para limpar minhas pernas.

— Eu concordo com você sobre esta ser uma festa maravilhosa. — Ele se inclinou. — Eu odeio essas coisas. Charles teve que me arrastar.

— Eu acho que é algo que ele e Jane têm em comum: seus poderes de persuasão.

— E nós, apesar de nosso melhor julgamento, nos permitimos ser persuadidos.

— Sim, bem, eu acho que nós dois temos uma coisa em comum.

Darcy parecia perplexo.

— O que faz você pensar que não teríamos mais nada em comum?

Soltei uma risadinha. Eu tinha esquecido que ele não sabia sobre mim… e a minha situação.

Darcy voltou sua atenção para a questão do vestido arruinado.

— Está saindo?

Eu balancei a cabeça. Embora o vestido fosse preto, ele tinha uma delicada camada de chiffon que estava ficando crocante do café.

— Jane vai me odiar — eu disse com um suspiro. Darcy estava confuso.

— Por que Jane te odiaria?

— Este é o vestido dela. Eu nunca poderia ter um vestido tão legal quanto esse. Mas talvez agora ela me deixe ficar no meu quarto de uma vez por todas, em vez de tentar transformar o patinho feio em um cisne com algumas penas emprestadas.

— Oh. — Algo começou a se registrar no rosto de Darcy. O olhar divertido foi substituído por uma compreensão lenta do que estava acontecendo. Irritou-me que ele parecia ser útil e genuinamente preocupado comigo… até que ele descobriu sobre o meu segredo profundo e sombrio.

— Sim, eu sou uma bolsista.

Darcy fez uma careta com a palavra bolsista. Parecia que a mera menção de casos de caridade lhe causou uma enxaqueca.

— Eu vejo — respondeu. Ele gesticulou novamente para a mancha de café. — Bem, boa sorte com isso. — Então ele saiu tão abruptamente como veio.

Fiquei ali com as mãos cheias de guardanapos sujos e ensopados de café. Eu não deveria ter ficado surpresa que uma vez em que ele descobrisse a verdade sobre mim, ele não gostaria de ser visto em minha presença. Acho que isso era um lembrete do universo de que nada seria diferente neste

semestre. Eu era quem eu era, e eu deveria me considerar sortuda por haver pelo menos algumas pessoas que me aceitassem.

Fui em direção a saída. Tentei fazer um esforço e agora meu esforço estava feito. Era melhor não tentar mais o destino.

— Bem, olá, Elizabeth — uma voz interrompeu.

Eu detive meus passos no meu caminho. Minha noite certamente não ia melhorar.

— Oi, Colin — respondi.

Colin Williams era um dos poucos alunos da Pemberley que conversavam comigo. No começo eu pensei que era porque ele era uma pessoa maior do que sua criação ditada. (Pelo menos um membro de sua infame família tinha um assento no Congresso por décadas.) Mas logo percebi que a amizade entre Colin e eu era porque ele era possivelmente a pessoa mais chata do mundo, e poucas outras pessoas poderiam tolerar estar em uma conversa com ele. Não surpreendentemente, ninguém pensou em me dar um aviso antes que eu ficasse presa em uma discussão de uma hora (embora, possa ser uma discussão se apenas uma pessoa estivesse falando?) com ele no início do ano sobre os benefícios da educação privada. (Havia muitos, e ele listou todos eles.) No momento em que ele acabou, ficou muito surpreso ao ver que eu ainda estava parada ali. Desde então, ele me procurava em qualquer evento em que nossas duas escolas tivessem.

— Como foram as suas férias? — ele me perguntou agora.

— Tudo bem. E as suas?

— Fabulosas, fomos para a nossa casa em St. Bart's para o Natal. O tempo lá nesta época do ano é mais agradável. O recorde de baixa temperatura é de 18.5ºC, e não chegamos perto disso. Na verdade, estávamos bem acima da média de 25 graus, o que foi uma bênção, eu te digo. Uma bênção. — Ele limpou um pedaço de fiapo de seu casaco de *tweed*. Colin não só se vestia como se ele fosse trinta anos mais velho do que sua idade real, mas ele também falava como um professor idoso; tanto em sua escolha de palavras quanto na quantidade de tempo que levava para formar uma frase. — Eu gosto de sair do frio de Connecticut, onde a

temperatura média para dezembro gira em torno de 4º. O que é melhor que a média de janeiro… mas ainda assim. Onde você passou o Natal?

— Cranford.

Ele olhou para mim sem expressão.

— Minha avó mora em Cranford... New Jersey.

— Que pitoresca.

— Sim, estranho. — Eu olhei ao redor, esperando encontrar Jane para que ela pudesse me salvar. Mas ela e Charles pareciam muito confortáveis no canto.

— Você está gostando da recepção? — Colin perguntou.

— Para ser honesta…

— Eu acho que a equipe fez um trabalho fantástico decorando o salão. As luzes são uma reminiscência das que nós tínhamos dentro do nosso *foyer* principal em nossa casa em Boston. Eu não acho que você pode decorar corretamente para as festas sem luzes brancas. Elas realmente são lindas em…

— Colin! — Eu interrompi. Se eu não fizesse isso, nunca seria capaz de sair. — Eu derramei café no meu vestido e realmente preciso ir para o meu dormitório.

— Oh, eu sinto muito ouvir isso. Você sabe, a melhor coisa para uma mancha é encharcá-la durante a noite com água quente. Pelo menos, isso está de acordo com a minha ex-babá e, deixe-me dizer, ela certamente viu algumas manchas em seu dia a dia. Meus irmãos e eu nunca vimos um campo de lama que não...

— Colin, eu tenho que ir. — Nem esperei ele dizer adeus. Eu odiava ser rude com ele porque ele sempre foi legal comigo, mas eu estava tão infeliz que não achei que conseguiria lidar com outra palavra que saísse da sua boca.

Eu estava a apenas alguns metros da saída quando vi ninguém mais do que Darcy parado ali, mirando o seu relógio. Antes que ele pudesse me ver, me abaixei atrás de uma coluna, tentando descobrir se havia outra maneira

que eu pudesse sair. Dessa forma, eu espiei Charles vindo para conversar com seu amigo, bloqueando qualquer rota de fuga que eu poderia ter tido.

— Darcy, não é ótimo estar de volta? — Ouvi Charles dizer. — Você tem que admitir que esta é uma visão bem-vinda, especialmente depois de quatro meses na triste Londres.

— Dificilmente — disse Darcy secamente. — Estou começando a pensar que eu deveria ter ficado em Londres. Estar de volta foi mais difícil do que eu pensava. Não sei porque eu deixei você me arrastar para essa coisa. As meninas aqui estão praticamente espumando pela boca sobre o baile. E aqui estava eu, com a impressão de que as meninas de Longbourn tinham classe. Que tonto eu sou.

Charles riu.

— Do que você está falando? Você claramente deixou toda essa chuva inglesa abafar seus espíritos. Como você pode dizer isso sobre minha irmã... e Jane? E a amiga de Jane, Lizzie? Você deveria pedir a ela para dançar.

Darcy gemeu.

— Eu não penso assim. Você sabia que ela é uma bolsista?

— Ah é?

Havia uma pausa silenciosa.

— Darcy, nem toda pessoa…

— Você é tão ingênuo que pensaria que a primeira pessoa que eu gostaria de cumprimentar de braços abertos no campus fosse uma bolsista? Realmente, Charles? Eu fui a Londres para fugir de…

Uma enxurrada de meninas indo para o banheiro feminino bloqueou a vista do meu esconderijo por um segundo, então aproveitei a oportunidade para ir embora. Eu não queria ouvir outra palavra. Eu fiquei ao longo da fronteira do corredor até Will Darcy sair e a saída estar limpa. Não podia acreditar que ele tinha tanto ódio aberto pelos pobres. Fui boba ao pensar, mesmo que por um curto momento enquanto ele esteve me ajudando, que ele era diferente de qualquer outra pessoa por aqui.

Ele era o mesmo. Eles eram todos iguais.

Eu era a única que era diferente.

Capítulo 4

JANE ABRIU LENTAMENTE A PORTA E ME ENCONTROU TERMINANDO DE desempacotar as minhas coisas.

— Lizzie, para onde você foi? — perguntou. — Você está bem? Eu estava preocupada com você.

— Sinto muito, Jane. Eu derrubei café no seu vestido. Na verdade, Cat de Bourgh jogou café no seu vestido. Ou, ainda mais precisamente, Cat queria derrubar café em mim e seu vestido ficou no caminho. Como pode ver, eu tive uma noite muito ruim.

— Nem se preocupe com o vestido.

— Se a limpeza a seco não consertar, eu vou pagar de volta por isso.

Jane sentou na minha cama.

— Na verdade, eu não me importo com o vestido. Eu me importo com você. Você está bem?

Assenti. Eu não tinha energia para contar a ela sobre Darcy. Além disso, eu estava certa que a noite de Jane tinha sido o oposto da minha. Seu rosto estava brilhando.

— Eu vou ficar muito melhor quando você me contar tudo sobre o que aconteceu entre você e Charles — disse.

O brilho se transformou em uma chama.

— Foi incrível! Nós passamos a noite toda juntos. Ele queria ouvir todos os detalhes sobre as minhas férias. Ele nem se esquivou do que aconteceu com meu pai. E ele realmente quer que todos nós nos encontremos em breve.

— Nós todos?

— Lizzie, eu realmente quero que você conheça Charles.

— Eu admito, ele parece ser um bom sujeito.

— Ele realmente é. Além disso, poderia considerar pescar Darcy...

Uma risada escapou da minha garganta.

— Darcy? Eu sei que você só vê o bem nas pessoas, mas sério, Jane. Esse cara é tão cheio de si mesmo. Além disso, eu o ouvi dizendo a Charles que ele basicamente foi embora para Londres para fugir das bolsistas da escola.

— Oh, Lizzie, pare com isso!

— Eu estou dizendo a verdade.

Jane deu um tapinha no meu joelho.

— Tenho certeza que você entendeu mal o que ouviu.

— Como eu posso entender mal? *"Eu fui embora porque sou um idiota pomposo que não pode estar na presença de alguém que não tem um fundo fiduciário"?*

Jane riu.

— Bem, se ele disse isso…

— Ok, eu posso estar parafraseando um pouco. Eu te prometo isso: estou mais do que disposta a sair e conhecer Charles. Na verdade, estou ansiosa por isso. Mas eu não faço promessas quando se trata de Will Darcy. A menos que alguém possa me prometer que nunca mais vá vê-lo.

Capítulo 5

ENCONTREI CHARLOTTE ATRÁS DE UMA PILHA DE LIVROS DE DIDÁTICOS NA nossa sala comum na manhã seguinte.

— O que aconteceu com o nosso lema de "nenhum plebeu será deixado para trás"? — Eu joguei minha mochila no banco ao lado dela. Charlotte levantou os olhos do livro.

— Sinto muito. Eu tinha toda a intenção de ir, mas o pensamento de uma noite tranquila no meu quarto era simplesmente irresistível. — Ela examinou os livros ao seu redor. — Eu queria ter um bom início com a leitura deste semestre, porque... bem, você sabe…

Eu sabia. Charlotte e eu estávamos em provação permanente. Charlotte estava em uma bolsa acadêmica de estudos, então ela não poderia ficar abaixo da média B. E desde que eu tinha uma bolsa de estudos acadêmica e de música, eu não era permitida abaixo de uma média B menos. E eu tinha que ensaiar com a Sra. Gardiner todos os dias, que era a única coisa que eu esperava. Enquanto nós tínhamos tido apenas um concerto até agora, eu estava começando a ter uma reputação como um das melhores alunas de música da escola. Desde que Longbourn passou a ser uma escola privada, orgulhava-se de seu programa de artes: música, pintura, dança. Longbourn era um lugar onde músicos talentosos poderiam se aposentar em Connecticut e fazer um salário de luxo ensinando meninas super privilegiadas. A Sra. Gardiner parecia apreciar o fato de que ela finalmente tinha uma aluna que queria um desafio e poderia enfrentar sonatas difíceis. Mas isso também significava que, além de estudar, praticar e trabalhar, havia pouco tempo para qualquer outra coisa.

— Bem, acredite em mim — assegurei a Charlotte. — Você não perdeu muito. — Transmiti os eventos da noite. — Mas — conclui —, pelo menos, Jane está feliz. Os dois parecem encantados.

Charlotte sorriu.

— Isso é tão bom. O que as pessoas estavam dizendo sobre o baile?

— Ninguém me disse nada sobre o baile. Claro, ninguém me disse nada sobre nada mais, também.

— Certo. Bem, espero que Jane seja convidada para o baile de formatura em breve. Você pode imaginar algo mais horrível do que desperdiçar um semestre com um cara e depois ele não lhe convidar para o baile?

— Charlotte, somos estudantes bolsistas. Nós tivemos coisas muito piores acontecendo conosco. No grande esquema das coisas, ir ao baile de formatura, para nós, é tão importante quanto os cupons de alimentação são para um menino Pemberley.

— Lizzie! Você não quer ir ao baile?

Parecia uma pergunta tão fácil. Mas para mim, não foi. Eu queria ir ao baile? Claro.

Quando menina costumava cortar fotos de vestidos da edição de formatura da *Seventeen*, imaginando que eram simplesmente vestidos saídos de uma noite de conto de fadas. Mas isso não ia acontecer aqui. Porque na minha fantasia de formatura, eu não só tinha um vestido lindo, eu tinha o cara perfeito. Olhei para Charlotte, minha parceira na pobreza.

— Gostaria que fosse assim tão simples — disse a ela.

Eu queria que muitas coisas fossem simples. Mas essa não era a minha realidade. Na vida real, eu era uma garota bolsista que ia se atrasar para o trabalho que mal a pagava caso ela não começasse a se mover. As tardes de domingo no *Java Junction* estavam sempre lotadas. Alunos da Pemberley e Longbourn precisavam consumir café para alavancar nos estudos que deveriam ter feito a semana toda. Eu não sabia o que esperar no primeiro fim de semana de volta das férias. Mas quando cheguei, me vi entrando em um manicômio de estudantes. Rapidamente amarrei meu avental vermelho em volta da minha cintura e pulei para trás do balcão.

— Na hora certa. — Minha colega de trabalho, Tara, parecia confusa. — Estou cercada por sua espécie.

Tara Hill era uma estudante da escola secundária local e constantemente me provocava por ser uma deles – neste caso, eles são os elitistas na fila. Assegurei a ela que se eu fosse realmente um deles, dificilmente estaria do mesmo lado do balcão que ela. E isso teria sido uma perda. Porque enquanto eu realmente não gostava de ter que servir os alunos da minha

escola e da Pemberley, eu gostava de sair com Tara e as outras pessoas "normais" com quem trabalho.

Não que nós sempre tivéssemos tempo para conversa. Passei a meia hora seguinte cozinhando *latte*, colocando a cobertura dos *mochas* e tentando acompanhar.

— Posso ajudar? — perguntei ao próximo cliente, que tinha se virado para olhar pela janela.

Quando ele se virou para mim, fiquei horrorizada ao descobrir que era Darcy. Ele parecia muito perplexo por me ver, também.

— Você trabalha aqui? — perguntou, fazendo parecer que ele tinha acabado de entrar em seu quarto para me encontrar trocando os lençóis.

Eu olhei para o meu avental *Java Junction* vermelho e puxei minha viseira.

— Não, eu pensei que isso era uma festa a fantasia. Que boba! Mas desde que estou aqui, eu pensei que alguém tem que servir o café...

Ele nem sequer deu um sorriso.

— Certo. Bem, eu acho que vou tomar um café grande e preto. Embora, por favor, não se machuque. — O canto de sua boca subiu ligeiramente.

— Sim, tenho certeza de que você gostaria disso. — Darcy franziu a testa e gaguejou um pouco.

— Não, não, eu só queria dizer… depois que derramou na noite passada, você provavelmente… não importa.

Dei as costas para ele e peguei seu café o mais rápido possível sem me queimar.

— Aqui está. — Finalizei o seu pedido. Ele me deu uma nota de vinte dólares e começou a se afastar.

— Seu troco — chamei por ele.

Ele se virou e sorriu rigidamente.

— Não, está tudo bem.

— Seu troco — disse mais alto, e estendi seu dinheiro na minha mão.

— Lizzie! — Tara engasgou.

Darcy hesitou e depois voltou e pegou o dinheiro de mim.

— Você é louca? — Tara disse quando Darcy saiu pela porta. — Essa era uma gorjeta de dezessete dólares!

Eu não era louca. Eu só não queria me encaixar em qualquer estereótipo que Darcy tivesse sobre a "minha espécie". Apesar de o que ele pode ter pensado, minha integridade não estava à venda.

•

— Você voltou! — Jane saltou de sua mesa quando entrei em nosso quarto. — Adivinha.

Tirei meus sapatos e comecei a esfregar meus pés.

— Isso tem alguma coisa a ver com o Sr. Bingley?

— Sim! Ele nos convidou para a casa de esqui de sua família em Vermont no próximo final de semana! — Sua voz estava duas oitavas acima do normal.

— Essas são ótimas notícias!

Jane sentou-se ao meu lado.

— Então você vai? Você vai mudar o seu horário no trabalho e tudo mais?

Eu tinha prometido a Jane que faria um esforço com Charles e sabia que não poderia voltar atrás agora.

— Claro que eu vou, embora tenha que te avisar: eu não esquio.

— Você não precisa esquiar. Você pode beber chocolate quente enquanto estuda, mas… Charles disse que sua família tem um piano de cauda Steinway em sua casa, então você pode até mesmo passar o fim de semana praticando.

Eu tinha que admitir, isso soava divertido.

— Parece bom!

— *Uhuu*! Você vai amar Charles. E honestamente, Caroline e Darcy não são tão ruins quanto você os vê por fora.

Gemi.

— Espere. Eles estarão lá também?

— Claro. Eu sei que você e Darcy começaram com o pé esquerdo, mas tenho certeza de que foi um simples mal entendido.

Eu queria protestar mais, mas a expressão no rosto de Jane era tão esperançosa, cheia de expectativas, que eu apenas não podia desapontá-la. Ela estava radiante desde a chegada de Charles e eu não queria ser a primeira a apagar seu brilho.

— Ok, ok — eu disse, cedendo.

Eu estava fazendo isso por Jane. Jane, que tinha feito muito por mim. Além disso, eu tinha toda a intenção de passar o fim de semana inteiro trancada em nosso quarto ou acorrentada ao piano.

Eu iria por Jane. Eu certamente não conheceria Darcy e Caroline melhor.

E eu não ia gostar disso.

Capítulo 6

A CARAVANA ESTAVA SAINDO PARA VERMONT ÀS CINCO horas de sexta-feira. Tive que trabalhar um par de horas extras depois da aula para compensar os turnos que eu estava perdendo naquele fim de semana, e minha substituta chegou atrasada. O que significava que eu tinha que correr dez quarteirões do *Java Junction* para me encontrar com todos.

Quando dobrei a esquina e vi Jane, Charles, Darcy e Caroline esperando por mim, percebi que minhas bochechas estavam coradas e eu estava quase sem fôlego.

Caroline bateu no relógio com impaciência e ficou horrorizada ao me ver aproximando.

— Você deve estar brincando — disse.

Eu parei pelo caminho. Apesar do fato de que ela me ignorou durante toda a semana na aula, eu estava certa de que minha vinda com eles não poderia ser uma surpresa.

Me aproximei deles cautelosamente. Jane e Charles pareciam felizes em me ver.

— Você está aqui! — Jane exclamou. — Você está bem?

— Sim. — Tentei controlar minha respiração. — Tara estava atrasada para o seu turno, então eu tive que correr até aqui.

— O que na Terra está no seu rosto? — Caroline perguntou desgostosa.

— O que? — Comecei a limpar meu rosto quente e suado.

Darcy estava me estudando, os cantos de seus lábios levemente virados para cima.

Jane riu.

— Oh, eu acho que você tem um pouco de chocolate…

— O que? — Eu continuei a limpar meu rosto.

— Aqui. — Jane tirou o estojo da bolsa e fiquei espantada e um pouco envergonhada por ver uma linha de molho de *mocha* na minha bochecha com manchas vermelhas. Eu estava uma bagunça completa.

Jane me entregou um lenço de papel e eu fiz o meu melhor para melhorar as coisas.

Darcy soltou uma risadinha – eu tinha certeza que ele estava curtindo esse momento, e gostei da companhia dele menos ainda por causa disso. Ele foi até o banco de trás do SUV de Charles e abriu a porta.

— Depois de você. — Ele gesticulou com a mão. Entrei no banco de trás e tirei meu caderno de cálculo.

Jane sentou-se na frente com Charles, enquanto Caroline se aproximou de Darcy na fila do meio dos assentos. Eu esperava que pudesse passar minha tarefa de cálculo durante a viagem de duas horas. E desde que Caroline passou o tempo todo sussurrando comentários depreciativos sobre a maioria das garotas em Longbourn, eu fui praticamente deixada sozinha. De vez em quando, Jane tentava me trazer para a conversa e eu educadamente respondia suas perguntas. Darcy continuou olhando para mim e para o meu caderno, como se eu precisasse de sua ajuda com a minha tarefa. Respondi mudando meu caderno de notas para que ficasse fora de sua vista.

Terminei quando o carro começou a girar lentamente e virar as montanhas. Eu não pude deixar de olhar com admiração quando passamos por enormes cabanas de madeira e grandes pousadas de inverno. Nós viramos em uma estrada particular e dirigimos por mais algumas milhas. As árvores imponentes e a neve branca encapsulavam o carro, me fazendo sentir tão pequena e insignificante – um sentimento que me acostumei nos últimos meses.

A “casa de campo” de esqui dos Bingleys era uma estrutura de vidoeiro de três andares com janelas com vista panorâmicas para as montanhas. À esquerda, poderíamos ver as trilhas de esqui – a enorme e mortal pista de esqui. Não havia nenhuma maneira que eu estava pensando em tentar esquiar neste fim de semana. Eu já tinha me envergonhado o bastante.

Depois que pegamos nossas malas do carro, Charles nos deu um grande tour pela casa. Havia apenas um cômodo em que eu estava interessada: a sala de estar que continha um lindo piano Steinway. Vendo tamanha beleza, qualquer hesitação que tive no final de semana foi embora. *Deixe que todo mundo esquie, eu teria música.*

Charles nos guiou para o andar de cima. Seu quarto e os dois quartos de hóspedes (Darcy em um, Jane e eu no outro) ficavam no segundo andar, com Caroline no terceiro andar, perto do quarto principal. Jane desceu com Charles enquanto eu passava mais tempo do que o necessário desempacotando minhas coisas. Fui examinar a lista de trabalhos de casa que eu queria fazer quando bateram à porta.

— Oi. — Charles enfiou a cabeça para dentro. — Estou tão feliz por você estar aqui conosco neste fim de semana. — Seu sorriso foi muito acolhedor. Jane parecia ter realmente encontrado o único cara legal em todos os Pemberley. — Estamos prontos para jantar e eu esperava que você fosse se juntar a nós.

— Oh… — Eu não tinha percebido o quanto eu estava demorando. Era muito tarde e eu estava morrendo de fome.

Quando descemos as escadas, Charles olhou para mim.

— Ouvi dizer que você é uma exímia pianista. Eu estava esperando que você pudesse tocar para nós hoje à noite.

— Oh, eu não sei....

Chegamos na sala onde Caroline, Darcy e Jane estavam sentados no sofá. Caroline tinha se acomodado bem ao lado de Darcy, enquanto Jane parecia completamente inconsciente de seu flerte.

Fui até o piano e comecei a passar os dedos pelas teclas.

Algumas garotas sonhavam com joias da *Tiffany* ou sapatos *Jimmy Choo*. Eu, por outro lado, sempre sonhei em um dia ter meu próprio Steinway. Em casa, tínhamos um piano padrão que estava sempre em desesperada necessidade de ajuste. Quando eu toquei naquele piano, era como tentar usar uma caneta para pintar a Mona Lisa. Com um Steinway, era como se eu tivesse todos os materiais de que precisasse. O resto dependia de mim. Era um desafio em um campo de jogo de igualdade. Não importava se eu tivesse dinheiro ou não, o que importava era o talento.

— Quem toca? — eu perguntei, quase para mim mesma.

— Minha mãe costumava ter aulas — disse Charles.

Eu soltei um suspiro frustrado. Me matava que um instrumento tão bonito não estava sendo usado. Isso era mais para decoração do que para tocar.

— De qualquer forma — continuou Charles —, Henry fez seu famoso frango assado com arroz selvagem. Você deve estar morrendo de fome.

Eu não conseguia desviar o olhar das brilhantes teclas de marfim. Apenas assenti.

— Quem é Henry? — perguntei.

— Ele supervisiona nossa casa quando estamos fora. E ele é um dos melhores cozinheiros do nordeste.

Um homem mais velho saiu da cozinha e começou a colocar comida na mesa de jantar. Eu não fiquei particularmente surpresa. Os pais dos Bingleys sabiam que não deveriam deixar crianças desacompanhadas para o fim de semana, e eu estava um pouco grata por ter alguém que poderia me relacionar.

— O jantar deve demorar mais alguns minutos — disse Henry antes de voltar para a cozinha.

Charles tocou no piano.

— Lizzie, por que você não toca algo para nós antes de comermos? — Ele puxou para fora o banco para mim. — Seria bom ter alguma música na casa.

— Lizzie é incrível! — Jane me encorajou.

Hesitei. Eu estava com fome de tocar, de fazer a única coisa que sempre me sentia confortável fazendo. Me senti aliviada, como eu pertencia quando tocava. Sentei-me e continuei correndo meus dedos levemente sobre as teclas. Tentei alguns acordes e eles tocaram gloriosamente pela sala grande.

Antes que eu pudesse me conter, entrei no primeiro movimento do concerto para piano de Bartók nº 2. Meus dedos começaram a voar com urgência enquanto a música se desenrolava de dentro de mim. Eu instantaneamente aliviei a tensão da viagem, deixando escapar toda a minha frustração com as teclas.

Por quase nove minutos, eu estava sozinha. Era só eu, o Steinway e minha forma de tocar. Balancei de volta e para frente no banco enquanto

meus dedos tentavam acompanhar o desafio que Bartók havia estabelecido.

Na minha cabeça, eu podia ouvir as cordas e a seção de percussão que o acompanhavam. No final do primeiro movimento, meus dedos voaram as teclas uma última vez antes de terminar com um floreio.

Eu estava um pouco sem fôlego no final, minhas bochechas coradas pela adrenalina de se apresentar e minha mente abençoadamente clara.

— Bravo! — Jane comemorou.

— Isso foi brilhante! — Os olhos de Charles estavam arregalados. Ele continuou olhando de mim para o piano.

— Foi barulhento — Caroline respondeu do sofá. Ela parecia entediada.

Charles se aproximou e colocou a mão no meu ombro.

— Lizzie, eu não acho que o nosso piano poderia suportar ser tocado por qualquer outra pessoa depois disso.

Caroline se levantou do sofá.

— É hora do jantar ou vamos ter que ouvir mais barulho? Eu já tenho uma dor de cabeça da viagem.

Darcy riu.

— Eu acho que Bartók não é para todo mundo.

— Você sabia que era Bartók? — Eu estava surpresa.

Ele encolheu os ombros.

— Eu presto atenção na aula de música.

— Por favor — Charles começou a dizer —, é mais como…

Darcy lançou um olhar a Charles, o que deixou claro que ele não queria que ele continuasse.

Caroline sentou-se à mesa.

— Bem, eu acho que sabemos que tudo o que é preciso para alguém conseguir uma bolsa de estudos em Longbourn é a capacidade de fazer muito barulho.

Jane veio até mim e sussurrou:

— Não dê ouvidos a Caroline. Ela só está com ciúmes. Eu não acho que ela goste do jeito que Darcy está olhando para você.

— O quê? Ela quer ser olhada com absoluto desprezo? — sussurrei de volta.

— Lizzie!

— Estou apenas dizendo...

Nós nos sentamos à mesa da sala de jantar e começamos a mergulhar na maravilhosa refeição de Henry.

— Tem certeza de que não podemos convencê-la a ir esquiar com a gente amanhã? — Charles me perguntou. — Tenho certeza que Darcy não se importaria de lhe dar algumas dicas.

— Claro — disse Darcy, sem saber.

— Oh, obrigada. Mas eu tenho essa coisa contra danos corporais.

Charles riu.

— Tenho certeza de que você ficaria bem.

— Eu aprecio sua confiança em mim. Infelizmente, eu estou mais confortável em um piano do que na neve.

— Bem, se você for uma esquiadora tão boa quanto uma pianista, você, sem dúvida, esquiaria círculos ao nosso redor. Mas eu entendo. Henry cuidará bem de você amanhã. Eu realmente quero que você se sinta em casa aqui. Considere-se da família.

Ignorei o bufo de Caroline. Charles era tão genuíno e tinha uma atitude tão positiva, eu queria que mais pessoas fossem como ele. O mundo, imaginei, seria um lugar melhor com mais Charles Bingleys do que Caroline Bingleys... ou até Will Darcy.

Capítulo 7

DESCI AS ESCADAS NA MANHÃ SEGUINTE para encontrar todos na mesa da cozinha, bebendo café e comendo um surpreendente banquete que Henry havia preparado.

— Bom dia — Charles me cumprimentou. — Como dormiu?

— Muito bem, obrigada! — Me servi um bagel. — Charles, há alguma livraria na cidade? Eu me esqueci de trazer uma cópia de Os Contos de Cantuária antes de sair e tenho que fazer minha tarefa de inglês. — Me aproximei do armário para pegar meu casaco.

Darcy se levantou.

— Não se preocupe… Eu te levo.

— Não, está tudo bem.

Ele não fez caso e tomou seu casaco.

— Você não tem que ir esquiar? — perguntei.

— As encostas não vão a lugar algum — respondeu ao mesmo tempo em que abria a porta da entrada.

Lá fora estava resplandecente devido ao sol brilhando sobre a neve. Caminhamos até o carro em silêncio, o único ruído procedia da neve fresca triturando embaixo dos nossos pés. Darcy se aproximou do lado do passageiro e abriu a porta. Eu me detive em seco.

— Pensei que havia dito que ia dirigir.

Ele me olhou perplexo.

— Só estou abrindo a porta para você.

— Oh.

Senti-me estúpida de que um sensível e cavalheirismo gesto poderia derrubar minhas defesas. Me meti no carro sem dizer uma palavra.

Começamos a escutar os informes de esqui no rádio durante a curta viagem a cidade.

Darcy abaixou o volume.

— Hoje é um grande dia para esquiar. Está certa de que não podemos te persuadir para se juntar a nós? É realmente divertido.

— Não, obrigada. — disse, embora olhasse as montanhas cobertas de neve. — Não acredito que nada possa ser considerado divertido dando uma visita na sala de emergências.

Darcy soltou uma pequena risada.

— Bom, isso parece bastante justo. Mas não posso evitar de me perguntar por que você viria até aqui para um fim de semana de esqui se não tem nenhuma intenção de esquiar.

— Oh, bom, isso é fácil. Por Jane. É o mínimo que lhe devo.

Darcy me olhou rapidamente.

— Pelo vestido?

— Não, é mais que isso. Jane é tudo para mim. Não há nada que não faria por ela, assim, vir de tão longe para um fim de semana é o mínimo que poderia fazer.

Darcy ficou em silêncio por alguns momentos.

— Mas você não a conhece a só um semestre?

— Sim, mas temos passado por muitas… — Fiz uma pausa. — Não acredito que poderia ter sobrevivido em meu primeiro semestre sem ela. — Minha voz era baixa, apenas um sussurro. — Nunca me dei conta de que a bondade poderia ser um luxo.

Não sei porque senti a necessidade de confessar isso a Darcy. Talvez essa fosse a minha maneira de falar de Jane ao bom amigo de Charles. Ou talvez apenas estivesse cansada de que as pessoas só me vissem de uma maneira.

Me voltei para a janela por completo, enquanto chegávamos ao centro da cidade, com a esperança de que Darcy não insistisse mais.

As duas quadras da cidade estavam cheias de elegantes butiques, tendas de alimentos orgânicos, cafés, restaurantes e, felizmente, uma pequena livraria.

Darcy estacionou e entramos.

— Por aqui — disse Darcy, levando-me para a prateleira de literatura clássica. — Eu preciso de uma cópia de Noite de Reis do ano passado. — Ele examinou a estante e encontrou Os Contos de Cantuária — Aqui está. — Parecia satisfeito e se dirigiu a caixa registradora, de onde tirou um cartão preto.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Ele não me escutou.

— Quer levar algo mais?

Neguei com a cabeça.

— Não, não entendo porque tirou seu cartão de crédito. Você não vai pagar pelo meu livro.

Quando comecei a me mover para a linha do caixa, Darcy ficou parado. Eu o olhei.

— Qual é o seu problema? — perguntou ele.

— Desculpa? — respondi-o com frieza.

— Parece que você tem um problema não só comigo, mas com todo mundo em Longburn e Pemberley.

Minha boca se abriu.

— Eu sou a que tem um problema? Se pensasse que você era capaz de ter algum senso de humor, acreditaria que está me gozando.

— Estou me oferecendo para comprar seu livro e em vez de agradecer, você me insultou. Por que não me deixa pagar por ele? Realmente não é grande coisa para mim.

Agarrei o livro de sua mão.

— Oh, e é um grande problema para mim?

Ele cruzou os braços.

— Realmente não há razão para fazer caso disso.

— Não estou fazendo caso, estou comprando algo para a aula. Não preciso de um empréstimo para comprar um livro de bolso.

— Eu não acho que é disso que se trata.

— Oh, é sério? — disse. Darcy só havia me conhecido há alguns dias, apenas havíamos tido uma conversa e ele pensava que já havia me decifrado. — Bom, ao menos não tenho que me esconder por trás do meu dinheiro. Eu ganhei tudo o que tenho.

— Você não sabe nada sobre mim.

Tratei de manter a minha voz calma.

— E você acredita que me conhece? Me diga, Will, alguma vez já trabalhou? Alguma vez já teve que fazer as tarefas da sua casa… oh, sinto muito, mansão?

Ele olhou para o chão.

— Penso que não. Sabe o quê? Quando eu estava crescendo, sempre quis que minha família fosse rica. Imaginei não ter que economizar para comprar coisas. Sonhei que não era uma luta para meus pais pagarem minhas aulas de música. Mas era. E quando cheguei a Longburn e fui tratada como lixo e descobri que as pessoas eram mais vis e egoístas do que eu pensava que poderiam ser, fiquei agradecida de ter nascido na classe média. De não ter tido tudo nas mãos. Porque trabalhar pelas coisas te faz uma pessoa melhor.

Darcy apertou a mandíbula.

— Essa é sem dúvida uma crítica dura. Por acaso chegou a nos conhecer antes de começar a julgar?

— Quando? — Minha voz se quebrou inesperadamente. — Quando tive vales de alimentação metidos na minha caixa de correio? Quando tive que esfregar o "*não queremos vagabundos*" escrito na minha porta? Quando as pessoas estavam atirando coisas na minha cara durante minha primeira semana? Diga-me, alguma vez já teve um milk shake sendo jogado no seu rosto?

Darcy estava envergonhado. Ele não tinha ideia do que eu havia passado. E agora, aqui estava. O Rei das Elites, me dizendo que eu estava julgando-os mal.

Continuei:

— Por favor, diga-me em que ponto entre as gracinhas e as humilhações durante os meus primeiros meses você supõe que eu ia conhecê-los melhor?

— Eu não….

— É claro que não. Esse é meu ponto.

Me aproximei do balcão e tratei de não me sentir autoconsciente quando tive que pegar minhas notas amassadas de um dólar do vaso de gorjetas do *Junction* no momento de pagar.

Uma vez que a compra estava completa, voltei ao carro sem nem sequer olhar para Darcy. Agarrei a maçaneta antes que pudesse abrir a porta para mim.

— E no caso de não ter sido clara — disse, uma vez que ele havia me alcançado. — Quero que saiba que não tenho nenhum interesse em você ou no seu dinheiro.

Entrei no carro e fechei a porta em um golpe.

Voltamos em silêncio. Corri para o meu quarto logo que chegamos à cabana. Não relaxei até que escutei os demais saírem para as encostas.

Capítulo 8

APESAR DA DURA MANHÃ, acabei tendo um ótimo dia na casa de esqui dos Bingleys. Eu me peguei adiantando toda a minha lição de casa, e dei a Henry um mini-concerto sobre Steinway.

Eu estava na minha segunda xícara de chocolate quente incrível de Henry quando todo mundo voltou de sua tarde nas encostas. Caroline entrou com Darcy, rindo e falando em seu ouvido. Peguei meu livro de antologia inglesa e decidi que poderia ir ainda mais longe na minha leitura.

— Ei, Lizzie, como foi seu dia? — Charles perguntou no segundo em que Jane e ele entraram. Ele sacudiu a neve da sua jaqueta e ajudou Jane a tirar as botas. Suas bochechas estavam vermelhas e brilhantes do frio.

— Foi ótimo — respondi. — Muito obrigada por me receber.

— A qualquer momento! — Charles esperou até que todo mundo estivesse lá em cima antes de me fazer sua próxima pergunta. — Hum, Lizzie, você ficaria bem se eu levasse Jane para jantar esta noite? Eu sei que Caroline pode ser, bem, não a mais tolerável das pessoas, mas você teria Darcy aqui para protegê-la.

Eu tentei não engasgar com meu chocolate quente. Ficou claro que Charles queria dizer cada palavra que ele dizia e, ao mesmo tempo, não tinha ideia do que estava falando. Apesar do meu descontentamento crescente com Darcy e meu extremo desejo de evitar Caroline, eu queria que Jane fosse feliz. Às vezes os amigos têm de sofrer pela felicidade de seus amigos.

— Claro, Charles — respondi. — Divirtam-se!

Subi e ajudei Jane a se arrumar para a noite. Ela estava em êxtase por finalmente ir em um verdadeiro encontro com Charles.

Meu próprio jantar foi ainda mais estranho do que eu poderia imaginar. Me mantive calada, apenas falando para elogiar Henry ou oferecer ajuda. Principalmente porque me senti como se fosse uma terceira pessoa em um encontro. Caroline se manteve flertando com Darcy, cruzando a mesa para tocar sua mão em qualquer chance que ela pudesse conseguir. Darcy, de sua

parte, parecia tão entediado como sempre, especialmente quando Caroline falou sobre o baile de formatura. O que ela fez… vinte e sete vezes; eu contei.

— Há tantas responsabilidades sendo presidente do comitê de formatura — afirmou Caroline. *Já são vinte e oito vezes.*

Darcy afastou o prato.

— Você acha que seria possível ter uma noite que não girasse em torno de falar sobre o baile?

Caroline abriu a boca, mas fez uma pausa. Ela começou a girar o cabelo em volta do dedo.

— Você está certo… — Ela sorriu docemente para Darcy. — Vamos pegar uma boa garrafa de vinho e começar um incêndio.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu deveria fazer algumas leituras esta noite.

— Ugh, ler? Em uma noite de sábado?

Eu tentei não rir quando me levantei e limpei o meu lugar.

— Por favor, deixe-me ajudá-lo com os pratos, Henry — eu disse uma vez que voltei para a cozinha. — Não me faça voltar lá. — Apontei para a sala de jantar.

Ele balançou sua cabeça.

— Minha querida, você não faz ideia de quanto tempo eu tive que aturar a Srta. Bingley. Por que você acha que eu não uso a máquina de lavar louça? — Ele gesticulou para a máquina de lavar louça industrial de aço inoxidável à sua direita enquanto enchia a pia para lavar manualmente os pratos. Ele me lançou uma piscadela enquanto eu me dirigi para a sala de estar.

Caroline estava descuidadamente folheando os canais na grande tela plana contra a parede enquanto Darcy estava ocupado em seu laptop. Eu me enrolei na *chaise longue* e tentei ler. Tanto quanto eu gostava de Chaucer, o show de Caroline Bingley era muito mais divertido.

Ela se inclinou para observar o que Darcy fazia.

— Diga a Georgiana que eu disse olá.

— Eu já fiz… Você quer que eu diga a ela de novo? — Darcy nem sequer olhou para cima da tela.

Caroline colocou a mão no ombro de Darcy.

— Bem, eu só acho que é tão gentil de sua parte checar sua irmã tanto quanto você faz.

Darcy não respondeu e continuou digitando.

— Hmmm. — Caroline bocejou exageradamente. — Que dia incrível nas encostas. — Ela se levantou e começou a se estender na frente de Darcy. Ela respirou fundo quando alcançou seus braços até o teto, um movimento que expunha seu diafragma convenientemente ao nível dos olhos de Darcy. Ela continuou alongando-se, inclinando-se para o lado e soltando um suspiro alto.

Darcy fechou seu laptop, para o deleite de Caroline. Mas então ele foi até o sofá ao meu lado e pegou seu livro, não dando a Caroline um segundo olhar.

Caroline se acomodou no sofá ao lado dele. Darcy estava enfurnado em seu livro.

— Oh. — Caroline sussurrou. — Que noite linda. Sim, acho que é uma noite perfeita para ler. — Ela mordeu o lábio, foi até a estante e selecionou um livro aleatoriamente.

Ela fingiu estar interessada em “Grandes Expectativas”. Mas depois de dez minutos, suas próprias expectativas claramente não haviam sido atendidas e ela jogou o livro no chão.

— Lizzie — Caroline disse para mim. O choque dela me dirigir a palavra foi tão grande que eu não respondi imediatamente. — Lizzie, você quer que eu te ensine alguns movimentos de ioga?

Eu não sabia como reagir. Assumi automaticamente que ela estava me preparando para alguma coisa.

Darcy largou o livro e começou a me estudar enquanto Caroline começou a fazer poses muito complicadas, obviamente tentando impressioná-lo.

— Não é a sua coisa? — Darcy me perguntou.

Dei de ombros.

— Sim, eu acho que não.

Caroline, satisfeita por ter me ofuscado, sentou-se no chão de frente para nós com as pernas cruzadas.

— Ioga não é para todo mundo. Eu realmente tento me desafiar fisicamente, bem como intelectualmente, todos os dias. — Eu tive que morder o interior das minhas bochechas para parar de rir. — Tenho que admitir que eu não sou tão próxima do meu irmão Charles como você é de Georgiana. — Caroline esticou o braço e tocou no joelho de Darcy.

— Você tem irmãos ou irmãs, Lizzie? — Darcy perguntou.

Eu balancei a cabeça.

— Seus pais devem estar tristes por tê-la tão longe. — Ele parecia genuinamente interessado em minha vida familiar.

Antes que eu pudesse responder, Caroline continuava cutucando.

— Eu tento o meu melhor para ser uma boa irmã, mas tenho uma tendência a assumir o papel de irmã mais velha com muitos amigos meus. Às vezes é difícil quando você coloca tantos outros em primeiro lugar.

Darcy ficou olhando para mim, e isso estava me deixando desconfortável.

— Não que você tenha alguma falha, Darcy — continuou Caroline. Eu não sabia dizer se ela estava falando sério ou não.

Darcy desviou sua atenção por um segundo para olhar para ela.

— Ninguém é perfeito.

Eu soltei uma risada. Ele olhou para mim.

— Você acha que é perfeita? — Ele perguntou.

— Não, não, absolutamente não. Longe disso. Estou interessada apenas em ouvir quais você acha que são seus defeitos. — Encontrei-me desfrutando da conversa.

— Bem. — Ele fez uma pausa. — Todo mundo tem, e eu certamente não sou uma exceção. Às vezes eu posso ser um pouco pavio curto. Eu não sou o mais paciente das pessoas. E tenho certeza que seria ruim em ioga. — Olhou para mim. — Acredita que minto?

Tentei ser educada.

— Eu não conheço você por tanto tempo.

— Mas tenho certeza que tem algo a dizer sobre o assunto? — Eu não precisei ser perguntada duas vezes.

— Acho que você parece odiar todo mundo, isso pode ser considerado um defeito.

— E eu acho que a sua capacidade de entender mal as pessoas é o seu.

Caroline ficou de pé e ligou a TV. Ela sentou-se ao lado de Darcy e começou a falar sem parar sobre qual filme pedir. Nem Darcy nem eu expressamos qualquer opinião, mas Caroline não pareceu notar ou se importar.

Enquanto Darcy não estivesse falando comigo, ela estava feliz.

Capítulo 9

A VIAGEM DE VOLTA À ESCOLA no dia seguinte transcorreu sem incidentes.

Charles e Jane estavam na frente rindo e se divertindo. Caroline continuou mencionando implacavelmente a palavra B – setenta e oito vezes — a Darcy, que passou a viagem inteira olhando para fora da janela. Ele me ignorou o caminho inteiro, o que me fez muito feliz.

Tive que trocar meu turno no trabalho por causa da viagem, assim, tinha que trabalhar no domingo pela noite. Preferia os domingos à tarde, dado que sempre estava cheio, assim o tempo voava. E tínhamos mais gorjetas.

— O que você está fazendo aqui? — Tara me perguntou quando chegou.

Ela parecia cansada.

— James me chamou dizendo que estava doente, então estou dobrando o turno de hoje.

— Droga — Peguei meu avental. — Se estiver tranquilo, provavelmente você poderá ir para casa mais cedo.

Comecei limpando o balcão e as mesas. Havia poucos clientes nos assentos, ninguém que eu conhecesse. Praticamente tinha os pedidos regulares da tarde de domingo memorizados, então, pelo menos hoje à noite seria uma boa mudança de ritmo.

— Elizabeth? — Olhei para cima e descobri Colin estudando-me.

— Oh, olá, Colin. O que posso fazer por você? — Caminhei até o balcão e tratei de parecer ocupada, assim não estaria presa em uma conversa com ele.

— Não sabia que trabalhava no domingo à noite.

— Tive que trocar de turno.

— Que bom. Imagino que deve haver um motivo. Você me parece alguém organizada com seus horários, o que realmente admiro. Como foi seu final de semana?

— Bom… E o seu?

Estudou o cardápio por um momento.

— Foi agradável. Obrigado por perguntar.

— Sem problema. Posso te trazer alguma coisa?

Colin decidiu seu pedido depois do que pareceu uma hora de discussão. Enquanto cozia o leite evaporado para seu *latte*, não pude evitar de pensar que ele estava estudando meus movimentos. Não sou do tipo de menina que pensa que todos meninos te olham, mas os olhos de Colin pareciam persistentes sobre mim.

— Aqui — disse enquanto lhe entregava seu pedido, esperando que meu tom de fim de conversa fosse o suficiente.

— Maravilhoso. Obrigado, Elizabeth.

Sorri e comecei a limpar a máquina de expressos, ainda que acreditasse que já estivesse limpa. Colin finalmente compreendeu a indireta e foi embora.

— Tara — disse um dos poucos clientes que estavam em uma mesa próxima. — Não sei como você lida com esses meninos de Pemberley.

— Se eu me recordo — Tara replicou —, você foi um menino de Permberley, Wick.

Não havia notado esse garoto antes, o que era surpreendente dado que ele era muito bonito com seu curto cabelo loiro sujo e olhos amendoados.

Ele riu.

— Bom, me expulsaram. Realmente não posso colocar isso na minha conta.

Tara se moveu para perto de mim.

— É melhor que tenha cuidado, Lizzie é uma menina de Longbourn.

Ele se levantou do seu assento e se aproximou do balcão.

— Uma menina de Longbourn trabalhando no *Java Junction*?

— Eu sou uma garota bolsista de Longbourn — corrigi.

Ele sorriu calorosamente e estendeu sua mão.

— Garota bolsista de Longbourn, antigo garoto bolsista de Pemberley.

Sacudi sua mão.

— Prazer em te conhecer. Elizabeth Bennet, mas pode me chamar pelo meu apelido: Lizzie.

— Ah, George Wickham, mas meus amigos me chamam de Wick. Então obviamente, em Pemberley, me chamavam de George.

— Um garoto bolsista de Pemberley? Eu acreditava que isso era uma lenda urbana.

Ele riu.

— Certo, certo. Somos raras aberrações. Mais difícil do que ver o Pé Grande ou o Monstro do Lago Ness.

— Wick aqui é a raridade entre os raros — disse Tara. — É um forasteiro que logrou passar as portas de Pemberley.

— Espere um segundo. — Olhei-o com suspeita. — A estimada instituição Pemberley deixou entrar… um local? Que escândalo!

— Por mais estranho que pareça, não choveram rãs. — Riu facilmente de si mesmo, algo muito diferente de qualquer garoto que houvesse conhecido aqui. Instantaneamente gostei dele.

— Eu sei. Todas as meninas do meu dormitório estão convencidas de que sou a mão que leva o apocalipse a Longbourn.

— E por apocalipse você se refere a roupas que não sejam de estilistas.

— Uau. Você realmente foi a Pemberley. Só um garoto Pemberley pode saber o que significa estilista.

Ele assentiu com a cabeça e ruborizou.

— Você me pegou. Você pode expulsar um garoto de Pemberley…

— Você realmente foi expulso?

Ele fez uma careta.

— Sim, suponho que é o máximo de caridade que uma escola pode dar…

— Ou que um estudante bolsista pode tolerar.

— Vejo que entendeu rápido. — Ele piscou um olho para mim. Notei que tinha ternos olhos quando sorria. Pude sentir meu pulso acelerar. Não me

dei conta quando a campainha indicou que a porta principal se abria. Quando o menino de repente ficou tenso e sua conduta inteira modificou.

Dei a volta para ver Darcy nos olhando com um olhar de completo desprezo em seu rosto. Wick abruptamente deixou o balcão e voltou ao seu assento. Os olhos de Darcy o seguiram o tempo todo, sua mandíbula apertou com força. Wick pegou seu livro e se virou, assim Darcy não poderia ver seu rosto.

— Posso te servir alguma coisa? — perguntei firmemente.

Darcy sacudiu a cabeça e voltou a vida. Por um instante me olhou como se de alguma maneira eu houvesse o traído. Ele agitou a cabeça novamente e sua expressão fechada voltou ao seu rosto.

— Hum, sim. — Seus olhos se lançaram a Wick novamente. — Acredito que quero um descafeinado grande, por favor.

Havia algo sobre o antigo garoto bolsista que desconcertava a Darcy. O que me fez gostar mais ainda de Wick.

Entreguei o café a Darcy e ele se preparou para ir, mas antes, vacilou por um momento.

— Até que horas você vai trabalhar esta noite? — perguntou.

Encolhi os ombros.

— Depende, por quê?

Começou a tapar sua bebida.

— É realmente seguro caminhar de volta ao seu dormitório tarde da noite?

— Quer dizer além da tortura usual nas mãos das minhas companheiras do corpo estudantil?

Darcy apertou sua mandíbula.

— Ficarei bem.

Ele assentiu e caminhou para fora. Olhou direto mais adiante quando passou junto a Wick.

Tão logo a porta parou de balançar, Wick deu a volta e disse:

— Bem, isso foi um incomodo.

— Assumo que conheceu a Will Darcy nos seus dias em Pemberley?

Ele suspirou.

— Sim, infelizmente. Posso dizer isso uma vez que não tivemos um bom término. Mas você parece ser amiga dele, então…

Gemi.

— Dificilmente. O conheço há uma semana e já descobri que é a pessoa mais egoísta e condescendente do planeta.

Wick riu.

— Então o conheceu bem.

— Me ganhou aí.

Wick se aproximou do balcão.

— Você realmente precisa começar a ter mais cuidado sobre com quem está saindo.

Sorriu.

— Se refere à Darcy ou a você?

— Depende a quem você pergunta.

— Hmmm, suponho que desde que não há maneira de que as estimadas meninas de Longbourns me depreciem ainda mais, posso sair com quem eu quiser.

— Bom, então, garota bolsista de Longbourn, você acha que pode se divertir dando atenção a um desonrado garoto de Pemberley como eu?

— O que tem em mente?

— Seu número de telefone pode ser um bom começo.

Eu o dei sem vacilar. Estava pronta para um novo começo.

Capítulo 10

TIVEMOS NOSSO PRIMEIRO ENCONTRO na noite de quarta-feira. Wick me levou a um lugar onde vendiam pizza e ficava em uma parte da cidade que eu não havia ido antes, um estabelecimento que não era de Longbourn.

— Ei, Wick! — uma garota atrás do balcão o cumprimentou. — Algumas fatias?

— Eu não sabia que você estava trabalhando hoje à noite. — Ele se inclinou sobre o balcão e deu-lhe um beijo na bochecha. — Um par de fatias seria ótimo. Lizzie, esta é Cassie. Cassie, esta é Lizzie. — Ele fez sinal em minha direção e a garota sorriu para mim. — Eu estou salvando ela dos elitistas em Longbourn. — Ele olhou por cima do ombro e disse em um sussurro exagerado: — Ela é uma bolsista.

Não pude deixar de rir. Eu sabia que ninguém neste lugar se importaria. Foi bom estar em um lugar que eu não sentia a necessidade de constantemente olhar por cima do meu ombro ou pensar que estava em uma armadilha.

— Aqui está. — Cassie nos entregou duas fatias. — Você sabe que seu dinheiro não é bem-vindo aqui, Wick — ela disse quando Wick enfiou a mão no bolso para pegar a carteira.

— Aw, você é a melhor. — Ele piscou para ela e fomos para uma cabine. — Veja, Lizzie, você precisa começar a encontrar o tipo certo de amigos. — Ele apontou para a nossa comida de graça. — Eu conheço Cassie desde o jardim da infância. Há um grupo nosso que são amigos próximos há séculos. Não me lembro da vida antes deles, sabe? Tenho certeza que você tem pessoas assim em casa. Foi difícil para mim ir para longe deles e eu estava ali na rua de baixo; eu não posso imaginar como deve ser para você.

Foi a primeira vez em tempos que me senti confortável e aberta em torno de uma nova pessoa. Estar com Wick me fazia sentir normal, natural. Ele era aberto, honesto e autodepreciativo de uma maneira muito, muito irresistível.

— Ainda não consigo acreditar que uma garota de Longbourn tenha concordado em ser vista comigo em público — disse ele depois que eu lhe contei mais sobre a vida em Hoboken e a mudança para Longbourn. — A polícia prima Donna [4] provavelmente enviou um grupo de busca.

— Não é provável. Elas provavelmente estão mudando as fechaduras enquanto falamos.

— Ainda assim — ele me deu um sorriso que fez meu estômago revirar —, você é corajosa.

— Acredite em mim, a coisa mais corajosa que estarei fazendo esta noite é entrar no meu dormitório. O objetivo é tentar voltar para o meu quarto sem alguém jogar algo na minha cara. Mas você está muito familiarizado com o tratamento da nossa espécie.

Wick brincou com o invólucro de seu canudo.

— Na verdade, as coisas não foram tão ruins para mim na Pemberley.

— Mesmo?

Pela primeira vez desde que o conheci, não sabia se devia ou não acreditar nele. Eu não poderia compreender como que os caras de Pemberley teriam alguma compaixão por pessoas como nós.

— Realmente. Eu até tive amigos, se você pode imaginar isso.

— Uau, isso é impressionante. Eu tenho Jane e Charlotte, mas é isso. Jane está sempre tentando me levar a sair mais, mas toda vez que eu faço, a noite termina em danos corporais ou emocionais. Ela é bastante implacável, no entanto. Eu já concordei em ir a essa festa no sábado à noite, apesar do meu melhor julgamento.

— A festa de Charles Bingley?

Fiquei surpresa.

— Sim, como você sabia disso?

— Você não nos dá créditos suficientes. Descobrimos as festas e alguns de nós geralmente penetram. Com todos os estudantes ao redor, ninguém parece notar.

— Por favor, me diga que você virá no sábado. — Eu tentei esconder qualquer indício de desespero na minha voz. Ter Wick lá tornaria as coisas

suportáveis. Além disso, queria passar mais tempo com ele.

— Agora você me colocou em uma situação difícil. Se você vai estar lá, como eu poderia não aparecer? — Wick sorriu para mim, mas então seu sorriso desapareceu. — Infelizmente, tenho a sensação de que alguém estará lá, e não há maneira que eu seja bem-vindo. — Wick hesitou. — Há algo que eu quero que você saiba e eu quero que você ouça isso de mim.

— Ok...

Eu me inclinei.

— É sobre eu ter sido expulso de Pemberley.

— Wick, você não precisa...

— Sim, preciso. Estou surpreso que as pessoas ainda não começaram a tentar virar você contra mim.

Eu realmente não havia contado a ninguém sobre Wick. Jane sabia que eu conheci alguém da cidade, mas eu não tinha dito a ela que ele era um ex-aluno da Pemberley. Eu não sabia por que, mas queria manter Wick só para mim.

— Eu não me importo com o que alguém pense sobre você — disse a ele. — Você deveria perceber que sou melhor do que acreditar em qualquer coisa que alguém em Longbourn ou Pemberley me dissesse.

Wick assentiu.

— Estou tão agradecido por meu hábito de cafeína trazer você à minha vida.

Que emoção clara e poderosa – gratidão. Não me ocorreu em muito tempo que eu poderia ser alguém por quem outra pessoa seria grata. Não por nada que eu tenha feito ou dito, mas simplesmente por quem eu era e quem eu tinha potencial para ser. Depois de passar o ano letivo em um mundo de tortura (na pior das hipóteses) e indiferença (na melhor das hipóteses), ter essa gratidão aberta e expressa para mim me deu algo que eu não sentia há muito tempo: esperança. Talvez este semestre fosse bom, afinal.

— Ok. — Wick respirou fundo. — Aqui está a história. Comecei no ano passado como estudante do segundo ano. Conheci muitas pessoas legais, e o

fato de eu ser um bolsista não era um problema. Eu sabia muito sobre os alunos da Pemberley, devido eu ser da cidade e a reputação de Darcy e de sua família o precedia. Eu estava ansioso para conhecer o infame William Darcy e nos demos muito bem. Fomos amigos no momento em que nos conhecemos.

— Darcy me levou sob sua asa. Foi apenas algumas semanas durante o semestre, e ele me trouxe a cidade para conhecer sua família. Eu me apaixonei por eles. Seu pai é esse homem incrível, e é por isso que eu não gosto de falar mal de Darcy porque seu pai é uma pessoa gentil e generosa. Ele até me arranjou um emprego de verão no ano passado em seu escritório de advocacia. Isso teria me preparado, não apenas como uma maneira de ganhar dinheiro, mas para obter experiência, que teria sido incrível no meu currículo para faculdade. As coisas estavam indo bem para mim. E Darcy não aguentou. Ele adorava me ter sob a sua asa, tendo algum tipo de controle sobre mim. Mas ele não gostou de me ver voar sozinho, fazendo as coisas acontecerem sem sua influência. Ele se tornou cada vez mais competitivo comigo. E quando pensou que poderia perder, ele me apunhalou pelas costas. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, eu estava sendo escoltado para fora do campus.

Eu suspirei.

— Darcy te expulsou da Pemberley?

Wick assentiu com a cabeça, a cor esvaindo-se do seu rosto.

— Eu não acredito nisso. Como alguém poderia ser tão horrível? — Um nó se formou no meu estômago. — Por que ele faria isso?

— Talvez tenha tido ciúme do meu crescente relacionamento com o pai dele. Isso é tudo que eu consigo pensar. Passei a maior parte do feriado de primavera com sua família e, embora ele estivesse com sua habitual atitude fria e distante, eu não entendo a traição que ele foi capaz de fazer. Eu fui para casa por alguns dias antes de voltar para o campus e, nesse tempo, ele colocou seu plano em movimento. Quando cheguei ao meu dormitório, a segurança do campus estava esperando por mim.

— Mas isso é ridículo. Eles não podem simplesmente expulsá-lo sem motivo.

— Oh, eles tiveram algumas acusações forjadas, algumas acusações que ele fez. Mas como eu lutaria contra eles? Minha família não tinha dinheiro para um advogado. E os homens da família de Darcy estavam indo para Pemberley por gerações. Eu estava frequentando por alguns meses.

Minha mente estava girando com o que Wick me disse.

— Não podemos deixá-lo escapar disso.

Wick se recostou em seu assento.

— Algum dia, Darcy vai ter o que merece, mas não será por mim. Eu não poderia fazer isso com o Sr. Darcy. Não é culpa dele que seu filho seja um mentiroso e um canalha.

— Você é uma pessoa muito melhor do que eu — disse.

— Dificilmente. Afinal, eu vou de penetra em uma festa neste fim de semana.

Quando Wick me levou de volta ao campus, eu não queria que a noite terminasse. Não queria ter que voltar às provocações e intimidação. Eu gostava de passar tempo com alguém que era como eu.

Ele estacionou o carro e desligou o motor.

— Você precisa de um momento para se preparar para a batalha? — Ele perguntou, apenas meio brincando.

— Eu acho. — Olhei para o belo edifício que tinha sido minha casa nos últimos cinco meses.

— Eu me diverti muito esta noite.

— Eu também.

Wick se inclinou… e me deu um abraço.

— Vejo você no sábado — murmurou.

— Promete?

Ele sorriu para mim.

— Prometo.

Isso era realmente tudo o que eu queria ouvir Wick dizer. Mas minha mente continuava se recuperando do que Darcy tinha feito.

Jane quase me convenceu de que eu tinha sido muito dura com o cara, mas aparentemente eu não tinha sido dura o suficiente.

Capítulo 11

EU ME CONFESSEI A JANE na noite seguinte, durante o jantar. Deveria ter suspeitado que quando eu contasse a história de Wick para ela, ela não compartilharia do meu desgosto com as ações de Darcy.

— George Wickham, Lizzie? Eu não ouvi coisas boas sobre ele. — Jane parecia preocupada.

— Há uma surpresa.

— Tenho certeza que tem que haver uma explicação para tudo isso. Primeiro, Darcy não faria algo assim. Segundo, Charles nunca teria um amigo tão desprezível. Provavelmente é apenas um simples mal-entendido.

— Mal-entendido? — Fiquei espantada. — Por que eu sempre entendo mal alguma coisa? Como alguém poderia entender mal ser expulso da escola sem justa causa? Você não ouviu nada sobre isso no ano passado?

Jane pareceu pensativa.

— Eu me lembro que ele foi expulso e que Charles o conhecia, mas não era algo no qual Charles falasse comigo.

Eu não podia acreditar que alguém sendo expulso de Pemberley não virasse fofoca do dia em Longbourn.

Jane continuou.

— Vou perguntar ao Charles e ver o que ele tem a dizer. Mas, Lizzie, só tome cuidado. E por favor dê a Darcy uma chance de explicar o lado dele. Você o pintou como esse vilão maníaco e não pode estar mais longe da verdade.

— Você só está dizendo isso porque Darcy sendo um malvado vingativo iria refletir mal em Charles.

Jane me ignorou e cortou o salmão.

Nosso silêncio durou apenas um momento, até que Lydia se aproximou da nossa mesa e deixou cair sua bandeja cheia.

— Jane, eu acabei de falar com a mamãe e ela disse que conversou com Vera sobre o seu vestido de formatura.

Jane olhou ao redor do refeitório.

— Shh, Lydia. Eu não fui convidada para o baile ainda. Fale baixo.

Lydia grunhiu.

— Por favor, Jane. De qualquer forma, mamãe disse que você tem um encontro com Vera quando formos para casa durante o fim de semana do Dia dos Presidentes, e então você vai o provar nas férias de primavera. *Vera…* Você não está morrendo?

Eu acreditava que Jane estava morrendo, mas por vergonha de sua irmã impetuosa. Lydia empurrou várias batatas fritas na boca e perguntou:

— Onde você vai conseguir seu vestido, Lizzie?

— Bem, duvido muito que eu vá ao baile de formatura. Acho que se eu for, provavelmente, vou pegá-lo na Macy's ou algo assim.

O queixo de Lydia caiu aberto.

— Você não pode fazer isso! É o baile!

Tomei uma respiração profunda e calmante.

— Eu sei, mas é apenas uma noite e realmente acho que é bobagem gastar milhares de dólares em um vestido que você só vai usar uma vez.

Eu me virei para Jane.

— Sem ofensa.

— Tudo bem — respondeu. — Lydia, você realmente precisa aprender a ser mais modesta. Nem todo mundo tem a sorte de ter conexões com designers.

Lydia bufou.

— Por favor! Esta escola gira em torno de conexões. Mas eu não contei a você tudo ainda. Mamãe disse que não podemos ir a lugar algum durante as férias de primavera deste ano. Você pode acreditar nisso? Ela disse que desde que o papai ainda não conseguiu um emprego, não devemos estar galopando pela Europa.

— Tenho certeza de que ela disse estar *vagabundeando* pela Europa e eu concordo com a mãe, Lydia. Vamos ter que começar a fazer alguns… sacrifícios. — Jane olhou desconfortavelmente para mim. Ela sabia que os

sacrifícios deles seriam da variedade de negócios, em vez da primeira classe.

— Isso é tão injusto! — Lydia fez beicinho. — Não é nossa culpa que os negócios do papai tenham sido vendidos. Por que temos que ser punidas?

— Lydia! — Jane exclamou. — Chega! Você parece uma pirralha mimada. Você deveria se sentir sortuda por papai ter um bom pacote de indenização ou nós estaríamos na rua. Eu não quero ouvir outra palavra sobre isso.

Jane levantou-se da mesa e eu me juntei a ela. Como ambas vieram da mesma família, eu nunca entenderia.

Jane colocou a bandeja no carrinho de transporte.

— Eu realmente sinto muito sobre isso, Lizzie. Ela sempre foi muito hiperativa e materialista, mas estar aqui a fez pior. Eu não sei o que vou fazer com ela. — Ela olhou para trás para se certificar de que Lydia não estava ao alcance da sua voz. — Eu não disse a ela ainda sobre a festa no sábado. Charles me disse para convidá-la, mas…

Eu entendi. Lydia poderia ser um pouco demais às vezes.

— Você ainda está vindo, certo? — Jane perguntou. — Vai ser divertido.

Nós tivemos variações dessa conversa tantas vezes antes, com Jane me dizendo que algo seria divertido e se transformando em uma dor de cabeça para mim.

— Claro — disse a ela como sempre fazia.

Eu estava, afinal de contas, animada com essa festa. Só não pelas razões que Jane pensava. Eu não queria dizer a ela que era porque haveria alguns convidados inesperados. Deveria ter sentido algum remorso já que Charles não tinha sido nada além de gentil comigo. Mas meu desejo de passar mais tempo com Wick eclipsou qualquer sentimento de traição que eu tinha.

Capítulo 12

JANE, SENDO JANE, TERMINOU CONVIDANDO LYDIA PARA A FESTA DE CHARLES. Ou porque ela era talvez a maior (e mais compassiva) irmã mais velha do planeta ou porque ela estava especialmente de bom humor, já que Charles a convidara para um encontro no domingo. Isso somaria duas noites seguidas em que eles passariam juntos.

Talvez a mãe de Jane estivesse certa em ligar para sua velha amiga Vera.

Nada poderia arruinar o humor de Jane e, porque eu estava vendo Wick, nada poderia arruinar meu humor também. Pela primeira vez desde que cheguei a Longbourn, eu estava genuinamente animada por estar pronta para uma festa

Passei a maior parte do sábado no closet de Jane, tentando descobrir o que vestir. Eu não queria usar nada que gritasse caro já que não queria que Wick pensasse que eu era como todas as outras garotas de Longbourn. Mas eu queria parecer legal para ele.

Jane se estudou no espelho enquanto eu debatia entre quais brincos usar com a calça jeans e o suéter de caxemira cinza que eu tinha pego emprestado.

Lydia entrou me empurrando.

— Minha primeira festa com os veteranos! Estou tão animada. Garotos calouros são tão infantis.

Jane estudou a irmã com os olhos arregalados. Lydia usava uma saia muito curta e tinha maquiagem suficiente para envergonhar um artista de circo. Jane pegou um lenço de papel e começou a limpar o rosto de Lydia.

— Jane, pare com isso! — Lydia protestou.

Jane não foi dissuadida.

— Lydia, você não deve encobrir a sua beleza natural.

Minha mão parou quando eu estava colocando outra camada de rímel. Como ela não estava falando comigo, continuei. Mas um pouco mais leve do que antes.

— Agora, lembre-se do que falamos. — Jane sentou-se ao lado de Lydia que assentiu.

Jane só permitira que Lydia fosse depois que ela concordasse que não falaria sobre dinheiro ou vestidos de formatura.

— Estamos prontas? — Jane perguntou enquanto se estudava no espelho uma última vez. Acho que ela estava se perguntando mais do que nós. Ela respirou fundo e abriu a porta.

Chegamos a um grande salão de um dos restaurantes de luxo da cidade que atendia a faculdade, estudantes e pais da Longbourn e Pemberley. Era um espaço lindo, cheio de sofás enormes, uma grande janela com vista para o rio, velas e um palco ligeiramente elevado, onde alguns alunos já estavam dançando.

Examinei o local em busca de Wick, mas não consegui o encontrar em lugar nenhum.

— Quem você está procurando? — Jane perguntou quando me pegou examinando a multidão.

— Apenas dando uma olhada, quero ter certeza de que não há armadilhas. — Jane fez uma careta. — Só estou brincando! — disse. Senti meu celular vibrar e vi que Wick me enviara uma mensagem. — Oh.

— O que há de errado?

Meu coração afundou.

— Oh, nada, nada mesmo.

Wick não estava vindo. Ele disse que realmente queria, mas achava que seria melhor evitar certo cavalheiro. Eu olhei para Darcy, que estava em um canto com Charles e Caroline.

Qualquer esperança que eu teria tido de uma noite maravilhosa rapidamente se dissolveu. Agora eu estava presa em uma sala cheia de pessoas que desprezavam minha própria existência. Em vez de sair com Wick, eu teria que me preparar para o que quer que estivesse em meu caminho.

— Você tem certeza que está bem? — Jane pareceu preocupada.

— Sim, tudo bem — menti. Eu não queria estragar a noite dela.

Um garçom veio com uma bandeja de prata cheia de *wontons* [5] e rolinhos de ovo.

— Mmm — Lydia pegou um punhado de comida. — Muito melhor do que a porcaria que eles servem no refeitório. — Ela fez uma cara enojada quando empurrou um rolo de ovo inteiro em sua boca.

Jane suspirou.

— Ei! — Charles se aproximou de nós com um enorme sorriso no rosto. — Obrigado por vir. — Beijou Jane levemente na bochecha antes de abraçar a mim e a Lydia.

Enquanto Jane escolheu nunca ver o lado ruim das pessoas, eu sinceramente acreditava que Charles não tinha um lado ruim. Ele atendeu às perguntas incessantes de Lydia sobre a festa, a comida, a sala privada – fiquei surpresa por ela não ter pedido a ele que abrisse a carteira para que ela pudesse ver quanto dinheiro estava carregando.

Enquanto Lydia fazia vinte perguntas inapropriadas, comecei a olhar em volta para ver quem estava lá.

As panelinhas ricas estavam em seus respectivos grupos, mas eu peguei algumas das garotas de Longbourn sussurrando e olhando para nós. Olhei para a minha roupa, mas percebi que eu poderia estar vestida da cabeça aos pés em roupas de grife e elas ainda olhariam para mim com desdém. Eu era um lembrete de que havia vida fora da pequena bolha preciosa em que todos eles viviam. E eu sabia que eles me desprezavam por muitas coisas, mas, acima de tudo, por prosperar apesar de seus melhores esforços para me derrubar.

Trouxe minha atenção de volta para o meu grupo e pude ver os olhos de Jane ficando cada vez mais largos quando Lydia abria a boca.

— Charlotte está aqui — eu disse, apontando para a porta. — E, Lydia, eles acabaram de trazer algo parecido com quesadillas.

Como eu achava que ela iria, Lydia rastreou o que mencionei e misericordiosamente nos deixou.

Inclinei-me para mais perto de Jane e sussurrei:

— Divirta-se com Charles. Vou ficar de olho na Lydia.

Jane sorriu agradecida e foi até um grupo de sofás com Charles. Acenei para Charlotte, mas Colin, confundindo meu entusiasmo para ele, também se aproximou.

— Olá, Elizabeth — disse. — É um prazer vê-la aqui e vestida de maneira tão agradável. De que marca é essa roupa?

— Sim, *uh*, bom ver você também.

Ele se inclinou e colocou a mão nas minhas costas.

— Elizabeth, você acha que eu poderia a convencer a se juntar a mim na pista de dança?

— Oh, hum, você conhece Charlotte Lucas?

Charlotte e Colin trocaram amabilidades. Eu estava esperando que essa distração me impedisse de dançar com Colin.

— Então, vamos? — Colin apontou para a plataforma onde alguns casais estavam se movendo em uma música um pouco lenta.

Eu não conseguia pensar em uma boa desculpa, então decidi que poderia acabar logo com isso. Andei com Colin para a pista de dança e, uma vez lá, ele desajeitadamente agarrou minha cintura e eu cautelosamente abaixei meus braços ao redor de seus ombros. Não percebi até que estávamos parados lá que ele era uns centímetros mais baixo do que eu.

Ele começou a se mover e pisou no meu pé.

— Oh, eu sinto muito — disse ele, olhando para os nossos passos como se fossem um problema de matemática que poderia resolver.

— Tudo bem. — Comecei a me mover para frente e para trás, tentando não fazer meus movimentos muito repentinos.

— Bem, você certamente é uma boa dançarina.

— Obrigada.

— Sabe, Elizabeth, você pode tocar piano, dançar, é inteligente o suficiente para obter uma bolsa de estudos e eu posso adicionar, fazer um café com leite. Existe alguma coisa que você não pode fazer?

Forcei uma risada.

— Oh, você sabe…

— Sabe o que?

— Desculpe?

— Você estava dizendo, *você sabe,* o que eu deveria saber? — Colin olhou para mim com expectativa. Não tenho nada a dizer. E eu não tinha cem por cento de certeza, mas acho que Colin estava sob a horrível impressão de que eu estava flertando com ele.

Minhas costas enrijeceram.

— Não, nada, desculpe. — Assenti.

— Não, não, eu que devo me desculpar, sou simplesmente mal interpretado, é algo que pode acontecer facilmente, especialmente quando a música está tocando em tão altos decibéis.

— Tudo bem.

— Mais uma vez, Elizabeth, você é muito gentil.

— Uh, obrigado.

— De nada.

Tentei evitar qualquer troca de palavras mais embaraçosa, fingindo que estava fascinada por uma pintura que estava pendurada na parede atrás de Colin até que a música felizmente acabou, me permitindo escapar da minha miséria.

— Divertindo-se? — Charlotte riu quando me aproximei.

— Toneladas. Você?

Ela encolheu os ombros.

— Essas coisas ficaram mais fáceis para mim. — Charlotte mordeu o lábio. Ela sempre se sentiu culpada de que a tortura que sofreu se tornou menos severa quando cheguei ao campus. Eu era carne fresca.

Ela tentou sorrir.

— Além disso, a comida é boa. — Ela segurou um miniburger.

— Isso parece bom. Eu...

Darcy de repente estava na nossa frente.

— Olá.

— Uh, oi.

— Eu estava esperando que você pudesse se juntar a mim para uma dança.

Fiquei completamente chocada com o convite dele. Quando não respondi, Darcy falou:

— Te vejo daqui a pouco. — E com isso, foi embora.

— Espere um segundo. — Olhei para Charlotte. — Will Darcy acabou de me pedir para dançar?

A boca de Charlotte caiu aberta.

— Esse é Will Darcy, Lizzie, ele é gostoso.

— O quê?

— Aquele cara — ela apontou a cabeça na direção dele — é quente.

— Você está louca?

— Ele realmente deve ter causado uma má impressão em você, se não pode ver isso e que ele, obviamente, tem uma queda por você.

— Oh, por favor...

Charlotte fez uma pausa.

— E eu acho que você tem uma queda por ele.

— O que?

Ela riu.

— Se você não tem nenhum sentimento por Will Darcy por que você está corando e arrumando seu cabelo?

Tirei minhas mãos do meu cabelo.

— Ok, você claramente perdeu a cabeça. Obviamente, ele está tramando algo.

— Lizzie!

— Estou falando sério. Além disso, ele perguntou e então simplesmente desapareceu. Darcy está planejando algo.

— Sim, bem, ele está vindo para cá novamente.

Darcy olhou fixamente para mim e acenou para a pista de dança antes de caminhar até lá.

Olhei para Charlotte.

— Eu deveria segui-lo? — Charlotte me empurrou.

— Você pode apenas ir?

Eu estava em transe quando entrei na pista de dança. Foi como ter uma experiência fora do corpo. Me encontrei passando pelos movimentos, mas também olhando em volta tentando descobrir de onde a emboscada estava vindo. Darcy deslizou seus braços em volta de mim, com muito mais facilidade do que Colin, e antes que eu percebesse, estávamos em algo próximo de um abraço. Darcy era vários centímetros mais alto do que eu e inclinei a cabeça para que seus olhos ficassem fixos nos meus.

Eu estava cara a cara com o inimigo.

— Vejo que chegou em casa em segurança na outra noite — disse ele.

— Sim, estou tocada pela sua preocupação com a minha segurança.

Me afastei do seu olhar, mas acabei sendo recebida por dezenas de olhos paralisados em nós. No começo eu pensei que eles estavam esperando que algo acontecesse. Mas então eu notei o ciúme nos rostos das meninas. E indignação. Parecia que nenhuma garota solteira na sala poderia acreditar que o aluno mais elegível de Pemberley estaria se divertindo comigo.

— Você sabe — voltei para ele —, trabalhar é realmente uma ótima maneira de fazer novos amigos.

Darcy apertou sua mandíbula.

— Ah sim, George Wickham. Ele é muito bom em fazer novos amigos. Mantê-los, no entanto, sempre foi um desafio para ele.

— Tenho certeza de que ele chora para dormir todas as noites, pensando em como foi perder um amigo tão maravilhoso como você. Como ele vai se recuperar?

Darcy cumprimentou minha resposta com silêncio. Nós nos balançamos com a música pelo restante da canção.

Quando pensei que ia ficar livre, seu aperto voltou na minha cintura e uma nova música começou.

— Então, que tipo de música você gosta de ouvir por diversão? — Darcy perguntou do nada.

— Desculpe?

— Eu pensei em mudar de assunto.

— Oh, estamos discutindo algo com o qual você não está confortável?

— Não, eu estava apenas tentando ver se havia algo sobre o que poderíamos falar que não acabaria em uma discussão.

— Ah, boa sorte com isso.

— Sim, aparentemente eu vou precisar.

Sua tentativa de ser amigável me enervou.

— Sabe… — eu disse. — Eu não consigo te entender.

— Sério? Você está pensando muito sobre mim, então?

A arrogância de novo!

— Dificilmente, mas você não parece fazer nenhum sentido.

— E você faz? — Ele sorriu.

— Pelo menos eu sou consistente.

— E eu não sou consistente?

Pensei por um momento.

— Não, eu acho que você é. — Me afastei dele e empurrei seus braços. — Você disse que acha que tenho um problema com pessoas com dinheiro. Mas acho que você tem um problema com pessoas sem dinheiro.

Ele olhou para o chão.

— Você está certa, você não entende nada sobre mim.

— Bem, eu acho que nós somos uma causa perdida. — Dei as costas para ele e saí da pista de dança. Tentei não parecer desesperada enquanto procurava por Charlotte no aglomerado de pessoas ao redor da sala.

Eu senti um puxão no meu braço. Era Caroline, que estava com Cat.

— O que você acha que está fazendo? — ela perguntou acusadoramente.

— Eu não sei o que você quer dizer — disse.

Ela parecia enojada.

— Eu ouvi de Jane que você andava por aí com George Wickham.

— Então?

O lábio dela se curvou.

— Então? Ele não é confiável.

— Sinto muito, Caroline, mas eu realmente duvido que você tenha alguma preocupação sobre com quem eu saio ou com o meu bem-estar.

— Eu não poderia me importar menos com o seu bem-estar — admitiu. — Mas eu me importo com Darcy, a mera menção de Wick o perturba, depois de tudo que Wick fez com ele.

— O que Wick fez?

Caroline agarrou meu braço com força.

— Nós não queremos ele por perto, ok? Nós ouvimos que o seu pequeno grupo estava pensando em vir hoje à noite. Acredite em mim, nós colocamos um fim nisso. Eu e meu irmão não temos sido nada além de gentis com você. Você só pensa em si mesma, não é?

— Caroline. — falei devagar para que, esperançosamente, uma de nós pudesse começar a entender a outra. — Eu não sei do que você está falando. Sim, Charles tem sido muito gentil comigo. Se há algo entre Darcy e Wick, por que isso importa para mim? Não é como se eu fosse amiga de Darcy… ou sua. Com quem eu saio não é realmente da sua conta.

— Você é quem sabe. — Caroline se afastou.

Eu fui encontrar Jane, mas Cat bloqueou meu caminho.

— Você sabe, escória, para alguém que diz não ter interesse em Darcy, você parece passar bastante tempo com ele.

Me virei e fui embora. Jane estava me acenando do outro lado da sala.

— Lizzie! — Ela se aproximou de mim com um olhar preocupado. — O que foi tudo isso?

Até mesmo Jane sabia que alguma coisa tinha que estar errada se Caroline e Cat estivessem falando comigo. Especialmente Caroline – sua

influência sobre seu irmão e seu respeito inexplicável por ela eram as únicas coisas sobre Charles que eu não gostava.

Depois que eu retransmiti a troca, Jane suspirou.

— Lizzie, eu não tenho ouvido coisas boas sobre George Wickham, você deveria tomar cuidado.

— Você também não. — Eu não gostava que Jane estivesse do lado de Caroline e Darcy.

— Não é isso. Perguntei a Charles e ele disse que a história que Wick lhe contou era uma mentira absoluta.

— Sim, mas qualquer informação que ele recebeu foi de Darcy. Então, no meu livro, não deve ser confiável.

Jane olhou para Charles.

— Eu não sei, Lizzie, Charles não pôde me dizer exatamente o que aconteceu porque fez uma promessa para Darcy, mas ele realmente não tem uma razão para mentir para mim.

— Eu sei, eu sei…

— JANE! — Lydia se aproximou de nós. — Eu estou me divertindo muito. Você pode acreditar que eu sou a única caloura aqui? Como isso tem uma marca totalmente enorme para minha posição social e você pode apenas imaginar, o que eu quero dizer? — Lydia gritou tão alto que metade do salão se virou para encarar.

— Lydia — Jane sussurrou. — Por favor.

Lydia não a ouviu. Ou, mais provavelmente, escolheu ignorá-la.

— Caroline! — Lydia gritou para uma Caroline atordoada. — Então, tipo, durante as férias de primavera, vamos a Vera para os nossos vestidos de formatura, quer dizer, para o vestido de Jane. Você sabe se alguma caloura já foi ao baile? Em toda a história? — Caroline olhou para Lydia com ainda mais desgosto do que ela normalmente reservava para mim.

— Não — ela disse com desdém. — O baile de formatura é para as formandas em Longbourn, enquanto é tradição que a maioria das mulheres seja levada por homens de Pemberley, mas algumas exceções são feitas. —

Ela atirou um olhar para mim. — Mas qualquer desvio do costume é desaprovado.

— Você quer vir conosco para Vera?

— Vou passar minhas férias na Grécia.

Lydia gritou novamente.

— Isso é tão incrível.

Caroline assentiu friamente.

— Quero dizer, eu gostaria que estivéssemos indo para algum lugar, mas não… — Lydia começou a ficar emburrada. — Tipo, papai tem milhões em sua conta, então o fato de não podermos ir a algum lugar fabuloso como a Grécia é tão injusto.

— Lydia! — Jane levantou-se e afastou a irmã de Caroline. — Chega!

A maioria dos estudantes do nosso lado da sala ouvira tudo o que Lydia havia dito.

— Eu estou apenas me divertindo — Lydia protestou. — Você está tão tensa. — Seus olhos se arregalaram e ela começou a pular para cima e para baixo. — Não. Pode. Ser! Essa música foi, tipo, a música do acampamento no verão passado. Eu me lembro totalmente dos passos que criamos. — Uma música pop animada começou a tocar no sistema de som e antes que qualquer um de nós pudesse detê-la, Lydia estava na pista de dança, girando com os braços esticados para fora. Em menos de dez segundos, ela abriu um espaço de cerca de três metros ao redor dela. Ela estava saboreando a atenção.

Jane ficou horrorizada.

— Por favor, faça-a parar. — Sua voz era quase inaudível.

Eu fui até a plataforma. Lydia estava fazendo algo parecido com o Charleston, mas com sua habitual energia maníaca. Ela começou a girar os punhos no ar e gritando "*WOO*!" a cada poucos segundos. Eu podia ouvir as risadas enquanto passava pela multidão.

— Hum, Lydia. — Cheguei tão perto da plataforma quanto consegui ficar sem chamar muita atenção para mim mesma ou ser chutada na cara pela tentativa atual de Lydia de canalizar a *Rockette*. O desempenho era pura

agonia para assistir. Como Lydia poderia ter pensado que ela estava impressionando as pessoas estava além do que eu poderia imaginar. Eu queria desviar o olhar, mas era uma daquelas cenas horripilantes das quais você simplesmente não consegue tirar os olhos. Apenas quando pensei que não poderia piorar, ela começou a mover as mãos lado a lado, estilo Broadway.

Quando a música acabou, Lydia fez uma profunda reverência. Alguns dos caras começaram a assobiar enquanto a maioria das garotas de Longbourn estavam rindo. Alguns tinham até gravado a dança em seus telefones.

Pobre, pobre Jane.

— Oh! — Lydia exclamou quando a próxima música veio. Rapidamente peguei o braço dela. — Lizzie, me deixe ir! — ela protestou.

Eu a ignorei e a arrastei até que Colin entrou no meu caminho.

— Bom, Lydia, isso foi maravilhoso — disse ele.

— Obrigada! — ela respondeu.

— Você realmente tem um grande entusiasmo. Eu não tenho visto saltos assim desde a noite que passei no Joffrey Ballet durante o outono no ano passado. Eu me lembro daquela época do ano tão bem porque estava quente demais. O programa foi delicioso, você poderia gostar...

Colin estava piorando as coisas. O que era necessário era que Lydia fosse tirada daqui, mas Colin estava prolongando o constrangimento, dando uma revisão detalhada de seu desempenho.

Finalmente, Jane não aguentou mais. Ela correu, agarrou Lydia e levou-a para fora.

— Oh, bem… — Colin foi surpreendido pela partida abrupta de Lydia. — Então, Elizabeth, vamos tomar a pista de dança novamente na esperança de repetir o desempenho esplêndido dado por Lydia? — Não houve uma gota de sarcasmo em sua voz. Ele estava sendo completamente sincero.

— Eu… — Olhei para a porta. Eu realmente precisava ir ajudar Jane. Ou possivelmente impedir um assassinato.

Felizmente, Charlotte veio em meu socorro.

— Colin, eu estava esperando que você pudesse me contar mais sobre o veleiro de sua família. — Enquanto Charlotte estava ouvindo, corri para fora. Jane estava sentada na calçada, tremendo.

— Jane — disse. — Está congelando aqui. Venha para dentro.

— Eu não posso, estou tão humilhada.

— Onde está Lydia?

— Eu não sei e, honestamente, não me importo. Ela fugiu quando eu estava tentando argumentar com ela. Ela não tem respeito por mim, nossa família, nossa escola, Charles...

Eu não sabia o que dizer. Eu faria qualquer coisa por Jane, mas não podia voltar no tempo.

— Eu quero ir para casa — disse ela.

Voltei para dentro para pegar nossos agasalhos no porta casaco.

Charles se aproximou de mim.

— Lizzie, Jane está bem?

Entreguei nossos números para a pessoa do check-in.

— Sim, ela está bem, ela… uh, ela está com um pouco de dor de cabeça, então vamos para casa, foi realmente uma grande festa, Charles. Muito obrigada por nos convidar.

Antes que Charles tivesse a chance de responder, a garota entregou-me o casaco de Jane. Ela mordeu o lábio.

— Hum, o outro casaco não está aqui.

— Eu te dei o meu número.

Suas bochechas ficaram vermelhas.

— Eu sei, mas aquele cabide está vazio.

— O que?

Charles pegou os dois bilhetes da mão dela e foi atrás do balcão para procurar meu casaco. Mas tive a sensação de que ele não iria encontrá-lo.

— O que está acontecendo? — Colin veio com Darcy atrás dele.

— Nada — eu disse.

— Isso é ridículo! — Charles exclamou. — Como alguém pode simplesmente sair com o casaco de outra pessoa? Eu quero ver o gerente. — A garota parecia nervosa.

— Isso não é necessário, como ele era?

— Um casaco cinza, acima dos meus joelhos…

Os olhos da garota se arregalaram.

— Que marca?

Eu olhei de volta para Colin e Darcy.

— Era Old Navy.

— Oh… — A cor sumiu do rosto da garota.

— O que você quer dizer com *'oh'*? — Charles ficou furioso. Esta era a primeira vez que eu o via com raiva. E eu também percebi que ele estava de pé por mim. Meu lábio inferior começou a tremer. Eu estava acostumada a ser atacada, não defendida.

— Algumas garotas vieram alguns minutos atrás para pegar seus casacos e uma delas disse que tinha perdido seu número e identificou o casaco. E, bem, não pensei… — A garota ficou envergonhada, eu sabia o que ela diria: quando havia esses casacos de grife caros na sala, quem mentiria sobre ter uma peça de roupa tão pouco glamorosa?

— Apenas esqueça isso. — Eu tentei manter minha voz a mesma.

— Lizzie, eu sinto muito. — Charles ficou horrorizado.

— Eu vou embora...

Colin começou a tirar o blazer.

— Aqui, pelo menos leve minha jaqueta.

Charles pegou sua carteira.

— Você tem que me deixar pagar por isso. Eu não posso acreditar.

A coisa era, eu podia acreditar. Algo tinha que acontecer esta noite. Eu não podia comparecer a uma festa sem algum tipo de humilhação. Todo o tempo, assumi que alguém ia jogar algo em mim ou me faria cair, ou tingiria meu cabelo. Mas em vez disso, eles me roubaram. E não porque eles queriam o que eu tinha. Simplesmente porque eles podiam.

Rapidamente declinei as ofertas generosas de Colin e Charles e fui para a noite de inverno desprotegida. O frio congelante era um lembrete de que as coisas nunca ficariam mais fáceis.

Capítulo 13

EU PASSEI O DIA SEGUINTE NO trabalho repassando a noite na minha cabeça. Tudo o que me restava eram perguntas. O que Wick fez ontem à noite em vez de estar comigo? As brincadeiras contra mim acabariam? O comportamento de Lydia – e sua revelação sobre o pai – afetaria Jane e suas perspectivas? As pessoas realmente seriam tão superficiais e julgadoras?

Infelizmente, eu já sabia dessa resposta.

Eu corri para fora do café no segundo em que meu turno acabou... e encontrei um visitante inesperado esperando por mim lá fora.

Colin.

— Elizabeth, você achou seu casaco? — Fiz sinal para o casaco de lã vermelha de Jane que eu ia usar até o final do inverno.

— Infelizmente não.

— Oh, eu sinto muito em ouvir isso. Uma vez perdi uma jaqueta que eu amava muito. Era de veludo... Não, um tecido marrom acinzentado. Realmente, era um bom casaco. Meu ursinho de pelúcia tinha um correspondente. Nós frequentemente usávamos juntos. Mas então, um dia, deixei em um parque. Quando minha mãe e eu voltamos havia... sumido.

— Eu posso ver que você sente falta — disse, procurando uma rota de fuga.

— De qualquer forma — continuou Colin —, queria saber se eu poderia falar com você por um momento.

— Claro. — Eu me sentei ao lado dele no banco.

— Há certos ritos de passagem que eu acho que são uma parte muito importante de se tornar um adulto.

Colin me olhou com expectativa. Eu estava tão cansada, tudo que eu podia fazer era acenar com a cabeça.

— O baile é um desses ritos. — Meu estômago caiu. — É uma ocasião importante, especialmente para uma garota de Longbourn como você e,

acredito, que faríamos uma grande dupla para participar. — Soltei uma pequena risada. — E eu sei que com suas circunstâncias você pode ter alguma dificuldade com o vestido, mas eu estaria mais do que disposto a pagar por seus acessórios se isso deixasse você mais confortável. Eu… — A postura de Colin vacilou por um momento e ele pareceu sem palavras. Sem dúvida esta foi a primeira vez que tal coisa aconteceu com ele. — Eu… eu te acho muito atraente. Nunca conheci ninguém como você antes. Certamente é alguém que eu sempre achei muito curiosa. — Eu sabia que deveria ter tomado isso como um elogio, mas do jeito que ele disse, não pude deixar de pensar que achava mais interessante como uma esquisitice em seu mundo de riqueza do que atraente. — Nós podemos, obviamente, trabalhar os detalhes em uma data posterior, mas pensei que seria melhor seguir em frente com nossos planos.

— Oh. — Olhei para minhas luvas. — Obrigada por pensar em mim.

— Não tem problema, entraremos em contato. — Colin começou a se afastar.

— Espere! — Eu chamei depois dele. — Eu não te dei uma resposta! — Seu rosto caiu.

— Bem, eu apenas assumi...

— Bem, você não deveria. Embora eu esteja muito honrada que você queira me levar para o baile, vou ter que recusar.

Colin riu.

— Oh, eu conheço este jogo, se fazendo de difícil, não é?

— Não, não estou.

— Oh, Elizabeth, eu sei como são as meninas como você. Você quer ser perseguida pela primeira vez. Muito bem, eu estou disposto ao jogo. Você expõe o seu coelho e eu vou trazer meus cães. Pode ser divertido.

— Não, Colin. — Levantei e abaixei-me um pouco para poder olhá-lo nos olhos. — Mais uma vez, estou muito lisonjeada, mas não estou jogando duro para conseguir nada. Sinto muito, mas a resposta é, e sempre será, não.

Eu odiava ser direta com ele, mas ele não me deixava outra escolha.

Colin ficou pensativo por um minuto.

— É por isso que gosto tanto de você, Elizabeth. É imprevisível. Eu sei que vamos nos divertir muito.

— Aparentemente, você não está me ouvindo.

Colin suspirou.

— Eu ouço você, mas, e por favor saiba que não estou falando de desrespeito, você realmente acha que, com suas circunstâncias, receberá outras ofertas?

Sua franqueza me chocou.

— Não — eu disse —, tenho certeza de que não, mas sei que o baile é algo de que eu não gostaria de participar e você deveria ir com alguém com quem vá se divertir.

— Tenho toda a certeza de que da próxima vez que eu discutir isso com você, sua resposta será diferente.

— Não, Colin, por favor, me diga se há alguma coisa que eu estou fazendo agora para fazer você pensar que haverá outra resposta porque, se me disser, corrijo para que você possa convidar outra pessoa.

— Oh, Elizabeth, você realmente é algo mais.

Fiquei lá com a boca bem aberta. Colin era um dos estudantes mais inteligentes de sua classe, mas, aparentemente, ele estava carente de bom senso. Eu apertei seu ombro e me afastei. Quanto custava ser mais clara do que eu havia sido?

Capítulo 14

EU ENCONTREI CHARLOTTE NO meu quarto quando voltei.

— Oh, bom, você finalmente está aqui! — ela exclamou antes mesmo de eu ter aberto a porta.

— Bem, eu tive uma visita, o que é isso?

Na minha cama havia uma caixa de prata gigante com uma fita vermelha em volta.

— Nós não sabemos. — Jane levantou-se da cadeira. — É por isso que estávamos morrendo para você voltar para casa. Foi entregue há uma hora.

— Mas eu não pedi... Que diabos?

— Abra! — Charlotte pegou a caixa e colocou em meus braços. — Eu quero ver de quem é!

Jane riu.

— E eu quero saber o que é.

Sentei-me na cama e desamarrei a fita vermelha. Dentro da caixa de prata havia um papel branco. Eu levantei-o para encontrar um lindo casaco cinza de inverno. Olhei para a etiqueta e fiquei chocado com o nome do designer.

— Quem mandou isso? — perguntei. Tirei o casaco da caixa e comecei a procurar por um cartão. Ou recibo. Ou até mesmo uma etiqueta que me daria uma dica de onde veio a jaqueta.

Jane estava vasculhando no chão para ver se conseguia encontrar alguma coisa.

— Jane?

Ela olhou para cima.

— Não fui eu, talvez Charles… mas por que ele não teria enviado um cartão? Ou dito alguma coisa para mim sobre isso?

Então meu estômago se virou. Eu sabia de quem era e isso me fez sentir tão horrível.

— É de Colin.

— Como você sabe? — Charlotte perguntou.

— Porque ele acabou de me convidar para o baile de formatura.

— O que? — elas disseram em uníssono.

— E eu disse não. — Eu as preenchi com os detalhes da proposta de Colin. Mesmo o quão honesta e um pouco rude fui com ele.

— Não posso acreditar que você não vai — disse Charlotte. — Além disso, foi atencioso da parte dele se oferecer para comprar seu vestido... e agora o casaco.

— Eu sei, eu não posso manter isso, é demais e não é como se eu tivesse algo contra o Colin, ele é muito legal.

Olhei para o casaco.

— É generoso. E sobre o baile de formatura em Longbourn, eu não vou ficar aqui e me enganar pensando que seria bem-vinda no baile. Veja o que acontece quando eu vou a uma festa normal. Além disso, quero ir para algo assim com alguém especial.

Charlotte deu de ombros.

— Eu ficaria desapontada se eu não fosse, mas Colin está certo, você e eu somos produtos contaminados.

— Charlotte! — Jane ficou horrorizada. — Eu não posso acreditar que você disse isso. Pelo menos vocês duas não têm uma irmã que te humilha na frente de todo o mundo!

— Oh, eu não percebi o mundo inteiro se encaixando no restaurante ontem à noite — provoquei. — E pensar que perdi uma oportunidade de conhecer o presidente dos Estados Unidos.

— Estou feliz por não ter encontrado meu ex namorado — Charlotte continuou.

— Aparentemente vocês não viram a última sensação da Internet? — Jane puxou um vídeo da dança de Lydia que alguém enviou. — A família está tão orgulhosa.

— Oh, Jane… — Comecei a percorrer os comentários cheios de ódio. — Eu sinto muito.

Ela balançou a cabeça.

— Eu vou tentar superar isso, algum dia.

— É bom ter metas.

Meu celular soou. Meu coração pulou quando vi que era Wick.

— Hey — eu disse, entrando no corredor para ter um pouco de privacidade.

— Então, você está falando comigo mesmo depois que eu te deixei sozinha com os bebês fiduciários ontem à noite? — Sua voz era calorosa e amigável.

— Eu acho que poderia encontrar um jeito de te perdoar.

— Você é tão generosa, isso é muito estranho para você, tenha cuidado, você pode ser expulsa em seguida.

— Pelo menos eu estaria em melhor companhia. — Um arrepio subiu pela minha espinha quando ele riu.

— Escute, me desculpe por desertar, especialmente no último minuto. Eu realmente queria ir e tinha toda a intenção de estar lá para você. Mas a noite, enquanto me preparava, achei que não seria bom para você. Não há nenhuma maneira que eu poderia estar no mesmo lugar com você-sabe-quem e não te trazer alguma atenção negativa.

— Eu entendo, não gosto de estar na mesma sala com ele, também.

Charlotte de repente saiu do nosso quarto.

— Lizzie... Jane precisa de você.

— Ouça, posso ligar de volta?

— Claro.

Corri de volta para o nosso quarto e encontrei Jane enrolada em sua cama.

— Jane, o que há de errado? Você sabe que ninguém vai falar sobre aquele vídeo estúpido em uma semana.

— Não, não é isso. — Ela me entregou o telefone. Havia um texto de Charles.

Não posso ir hoje à noite. As coisas estão agitadas. Entrarei em contato.

— Oh. — Eu não sabia o que dizer. Parecia muito diferente de Charles cancelar um encontro e ser tão conciso em fazê-lo. Ele estava completamente apaixonado por Jane. Ele passou a maior parte de sua festa ao lado dela e a adorava. — Tenho certeza de que não é nada, vamos pegar o jantar.

Enquanto Jane e Charlotte se prepararam, liguei rapidamente para Wick e expliquei a situação. Eu não fiquei nada surpresa quando ele disse que entendia completamente. Quando elas ficaram prontas, desliguei e seguimos juntas pela longa escada até o refeitório.

Caroline estava saindo pela porta de entrada principal com Cat. Quando ela nos viu, virou-se para Cat e disse em voz alta.

— Estou tão feliz por você estar saindo hoje à noite conosco. — Jane parou de repente. Caroline continuou: — Você sabe como é importante proteger o nome da sua família. Quando você é um Bingley, como um Bourgh, tem que ser cuidadosa com as pessoas com quem se associa. Acredito que todas as garotas de Longbourn sabem isso bem. — Ela olhou para nós. — Ou, pelo menos, aquelas que têm uma reputação que vale a pena preservar.

Cat assentiu distraidamente enquanto Caroline saía. Cat seguiu obedientemente atrás dela.

— Jane...

A cor saiu do rosto de Jane.

— Então é isso. Eu fui substituída.

— Isso é ridículo, tenho certeza que há uma explicação para...

Jane se virou e voltou-se para o andar de cima.

— Eu não estou com fome.

— Jane! — Eu corri atrás dela. — Qualquer um que já viu vocês dois juntos sabe que Charles é louco por você. Por favor, se Darcy olhasse para Caroline com metade do carinho que Charles te olha, ela estaria andando pelo campus com seu vestido de baile.

Jane sorriu.

— Sério?

— Você está brincando comigo? Não tem como ele ficar longe de você.

Capítulo 15

EU ESTAVA ERRADA SOBRE MUITAS COISAS NA MINHA VIDA. Mas uma coisa em que eu teria apostado minha poupança de vida (tão insignificante quanto a soma pode ser) era que Charles voltaria a perseguir Jane em questão de dias.

Mas eu estava errada. Mortalmente errada.

Duas semanas se passaram e nada. Era doloroso ver Jane olhando para o celular, desejando que ele tocasse. Ela não era a única confusa por Charles ter sumido da face da terra. Não fazia sentido. E para acrescentar à lista de meninos com comportamentos confusos, Colin recusava-se a admitir ter comprado o casaco e havia desaparecido da face da terra. Ou, pelo menos, ele havia parado de me visitar no *Junction*.

E depois houve o Wick. Wick me visitava ocasionalmente no trabalho e flertava (pelo menos eu achava que ele estava flertando), mas não me convidou para sair em outro encontro.

O que tornou ainda pior era que o Dia dos Namorados estava se aproximando. E se havia algo mais irritante do que uma garota de Longbourn obcecada com o baile de formatura, era uma garota de Longbourn em pânico por causa do Dia dos Namorados. Especialmente desde que eu descobri que o Dia dos Namorados era o dia mais popular para os garotos Pemberley convidarem às meninas de Longbourn para o baile.

Já era ruim o suficiente ver os balões vermelhos e os sinais do coração surgindo na cidade e se infiltrando no campus. Eu estava tentando proteger Jane de todo o amor jovem o máximo possível. Naquela noite, eu até me ofereci para correr para o refeitório para pegar o nosso jantar, com medo de que eles estivessem servindo uma refeição vermelha em pratos em forma de coração. Encontrei Charlotte no caminho até lá.

— Oh, oi. — Ela parecia nervosa em me ver.

— Indo jantar?

Enquanto descíamos a escada, vi Colin esperando no saguão de entrada.

— Oh não, o que ele quer? Não pode se dar conta?

— Lizzie. — Charlotte diminuiu a velocidade. — Ele está aqui por mim.

— Oh. — Eu tentei não parecer tão chocada.

— Eu não sabia quando te contar, mas vou ao baile com o Colin.

Eu ri.

— Você está brincando?

O rosto de Charlotte caiu.

— Não, eu não estou. Você está chocada que ele possa ter se recuperado da sua rejeição?

— Não, não mesmo. — Eu não sabia qual de nós deveria ter ficado mais ofendida – ela pelo meu pensamento de que era a segunda opção, ou eu por pensar que Charlotte seria tão egoísta. — Eu sei que você realmente quer ir ao baile de formatura, e eu não poderia estar mais feliz por você. Realmente.

Charlotte sorriu fracamente.

— Eu não te culpo por estar surpresa, mas eu não sou romântica, Lizzie, eu sou prática. Quero ir ao baile e ele me chamou.

— Tenho certeza que você vai se divertir muito. Mal posso esperar para ver seu vestido.

— Obrigado, bem, é melhor...

— Claro, tenha uma ótima noite.

Assisti Charlotte enquanto ela corria para cumprimentar Colin, que tinha uma caixa de chocolates em formato de coração escondida nas costas. Ambos pareciam felizes, embora um pouco desajeitados um com o outro. Colin tentou dar um beijo duplo na bochecha, mas acabou beijando a orelha de Charlotte.

Fui ao refeitório, pegando comida para levar de volta ao quarto. Desde o "*Incidente Lydia*" – Lydia, claro, não ficou envergonhada com o vídeo, estava feliz que as pessoas sabiam quem ela era –, Jane e eu estávamos seguindo as formalidades.

O próximo fim de semana prolongado, o Dia do Presidente, era um descanso bem-vindo. A maior parte do campus estaria vazia. Enquanto meus pais estavam esperando que eu fosse visitá-los, eu queria fazer o meu trabalho e sabia que o *Java Junction* estaria lento, por isso, seria uma ótima maneira para ganhar dinheiro e terminar alguma leitura.

Além disso, a Sra. Gardiner teve uma surpresa para mim naquela sexta-feira durante minha aula de piano.

— Acho que é hora de conversarmos um pouco sobre o recital da primavera — disse ela. Tinha um sorriso travesso no rosto, o que eu sabia que significava problema.

Balancei a cabeça.

— Eu assumi que eu estaria tocando o Rachmaninoff. — Nós estávamos trabalhando na décima oitava variação da rapsódia 6 em um tema de Paganini.

— Sim, eu acho que você deveria tocá-lo, mas a coisa toda, com a orquestra, você seria a artista em destaque.

Fiquei em silêncio, atordoada. A rapsódia inteiro dura quase vinte e cinco minutos.

— Eu não acho que...

A Sra. Gardiner se levantou da cadeira ao lado do piano na sala de música.

— Você não será capaz de fazê-lo se não achar que pode fazê-lo.

Era por isso que eu estava em Longbourn, para me desafiar. Ela estava certa. Eu precisava acreditar em mim mesma.

— Elizabeth, eu nunca tive uma estudante tão talentosa quanto você. Eu quero que sua performance seja a maravilhosa coda 7 do ano.

— Ok. — Folheei toda a peça, estudando as corridas. — Eu posso fazer isso.

Ela bateu palmas juntas.

— Excelente! Esse é o espírito que eu estava procurando. Eu estava ficando preocupada com você.

— Por que você estava preocupada comigo?

A Sra. Gardiner me deu um sorriso fraco.

— Você simplesmente não parecia você mesma no último par de dias. Eu sei que você teve alguma dificuldade em se ajustar, mas você parecia finalmente estar bem.

— Oh — respondi. Eu não conseguia pensar em mais nada para dizer. Sempre tentei deixar para trás o que estava acontecendo na minha vida pessoal, aparentemente, eu não tinha feito o melhor trabalho.

— Eu não quero me intrometer — ela disse se desculpando.

A maioria dos professores de Longbourn gostava tanto das fofocas dos estudantes quanto as meninas. Mas a Sra. Gardiner era a única professora que parecia cuidar de mim.

— Está tudo bem — disse a ela. — É só a minha amiga que está passando por um momento difícil agora.

— Ok, querida. — Ela me deu um tapinha nas costas. — Tenha um bom fim de semana prolongado e eu quero que pratique tanto quanto você possa. Esta peça vai ser surpreendente.

Eu estava feliz pela distração. Mergulhar em um arranjo desafiador me daria algo para fazer, além de ficar em silêncio com Jane todas as noites. Eu estaria estudando e ela teria um livro na frente dela, mas tinha certeza que ela não estudaria. Para piorar a situação, sua mãe ainda insistiu para que elas fizessem uma consulta em seu vestido de baile durante o feriado. A última coisa de que Jane precisava era de uma lembrança do que havia acontecido – ou, no caso dela, do que não acontecera – com Charles.

Capítulo 16

O CAMPUS ESTAVA TRANQUILO DURANTE TODO O FIM DE SEMANA. Eu era uma das poucas pessoas que permanecia no dormitório. Até Charlotte foi para o Maine. Eu deveria estar acostumada a uma existência isolada neste momento, mas eu realmente sentia falta de Jane. E de Charlotte, apesar das coisas terem ficado um pouco desconfortáveis entre nós desde que ela concordou em ir ao baile com Colin.

Trabalhei segunda-feira à tarde já que não tínhamos aula. As coisas começaram a melhorar no final da tarde, quando os alunos começaram a voltar ao campus.

— Sentiu minha falta? — Uma voz familiar gritou quando eu estava de costas para o balcão.

— Onde você estava neste fim de semana? — perguntei a Wick. Fiquei desapontada por não ter visto ou ouvido falar dele.

— Em Manhattan. — Ele brincou puxando minha viseira.

— Oh, garoto da cidade grande, hein? — Eu comecei a fazer sua bebida regular. — E o que você estava fazendo lá?

— Você sabe, o de sempre.

— Causando problemas?

— Só para as pessoas que merecem isso.

Mesmo que eu estivesse chateada por ele não ter me dito que estaria longe, eu não poderia guardar rancor contra ele. Nós éramos muito parecidos.

— Lizzie! — Lydia correu até o balcão. — Estou tão feliz em vê-la. Este fim de semana foi horrível, Jane ainda não me perdoou. Ela está sendo tão irracional. — Ela parou por um breve segundo. — Eu quero um latte de mocha congelado grande com chantilly extra e chocolate.

Eu fiz uma careta. Lydia sabia o quanto aquelas bebidas geladas eram complicadas de fazer. Mas ela não se importava. E por que ela deveria? Este era o meu trabalho, afinal.

Quando tirei o gelo, Lydia voltou sua atenção para Wick.

— Ei — disse enquanto olhava para ele de cima a baixo. — Você vai a Pemberley?

— Lydia — interrompi. — Este é Wick. — Um sorriso se espalhou lentamente em seu rosto.

— Oh, você é o que foi expulso da Pemberley e é inimigo mortal de Darcy.

— Lydia! — Fiquei surpresa com o quanto pareci com Jane quando a repreendi.

Wick apenas riu.

— Nossa, como estamos rápidos? Tudo bem, eu gosto de avançar.

Liguei o liquidificador para que eu pudesse abafar o excesso de fala de Lydia. Eu egoisticamente queria ter Wick só para mim e fazer uma pausa para que pudéssemos conversar, mas de jeito nenhum Lydia estaria nos deixando sozinhos.

Lydia pegou sua bebida da minha mão antes que eu tivesse a chance de colocar a tampa. Ela começou a brincar com o canudo no que eu poderia ter suposto que era apenas uma maneira sedutora.

— Quando é a sua folga? — Wick me perguntou.

Eu olhei para o relógio.

— Suponho que eu poderia pegar alguns minutos agora. — Nós fomos em direção a uma mesa. Lydia nos seguiu.

— Você sabe — Lydia murmurou para Wick —, eu acho que Darcy provavelmente odeia Lizzie mais do que ele odeia você.

— Obrigada por isso. — Eu olhei para ela.

— O quê? Não é sobre isso que vocês falam? Darcy?

Wick encolheu os ombros.

— Você pode não acreditar nisso, mas existem coisas neste mundo que valem a pena falar além de Will Darcy.

— Exatamente. — Na verdade, Wick e eu quase nunca falamos sobre Darcy. Não havia necessidade de mencionar um assunto tão desagradável.

— Então, você tem namorada? — perguntou Lydia sem rodeios.

— Por quê? Você está fazendo o teste? — Wick brincou.

— Você não deveria encorajá-la — sussurrei em seu ouvido.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Lydia, você pode conseguir alguém muito melhor do que um cara como eu.

— Oh, eu não sei. — Lydia mordeu o canudo. — Eu gosto de bad boys. — Resisti a todos os desejos de vomitar. Eu estava questionando a humanidade o suficiente por causa de como Charles havia tratado Jane, e a última coisa que eu precisava testemunhar era um flerte entre Lydia e Wick.

— Bem, me desculpe, mas esse bad boy está um pouco ocupado no momento. — Wick piscou para mim.

Senti meu rosto esquentar pela atenção dele e o que ele estava sugerindo.

— Com quem? — perguntou Lydia.

— Hum. — Wick se mexeu em seu assento. — Ela vai para Longbourn, então você pode conhecê-la.

Eu olhei para o chão, envergonhada.

— Quem? — Lydia cutucou, não entendendo.

— Sylvia Kent. Ela é veterana.

Sylvia Kent.

Sylvia Kent?

Sylvia Kent!

Tentei processar o que ele estava dizendo. Eu sabia quem Sylvia Kent era, mas não fazia sentido. Eu achava que ele desprezava as garotas de Longbourn tanto quanto eu. Eu estava tentando entender, mas havia uma parte do meu cérebro que simplesmente não estava me deixando. Sylvia Kent?

Wick poderia dizer com um olhar para mim que havia algo errado. Tenho certeza de que eu não estava sendo muito sutil com a minha confusão, mas Wick me conhecia. Tínhamos um entendimento entre nós – ou, pelo menos,

eu achava que tínhamos até que as palavras "Sylvia Kent" deixaram seus lábios.

Ele se virou para Lydia.

— É Lydia, certo? — ele perguntou. Ela ficou muito satisfeita por Wick saber o nome dela. — Você poderia me dar alguns minutos a sós com Lizzie?

Lydia se levantou, foi até uma mesa vazia e começou a enviar mensagens de texto.

Eu não podia olhar para o Wick. Eu estava tão horrorizada que achei que ele tinha algum sentimento por mim.

— Me desculpe, eu não disse nada para você mais cedo — ele começou.

Eu o interrompi.

— Oh, tudo bem. Você não precisava dizer nada para mim. Não é como se estivéssemos namorando ou algo assim.

Ele recostou-se na cadeira.

— Eu não quero que você fique com raiva de mim, eu tenho um lance oculto com Sylvia. Seu pai dirige um grande escritório de advocacia em Nova York. Direito de entretenimento, não tão prestigiado quanto o escritório de advocacia do Sr. Darcy. Mas como isso não funcionou, pensei em tentar fazer uma conexão de uma maneira diferente. Um estágio em seu escritório de advocacia praticamente garante a aceitação em uma universidade da Ivy League.

Eu estava tentando conciliar tudo o que Wick me disse no passado sobre os pirralhos mimados em Pemberley e Longbourn com o que ele estava dizendo agora.

Ele continuou:

— Sei que deve parecer hipócrita para você. É por isso que eu não queria contar. Mas você ainda é bastante nova em toda essa multidão rica. Lizzie, você precisa entender que precisamos aproveitar nossas situações quando pudermos. Ande com eles o tempo suficiente, comece a apreciá-los, mesmo que você trabalhe para prejudicá-los. Há uma grande diferença entre *conexões* e *conexão*. O que tenho com Sylvia é uma questão de conexões. O

que tenho com você é uma questão de conexão. Um é muito mais importante que o outro, e tenho certeza de que você pode imaginar qual é.

Tudo que eu pude fazer foi acenar com a cabeça. Me desculpei e fui para o quarto dos fundos. Eu estava igualmente ferida, irritada e envergonhada por sua revelação. Eu realmente gostava de Wick e achei que ele gostava de mim.

Talvez, de uma maneira distorcida, ele ainda o fizesse. Mas o que realmente importava mais – conexões ou conexão? Ele foi o primeiro cara que eu conheci aqui que me entendeu. Ele gostava de mim por quem eu era. Mas isso era o suficiente?

Afinal de contas, eu não tinha uma família rica ou perspectivas de emprego extravagantes.

Ele não mencionara nenhuma vez que gostava de Sylvia. Isso significava que ele ainda poderia gostar de mim? Ou que gostar não tem nada a ver com isso? Eu poderia realmente culpá-lo por tirar proveito quando sei que nenhum de nós teria uma vantagem?

Olhei para o meu casaco cinza pendurado no cabideiro dos empregados. Colin ainda se recusava a admitir que ele comprou para mim, então eu não poderia tê-lo devolvido, mesmo que quisesse. Mas mesmo sabendo disso, me perguntei: manter o casaco significava que eu estava tirando proveito da minha situação? Me sentia da mesma maneira sobre Charlotte indo ao baile com Colin como me senti sobre Wick e Sylvia?

Já era ruim o suficiente ver amizade e amor em termos de política. Mas vê-lo em termos de negócios era ainda pior. Eu olhei para fora do quarto dos fundos e vi Wick esperando pacientemente por mim. Então ele olhou para cima. Me viu. E ficamos lá por um momento.

Eu sabia que estava exagerando com o que ele disse porque eu queria que ele gostasse de mim. Eu estava levando isso para o lado pessoal.

A questão era: quão pessoal realmente era? Eu estava com medo de seu desejo por conexões, ou por minha própria falta delas? Fiquei lá na porta até que ele entendeu e saiu. É muito fácil fazer um garoto sair de uma sala. É muito mais difícil conseguir que ele deixe seus pensamentos.

Capítulo 17

AS PRÓXIMAS SEMANAS SE TRANSFORMARAM em um ciclo de escola, lição de casa, prática e trabalho. As brincadeiras e críticas diminuíram à medida que os alunos começaram a estudar para as provas parciais e a comissão de formatura convocou reuniões praticamente todas as noites. O piano se tornou o único ponto brilhante no meu dia. Eu senti como se estivesse realizando algo, algo como um progresso, lento, mas seguro, através de Rachmaninoff.

Jane e eu ficamos dentro do alojamento na maioria das noites. Ela ficou mais e mais deprimida quando a lista de garotas com pares de formatura cresceu e cresceu. Adicionando insulto à injúria, estavam fazendo um vestido muito caro para ela. Sua mãe parecia pensar que tudo acabaria dando certo e ela não queria estar despreparada.

Nenhuma de nós sequer se deu ao trabalho de participar da reunião de formatura "obrigatória", onde o resumo das atividades foi discutido, formulários de meia liberação foram distribuídos e pré-entrevistas foram agendadas. Charlotte decidiu enfrentar a reunião, apenas para ser enviada para o lugar errado. Logo, quando chegou, elas alegaram que não tinham mais formulários para ela.

Eu até comecei a ansiar por trabalhar mais já que era a minha única interação social real durante a semana. Wick não vinha mais tanto quanto antes. Estar perto um do outro de repente era estranho. Pela primeira vez desde que o conheci, me senti censurada. Eu não poderia ser aberta ao redor dele e dizer a ele o que eu queria dizer: por que ela? Por que não eu? Sem embaraços, nós dois já sabíamos a resposta para essas perguntas.

Enquanto Wick ficou longe, outra presença surgiu. Para meu espanto, Darcy começou a aparecer regularmente durante o meu turno. Tentei evitar qualquer conversa com ele além de perguntas sobre sua seleção de bebidas.

— Eu acho que esse cara tem uma queda por você — disse Tara um dia, apontando para Darcy.

— Dificilmente — respondi. — Me detesta, embora provavelmente não tanto quanto eu o detesto. — Tara sorriu.

— Bom, nós certamente temos fortes sentimentos por alguém, não temos? Tem certeza de que você o detesta ou é outra coisa?

— Por favor.

— Bem, ele só se senta com seu café quando você está aqui. Quando você não está, ele sai.

— Acredite em mim, ele só está fazendo isso para me punir.

A punição continuou por mais algumas semanas. Finalmente, quase um mês depois da festa de Charles, Darcy encontrou-me a caminho de casa. Ele estava com um cara de vinte e tantos anos.

Darcy e seu amigo se juntaram a mim na calçada.

— Oi, Lizzie — disse Darcy, como se acabássemos de nos encontrar. — Estamos indo em sua direção, você se importa se te acompanharmos?

— Eu sou Will Fitzpatrick — o cara disse para mim. — É a minha reunião de dez anos em Pemberley, só estou visitando meu primo antes de ir para a nossa festa.

— Oi — respondi. Ele tinha um temperamento amigável, muito oposto a Darcy.

— Fitz, esta é Elizabeth Bennet — disse Darcy, fazendo a devida apresentação.

— Por favor, me chame de Fitz, todos os meus amigos o fazem. Com dois Wills na família, isso tornou mais fácil para todos se referirem a nós pelos nossos sobrenomes.

Sorri educadamente, embora eu não estivesse realmente interessada em porque todos chamavam Darcy por esse nome, e não por Will.

— Eu ouvi muito sobre você — disse Fitz calorosamente.

— Isso é lamentável — respondi. — Eu posso garantir que eu não sou tão horrível quanto seu primo me fez parecer.

Fitz riu.

— Horrível? Muito pelo contrário. Eu só tenho coisas boas para dizer.

— Receio que seja apenas Lizzie que tenha palavras grosseiras para dizer sobre mim — acrescentou Darcy.

Fitz parou no meio do caminho.

— O que exatamente meu primo idiota fez para merecer isso? — Seu sorriso era curioso e amigável.

— Estou feliz que você tenha perguntado. Estive me perguntando a mesma coisa — respondeu Darcy secamente.

— Bem, quanto tempo você tem antes da sua festa? — respondi.

— Oh, Darcy! — Fitz pegou Darcy pelo colarinho. — Você tem um jeito com as senhoras. Senhorita Bennet, em nome da minha família, minhas mais sinceras desculpas por quaisquer que sejam as ofensas que o Senhor Rabugento aqui tenha lhe feito.

Ele estendeu a mão e fez uma leve reverência. Eu aceitei sua mão com uma risada e assenti em aceitação de seu gesto gentil.

— Talvez eu devesse pular a reunião e em vez disso tentar fazer as pazes. Agora que penso nisso, há alguns antigos professores que quero evitar. — Piscou para mim.

Várias garotas do meu dormitório passaram com sacolas grandes e fofas.

— Oh, uau, eu esqueci que é a época da insanidade do baile. — Fitz sacudiu a cabeça. — Você está sofrendo de um pandemônio antes do baile?

— Absolutamente não — assegurei a ele.

— Bom para você. Alguns dos amigos de Darcy parecem ter perdido a cabeça. Você teve que fazer seu amigo mudar de ideia de ir com uma pessoa?

A expressão de Darcy mudou imediatamente.

Senti meu sangue começar a ferver. Eu tinha assumido que era Caroline quem estava mantendo Charles longe de Jane. Mas era Darcy. Claro que era Darcy.

— O que é isso? — perguntei.

Darcy apenas o afastou.

— Nada, não é nada.

Sim, não era nada para ele. Mas era tudo para Jane.

— Oh! — Fitz olhou para o relógio. — Eu devo fazer meu caminho para a Casa do Diretor. Lizzie, foi um prazer. — Ele apertou minha mão. — Primo — virou para Darcy —, não seja um imbecil. Boas famílias há dúzias de uma dúzia, mas uma boa mulher é rara.

Nós o assistimos atravessar a quadra em direção a Pemberley.

— Eu gosto dele — eu disse. Qualquer um que pudesse dar a Darcy tanta repreensão estava bem no meu livro. Me virei para ir em direção ao meu dormitório e fiquei surpresa quando Darcy me seguiu. — Existe algo que eu possa ajudá-lo? — perguntei

Darcy balançou a cabeça.

— Não, eu apenas pensei em acompanhá-la pelo resto do caminho.

— Mais uma vez, sua preocupação com meu bem-estar é tão tocante.

Ele respondeu com silêncio.

— Então, como está o Charles?

Eu parei por um momento.

— Charles está bem. Ele tem estado muito ocupado.

— Eu ouvi. — Fechei meus punhos com força. Eu até mordi minha língua. Ver Darcy regularmente estava desgastando minha paciência. E sabendo que ele era a causa da infelicidade de Jane, quase intolerável.

— Eu trabalho nas noites de segunda, terça e sexta, assim como nas tardes de domingo — disse.

Ele olhou para mim e eu continuei.

— Parece que nos encontramos muito ultimamente e achei que você gostaria de saber minhas horas então você pode evitá-las, é claro.

Assenti abruptamente, depois fui embora. Eu não esperava vê-lo no café novamente.

Capítulo 18

MAIS UMA VEZ EU ESTAVA ERRADA. Em vez de me evitar, Darcy estava presente em cada turno. Às vezes saía quando eu terminava e me acompanhava. Eu achei mais fácil não lutar contra isso. Era uma caminhada curta e, na maior parte do tempo, ele caminhava misericordiosamente comigo em silêncio. Se nós conversássemos, era geralmente conversa fiada sobre as aulas.

— Então, onde está seu namorado? — Tara me perguntou uma noite.

— Quem? Wick? Ele não é meu namorado. — Como se eu precisasse ser lembrada.

— Você sabe que não é de quem eu estou falando.

— Darcy? — zombei. — Por favor, ele é mais como um...

— Stalker?

Eu balancei a cabeça.

— Acredito que os stalkers geralmente precisam se preocupar com suas presas.

— Seu guarda-costas?

— Isso seria irônico já que ele é a pessoa de quem eu preciso de proteção.

— Huh. — Tara começou a esfregar o balcão.

— O que? — eu insisti.

— Você sabe o que eu acho irônico?

— Não, mas tenho a sensação de que você vai me contar.

Ela olhou para mim.

— Que você reclama dele, mas você sempre olha quando a porta se abre na hora de fechar, como se estivesse esperando por ele.

— Não, eu não faço.

Tive que pensar sobre isso. Eu fiz?

— Então, por que você o permite? — ela perguntou.

— Bem, eu tenho sapatos e uma camisa, então eu não posso realmente negar o serviço.

— Você sabe que não é isso que eu quero dizer. Por que você deixa ele te levar pra casa?

— Eu não sei. No começo, eu não queria brigar. Eu não achei que isso se tornaria um hábito. Acabei me acostumando com isso.

A verdade era: eu poderia ser eu mesma em nossas caminhadas. Eu não precisava falar se não quisesse. Não era como se eu tivesse que fingir que tudo na minha vida era ótimo (como tenho feito com meus pais). Ou estar em alerta (como com o resto dos meus colegas). Ou tentar ser favorável e otimista (como com Jane).

Com Darcy, descobri que poderia ser eu.

Ocasionalmente, conversávamos sobre a vida em casa. Ele havia me perguntado sobre a minha família ou o que fiz no fim de semana. Mas a maior parte do tempo, nós andamos em silêncio e não era estranho. Nós tivemos nossos próprios momentos separados que parecíamos compartilhar em silêncio. Era natural, não era forçado, era nossa própria rotina.

Então, com duas semanas até as férias de primavera, ele quebrou a rotina. Em vez de me deixar entrar no meu quarto sem um adeus de qualquer espécie, ele aproveitou o momento da minha partida para perguntar:

— Posso falar com você?

Dei de ombros. Ele teve a oportunidade de falar comigo pelos quinze minutos anteriores, então eu não via por que agora era um momento melhor. Mas ele tinha um olhar nervoso no rosto, então a curiosidade tirou o melhor de mim.

— Lizzie, Elizabeth... Eu não acho que eu possa continuar com isso por mais tempo.

Fiquei tão espantada que não consegui falar.

Ele continuou:

— Eu me pego pensando em você constantemente... contra o meu melhor julgamento, devo acrescentar. Eu continuo tentando argumentar comigo

mesmo sobre porque eu estou tão atraído por você. Por mais que eu tente, eu não consigo persuadir-me. Você não é como ninguém que eu conheça… e isso não tem nada a ver com a sua educação. Quero dizer, é bom e ruim, suponho. De qualquer forma, eu gostaria de levá-la ao baile de formatura.

Meu instinto inicial era ser educada, como fui com Colin. Mas fiquei tão ofendida e irritada com a proposta dele que fiquei sem ressentimento.

— Apesar do que você poderia pensar da minha educação — eu comecei, tentando controlar a raiva na minha voz —, eu fui criada para ser educada. Eu sei que deveria agradecer por sua oferta, mas não vou. A última coisa que eu quero neste mundo é que você pense em mim e não existe maneira de que alguma vez eu possa ir ao baile com você.

Darcy lutou para manter a compostura.

— Você está falando sério? Como você pode dizer uma coisa dessas para mim?

— Como eu poderia dizer essas coisas? — Minha voz estava subindo lentamente. — Como você poderia pensar por um segundo que eu ficaria feliz em saber que você gosta de mim contra o seu melhor julgamento... que você não pode dissuadir-se de gostar de mim? Você é tão cheio de si mesmo. Você não pode nem pedir que uma garota vá ao baile de formatura sem insultá-la, e você é muito maluco para perceber isso!

O rosto de Darcy ficou vermelho. Ele abriu a boca para falar, mas continuei.

— E eu tenho todos os motivos para desprezar você. Você é tão vaidoso que não percebeu isso? Você custou a felicidade de minha melhor amiga com Charles.

Os olhos de Darcy se arregalaram.

— E nem sequer tente negar isso, eu sei que foi você. Você, que se passa com esse ar de santo, ditando quem deveria estar com quem. Sim, o pai de Jane está desempregado e sua irmã é impetuosa, mas quem é você para dizer a Charles com quem ele pode e não pode namorar? E Wick! Você não pode conter o seu ciúme, pode? Você não poderia suportar a ideia de um bolsista ter as mesmas conexões que você. Assim, o que fez? O expulsou. Arruinando sua chance de uma boa educação, de se tornar alguém.

Honestamente, não me surpreenderia se você tentasse encontrar algum motivo para me expulsar agora que magoei seu orgulho inchado. Embora eu sinceramente duvide que alguém possa fazer isso com você. Seu idiota, egoísta e mimado. Eu gostava muito mais quando estávamos em silêncio. Quando as coisas não eram forçadas. Por que você teve que falar?

— Você realmente acredita nisso sobre mim? — A voz de Darcy era suave. — Você certamente se decidiu, não é?

— Desde o primeiro momento, você não tem sido nada além de vaidoso. Eu tentei fazer um esforço por causa de Jane, mas como isso não é mais um problema, graças a você, eu não tenho qualquer motivo para esconder meus sentimentos.

— Não, não, você certamente não está escondendo nada. — Darcy encostou-se a uma árvore. — Bem, eu já ouvi o suficiente. Sinto muito por ofender você com a minha proposta, não é isso que eu pretendia fazer. Eu estou... — Ele pareceu perdido por um momento. Então se desencostou com determinação e acenou para mim. — Bem, obrigado pelo seu tempo. Tenha uma boa noite. — Caminhou apressadamente em direção a Pemberley.

Corri para o meu quarto, sentindo-me indignada. Encontrei uma nota de Jane na tela do meu computador, dizendo que ela estava na sala comunal.

Como eu poderia ter atraído alguém como Will Darcy? Não apenas isso, mas eu não tinha absolutamente nenhuma ideia de que todo esse tempo ele estava flertando comigo.

Eu caí no chão, exausta de tudo... escola, trabalho, prática e agora isso.

A barragem finalmente explodiu. Eu tinha, mais uma vez, atingido meu ponto de ruptura. Tranquei a porta e comecei a chorar.

Capítulo 19

NÃO TINHA FORÇA PARA DIZER A JANE O QUE ACONTECEU. Eu não suportaria repetir minha conversa com Darcy, não queria colocar para fora minha teoria de que Darcy era responsável pela distância de Charles.

Decidi passar um dia enferma naquela segunda-feira e fiquei na cama tentando recuperar o atraso no trabalho. Quando fui enviar um e-mail aos meus amigos de Hoboken, fiquei chocada ao encontrar um e-mail de Darcy, enviado tarde na noite anterior.

Querida Lizzie,

Por favor, saiba que não sou estúpido o suficiente para cometer o mesmo erro duas vezes. Eu não vou me repetir aqui. Mas depois de pensar sobre o que você disse, posso entender por que você tem tanto desprezo por mim. No entanto, para ser justo com ambos, acho que há algumas coisas que você deve saber.

Primeiro, quero pedir desculpas sobre como eu te tratei quando nos conhecemos. Fui rude com você na festa e, você estava certa, era porque você é uma bolsista. Passei o semestre em Londres fugindo de alguns problemas que tive e foi muito difícil voltar. Eu acho que posso ter descontado isso em você. Mas, então, eu a conheci e fiquei horrorizado com as suposições que fiz sobre seu caráter. Você é realmente uma pessoa incrível e eu admiro o quão corajosa é (e eu admito que você é a primeira pessoa que eu conheci em Pemberley ou Longbourn que não ficou impressionada com o dinheiro da minha família, o que me fez gostar ainda mais de você). Eu esperava que sua opinião sobre mim mudasse e você me desse uma segunda chance. Tentei descobrir uma maneira de fazer as pazes, mas, obviamente, foi tudo em vão. Então, se você tirar alguma coisa deste e-mail, espero que seja que realmente sinto muito por como eu te tratei.

Em segundo lugar, não sou diretamente responsável pelo que aconteceu com Charles e Jane. No entanto, eu sou certamente culpado por não entrar em cena. Eu totalmente admito isso. Também admitirei ser indiretamente

responsável. Na verdade, nós dois somos. Acredito que a pessoa responsável queria manter Jane longe porque também queria manter você afastada. Tanto quanto você ficou chocada com a minha revelação hoje à noite, meus sentimentos por você foram claros para aqueles que me cercam há algum tempo. (Eu queria começar com "por favor, não ache que sou convencido", mas nós dois conhecemos seus sentimentos sobre esse assunto.) Eu deveria ter corrigido essa situação também, e eu recentemente me inspirei para limpar o ar com essa pessoa. Embora eu espere poupar seus sentimentos mais do que os meus foram poupados hoje à noite. Planejo consertar meus erros e, como sei que Jane foi ferida, espero que ela possa perdoar Charles por ser tão idiota.

Eu também queria esclarecer algo que meu primo disse que eu acredito que você entendeu mal. O amigo que falei sobre ir ao baile não era Charles. Era Colin. Ele se mantinha inflexível em convidá-la de novo, mas eu o convenci do contrário. Meus motivos egoístas estavam claramente em jogo.

Por fim, a acusação de que eu consegui expulsar Wick de Pemberley por causa do meu próprio ciúme não poderia estar mais longe da verdade. Eu não gosto de falar sobre isso, já que foi um momento muito doloroso para minha família, mas sinto que preciso me defender contra qualquer mentira que Wick possa ter lhe dito.

George Wickham e eu éramos bons amigos. Nós instantaneamente nos conectamos quando nos conhecemos e começamos a passar muito tempo juntos. Ele estava perto de toda a minha família, incluindo minha irmã de quatorze anos, Georgiana. Eu sempre o levava para casa e meus pais até lhe davam dinheiro para o material escolar e o levavam de férias com a gente. Eu estava feliz que meu pai ia ajudá-lo com um estágio em seu escritório de advocacia no verão passado. E, egoisticamente, eu estava feliz em tê-lo ficando com a gente. Ele era como o irmão que nunca tive.

Mas Wick também gostava de jogar tanto quanto ele queria trabalhar. Eu me diverti muito saindo com ele, mas ele cruzou a linha quando envolveu Georgie.

Minha irmã significa tudo para mim. Você nunca encontrará uma pessoa mais gentil e carinhosa. Meus pais saíram um fim de semana e eu voltei

para casa para encontrar garrafas vazias de licor pela casa. Eu entrei e vi Wick tentando tirar vantagem da minha irmã, que tinha ficado bêbada. Felizmente, cheguei em casa antes que qualquer outra coisa pudesse acontecer, mas nunca me perdoarei por ter colocado minha irmã naquela situação.

Eu o chutei para fora de nossa casa e meu pai retirou seu estágio. Mas Wick conhecia nossos códigos de segurança e nós, estupidamente, não pensamos em mudá-los. Ele invadiu a nossa casa e roubou jóias, dinheiro e alguns itens da família. Nós temos a filmagem de segurança para provar isso.

É por isso que ele foi expulso de Pemberley. Na verdade, ele tem sorte de não termos indiciado-o pelo roubo. Nós deveríamos ter feito, mas não queríamos ter que passar por um julgamento e ter tudo isso na imprensa. Ele violou minha confiança, a confiança da minha família e, pior de tudo, tentou se aproveitar das afeições inocentes de uma jovem.

Como você me recordou, eu te acusei de ter um problema com pessoas com dinheiro. E vou admitir que tenho um problema com pessoas sem ele. Mas foi só por causa de Wick. Nunca contei isso a ninguém, mas o que aconteceu com Wick foi a razão pela qual fui a Londres no semestre passado. Eu precisava me afastar do campus e da culpa que eu tinha em trazer alguém como ele para a minha família. Então, minha guarda estava de pé quando voltei ao campus e não estava preparado para me permitir estar próximo de ninguém novo. Foi muito injusto da minha parte comparar você a alguém como ele e, novamente, por isso sinto muito.

Eu não espero que isso realmente mude alguma coisa entre nós. Mas eu não conseguia dormir sem pelo menos te dar o meu lado da história.

Eu realmente quero te desejar o melhor com tudo,

Will Darcy

Olhei para a tela em uma tentativa desesperada de compreender tudo o que Darcy tinha dito. Reli seu e-mail várias vezes.

No começo, eu não acreditava em nada – não podia acreditar. Então pensei um pouco mais sobre Jane e Charles. Mesmo que Lydia tenha

envergonhado Jane, faria sentido que Caroline se sentisse com ciúmes de mim quando eu fui a única pessoa que Darcy tinha dançado a noite toda.

A ideia de que Caroline conhecia os sentimentos de Darcy por mim parecia tão surreal. Então era eu que ela tentava afastar, não Jane. Eu não sabia se deveria me sentir aliviada ou culpada por isso.

Continuei lendo a parte sobre Wick. Eu pensei: por que eu deveria acreditar em Darcy?

Então refleti sobre o comportamento de Wick. Sim, ele era encantador e amável, mas nunca parecia interessado em sair comigo a menos que estivesse no trabalho... dando-lhe bebidas gratuitas.

E ele havia dito que precisávamos tirar vantagem da nossa situação.

Mas isso parecia tão… extremo.

Quão bem eu conhecia Wick? E quanto eu conhecia Darcy?

Reli os últimos parágrafos de Darcy e meu estômago deu um nó.

Darcy tinha uma parede ao redor dele, assim como eu. Mas, ao contrário de mim, os sentimentos de Darcy mudaram depois que ele me conheceu. Ele construiu algumas portas na parede, enquanto eu mantive meus preconceitos o tempo todo.

Sim, ele foi frio comigo quando nos conhecemos, mas desde então, ele estava fazendo uma tentativa de me conhecer, quando eu não conseguia ver além da minha própria mente estreita. Ele me acompanhava do trabalho até meu alojamento, ele tentou até me comprar um livro, e tudo que fiz foi ser fria com ele. Ele não era perfeito. Ele dizia coisas erradas, às vezes. Mas se ele fosse um cara de Hoboken, eu teria olhado para trás... ou ao menos teria perdoado ele. Mas desde que Darcy era rico, eu não podia.

Eu tinha aceitado a palavra de Wick porque ele era um garoto bolsista assim como eu. Mas nunca achei estranho que ele tivesse sido expulso da escola sem uma explicação adequada. Porque eu simpatizei.

Porque eu temia que a mesma coisa acontecesse comigo. Eu achava que estávamos no mesmo barco, quando na verdade ele era o tubarão nadando embaixo dele.

Todo esse tempo eu tinha repreendido Darcy por seu orgulho, mas eu era a única que tinha sido cegada pela minha própria teimosia.

Que tipo de pessoa isso me fez?

Capítulo 20

PASSEI A SEMANA SEGUINTE CONFUSA E ATORDOADA. Era como se eu estivesse vendo minha vida através de lentes de neblina. Praticamente memorizei o e-mail de Darcy. Eu imprimi e o guardei com meus livros para que eu pudesse retirá-lo e consultá-lo se houvesse uma palavra que eu tivesse esquecido ou uma frase que não tinha certeza.

Um redemoinho de emoções conflitantes surgiu. Em um momento eu estava furiosa com seu convite – sua arrogância, sua pobre escolha de palavras. Então eu pensava sobre o que sua família tinha passado por causa de Wick. Mas então me lembrava de que ele tinha ficado tranquilo e não fez nada enquanto Caroline sabotou o relacionamento de Jane com Charles.

O pior foi estar no trabalho. Toda vez que eu ouvi a porta se abrir, me virei, esperando vê-lo. Mas ele nunca apareceu.

Eu não sabia o que eu teria dito a ele se o tivesse visto. Comecei a responder ao e-mail dele várias vezes, mas não sabia o que dizer.

Eu pensei que poderia ser mais fácil se ele estivesse realmente na minha frente. Mas eu não o culparia se ele nunca quisesse falar comigo de novo.

Sexta à noite no *Java Junction* foi incrivelmente ocupado. Os alunos estavam migrando para receber a dose de cafeína para estudar para os exames parciais da semana seguinte.

Me encontrei quase desesperada para ver Darcy. Me convenci de que saberia o que fazer quando o visse. Mas enquanto as horas passavam, ele não aparecia em lugar nenhum.

Para piorar a situação, tive duas visitas surpreendentes.

Lydia... com Wick.

Lydia praticamente pulou para o balcão, Wick a poucos passos de distância.

— Ei, Lizzie — ela disse —, pegue-me o de sempre e o que ele quiser.

Eu não via Wick desde que recebi o e-mail de Darcy. Me concentrei em fazer suas bebidas e repassar na minha cabeça tudo o que Darcy havia escrito. Então eu revisitei minhas conversas com Wick.

Havia uma parte de mim que sabia que algo não estava somando certo.

— Aqui está — eu disse, entregando-lhes o pedido e registrando.

Lydia estava abrindo sua batida de chocolate perto do registro.

— Eu não quero pensar nos meus exames, sabe? Quero dizer, como alguém pode se concentrar quando o tempo está cada vez melhor? E eu estou pronta para as férias. Mesmo que a gente esteja presa na cidade. Ei! — Ela agarrou o braço de Wick. — Você deveria vir me visitar em Nova York. Eu vou precisar de você para me salvar.

Wick ergueu a sobrancelha para mim e por um breve momento sorri. Apesar do meu melhor julgamento.

— O que você estará fazendo nas férias? — perguntou-me.

— Eu vou estar em casa com meus pais.

Lydia, entediada com a conversa, foi acrescentar mais açúcar à sua bebida de chocolate.

— Eu vou ter certeza de que você saiba se eu estiver na cidade.

Não respondi.

— Você sabe, eu tentei parar por aqui nas últimas duas semanas, mas uma certa pessoa estava sempre aqui.

— Você quer dizer Will?

— Ugh. — Lydia franziu o rosto em desgosto. — Esse cara é, tipo, sempre tão sério, qual é o problema dele?

Wick riu.

— Por onde você quer começar? Certo, Lizzie?

Eu parei por um momento antes de perguntar:

— Você sabia que a casa dos pais dele foi roubada no ano passado?

Eu estudei a reação de Wick. Seu rosto ficou parado, mas parecia que era forçado, como se ele tivesse que se controlar para revelar algo. A verdade, talvez.

— Então, vocês dois estão se tornando próximos? — ele finalmente respondeu.

Dei de ombros.

— Não realmente, nós apenas estivemos falando. Tem sido... iluminador.

— Tenho certeza que sim. — Ele se virou para Lydia. — Vamos sair daqui.

Lydia agarrou o braço de Wick e começou a se dirigir para a porta.

— Uh, Lydia, você pode dar um recado para Jane? — eu a chamei.

Wick permaneceu na porta enquanto Lydia se aproximava do balcão.

— Você não pode simplesmente ligar para ela?

— Meu celular está quebrado — menti.

— Não é de surpreender já que essa coisa é tão antiga.

Lydia olhou para mim com os olhos entediados, então eu mergulhei direto.

— Hum, por que você está saindo com Wick? — sussurrei.

— Eu liguei para ele.

— Como você conseguiu o número dele?

— O dia em que você me apresentou. Eu estive falando com ele e, então, quando eu descobri que ele está solteiro novamente...

— O que?

— Sim — Lydia brincou com o canudo e começou a olhar em volta. Sua atenção era esporádica na melhor das hipóteses. — Eu não sei, acabou com a Sylvia, ou o que seja, ele nunca poderia ter sentimentos por alguém tão vil quanto ela.

— Eu acho que você deveria ter cuidado, ele é três anos mais velho que você.

— Eu sei, certo? Quão legal é isso?

— Lydia...

— Você tem um recado para Jane ou não?

— Não, tudo bem, eu vou usar o telefone lá de trás.

Depois que Lydia e Wick se foram, liguei para Jane do meu celular perfeitamente bom (e com apenas dois anos de idade) e deixei o recado. Assim que meu turno acabou, corri para o nosso quarto e a encontrei esperando por mim em sua mesa.

Eu deixei sair tudo. Contei tudo a ela – a interferência de Caroline, a proposta de Darcy, as coisas que eu disse a ele, seu e-mail. Não contei exatamente o que aconteceu com Wick. Eu assumi que não era o meu lugar para dar aqueles detalhes horríveis.

Depois de alguns momentos em silêncio, absorvendo tudo, Jane se aproximou e sentou-se ao meu lado.

— Eu não tinha ideia, Lizzie — disse ela. — Eu pensei que você estava apenas estressada com os exames.

— Sinto muito, eu deveria ter contado sobre Charles antes, mas não sabia se isso faria você se sentir melhor.

Ela suspirou.

— Não há realmente nada que eu possa fazer sobre Charles, eu acho que não deveria me surpreender com o comportamento de Caroline. Ela é tão manipuladora e sempre gostou de mandar em Charles. Fui legal com ela, mesmo sendo uma esnobe. Eu ainda serei legal, mas não somos amigas.

— Jane, essa é a pior coisa que eu já ouvi você dizer sobre outra pessoa, muito bem feito!

Jane tentou sorrir, mas parecia cansada.

— Tenho que fazer algo sobre Lydia. Ela está passando pela fase da rebeldia, eu acho que meus pais estão felizes em ter um pouco de paz e tranquilidade em casa com ela longe.

— Sorte deles.

Jane se afastou então, pelo menos por um momento. Não era difícil imaginar o que ela estava pensando.

— O que você vai fazer sobre Charles? — perguntei. — Quero dizer, agora que você sabe.

Ela encolheu os ombros.

— Nada — disse. — Independentemente da interferência de sua irmã, este é a sua decisão, o seu erro e se ele não vê isso, ele realmente não vale a pena em primeiro lugar. — Eu balancei a cabeça em concordância.

Embora Jane parecesse forte, eu podia sentir que ela ainda estava machucada. As mentiras, a luta, a manipulação... tudo era tão cansativo. Mas ainda havia algumas coisas pelas quais valia a pena lutar. E a felicidade de Jane era uma delas.

Capítulo 21

JANE TENTOU MANTER O CERCO APERTADO EM LYDIA naquele fim de semana. Ela continuava escapando e não respondia ao telefone. Sábado à noite, Jane e eu decidimos dar uma volta pelo campus para limpar nossas cabeças.

— Eu tenho esse enorme desejo de expor Wick pelo escavador de ouro oportunista que ele é — admiti.

— Eu teria que concordar com você, mas não tenho certeza se é isso que Darcy gostaria.

Sim, havia Darcy a considerar. Darcy, que desaparecera na semana passada.

Darcy, sobre quem eu tenho pensado muito ultimamente.

— Eu sei que não é da minha conta, mas... e eu não posso acreditar que estou prestes a dizer isso, mas eu acho que Darcy obteve uma má reputação.

Jane começou a rir.

— Lizzie! A única pessoa que realmente tem desgosto por ele é VOCÊ. Todos aqui já o conheciam. Ele pode ser muito sério, sim, mas ele é um ótimo cara. Eu não posso ter certeza, mas aposto que eu já te disse isso um milhão de vezes antes.

Não queria me lembrar de como eu era uma pessoa de mente fechada. Continuei tentando conciliar tudo em minha mente.

Nós começamos a subir a colina íngreme em direção ao nosso dormitório. O sol estava se pondo e as luzes do lado de fora da grande residência haviam sido acesas. Alguém estava em silhueta sob uma das luzes.

Quando nos aproximamos, percebemos que era Charles, segurando um buquê de rosas.

Jane parou quando Charles se virou. Seu rosto sorriu quando ele a viu.

— Lizzie… — ela disse suavemente para mim.

Charles se aproximou devagar.

— Jane, tudo bem se eu falasse com você sozinha? — perguntou, apreensivo.

Eu sorri para os dois e comecei a entrar.

— Não, espere — Jane gritou atrás de mim. — Não há nada que você possa me dizer que não possa dizer na frente de Lizzie.

Eu fiquei sem jeito ao lado deles. Parecia que Jane queria tornar isso o mais desconfortável possível para Charles. Eu não podia culpá-la.

Charles gentilmente pegou a mão de Jane.

— Eu sinto muito por tudo, Jane, eu realmente sinto. Tenho sido distante, frio, um idiota total. Eu sou um idiota, um idiota completo e total.

— Charles… — Jane corou ligeiramente.

— Todo o semestre em Londres, eu não podia esperar para voltar aqui e ver você. E o que eu faço? Arruíno completamente tudo. Sei que tem um grande coração, Jane. Essa é a única razão pela qual tenho uma esperança de que você possa me perdoar.

Jane olhou para o chão. Eu poderia dizer que ela estava lutando contra as lágrimas.

Charles se inclinou para mais perto dela.

— Não há nenhum sentindo em ir ao baile, a menos que seja com você. Não há nenhum sentido em fazer qualquer coisa, a menos que seja com você.

Jane levantou a cabeça e deixou Charles ver a lágrima escorrendo pelo rosto dela.

— Claro que eu te perdoo.

Eu silenciosamente me afastei, não querendo me intrometer mais no momento.

Quando voltei para dentro, comecei a pensar em Darcy e no que ele disse. Em seu e-mail, ele disse que consertaria as coisas entre Charles e Jane. Parecia que ele tinha.

Mais tarde naquela noite, vi Caroline com os olhos vermelhos. Parecia que ele havia corrigido-a também.

Darcy estava começando a juntar tudo de novo.

Tanto assim que a viagem de Jane a Vera para um vestido de baile não foi em vão.

Capítulo 22

EU PODERIA TER SIDO EQUIVOCADA SOBRE WICK E DARCY, mas eu sempre soube que Charles Bingley era maravilhoso. E eu estava tão feliz por estar certa sobre alguém — pela primeira vez. Suas *conexões* quase haviam cortado sua *conexão*, mas no final, a conexão mais verdadeira prevaleceu.

Uma nuvem escura havia ido embora. A semana dos exames foi bastante tranquila e isso era uma coisa boa. Todas as minhas provas foram boas. Jane estava feliz. Parecia que eu seria capaz de manter minha bolsa de estudos.

Infelizmente, nem tudo estava indo bem. Eu estava tendo problemas com o meu recital.

— Tente de novo, mas mais devagar — a Sra. Gardiner disse para mim depois que eu estraguei uma execução complicada pela terceira vez.

Fechei meus olhos por um segundo e respirei fundo. Passei levemente meus dedos pelas teclas, tentando fazer com que meu cérebro e meus dedos trabalhassem juntos para passar pela sequência mais difícil da rapsódia.

Diminuí o ritmo e consegui acertar todas as notas.

— Perfeito. Agora mais rápido.

Eu fui ao ritmo e meus dedos se encontraram. Um som horrível irrompeu do piano.

— Desculpe, eu tenho praticado, de verdade. Vou trabalhar nisso nas férias.

A Sra. Gardiner sorriu para mim.

— Eu sei que você vai. Mas eu tenho outra tarefa para você durante as férias.

Segurei um gemido. A rapsódia já era bastante desafiadora.

A Sra. Gardiner foi até a mesa e pegou um envelope.

— Você conhece Claudia Reynolds?

— Claro!

Claudia Reynolds era minha ídola. Toda vez que eu ficasse presa em uma peça, eu encontraria imagens dela tocando para tentar descobrir. A emoção que ela colocou em sua música era sem igual e seu fraseado era sempre perfeito.

— Bem, isso é para você. — Ela me entregou um envelope e dentro havia dois ingressos para ver Claudia Reynolds naquele fim de semana no Carnegie Hall.

Eu fiquei chocada.

— Não posso…

A Sra. Gardiner acenou meu protesto para longe.

— Bobagem, é um prazer, você merece.

Agradeci-lhe profundamente e imediatamente liguei para minha mãe para lhe contar nossos planos para a tarde de sábado. Tendo isso como algo a esperar, o restante da semana, incluindo o resto dos meus exames, fora suportável.

Eu mal podia esperar para voltar para casa. Toda vez que eu voltava para a cidade, Jane me oferecia uma carona com ela e Lydia. Mas, como sempre, recusei e fiz a viagem de trem de noventa minutos da cidade até a Grand Central Station. Nenhum outro aluno de Longbourn ou Pemberley seria pego no trânsito massivo, então eu sabia que estaria sozinha. Eu precisava da solidão antes de ir para casa, a chance de me desintoxicar de toda a negatividade e pressão do campus. Era como se eu deixasse minha bagagem emocional em cada estação ao longo do caminho.

No momento em que o trem chegou em Manhattan e vi meus pais e alguns dos amigos esperando por mim no quiosque no meio da estação, eu era a velha Lizzie. A feliz e quente Lizzie do passado. Eles me abraçaram e instantaneamente eu sabia que, apesar do trajeto restante de volta para Hoboken, eu já estava em casa.

Capítulo 23

ESTAR EM CASA, DORMIR EM MINHA PRÓPRIA CAMA E SAIR COM MEUS VELHOS AMIGOS me deu a centralização que eu precisava depois dos últimos meses.

Embora eu tivesse falado ao telefone com meus pais todo fim de semana, eles agiam como se não soubessem nada dos últimos dois meses e meio. Sábado no café da manhã, eles me interrogaram sobre as aulas, amigos — eles estavam sob a impressão de que eu tinha mais do que apenas dois amigos e eu não quis corrigir, ou os preocupar —, o recital e até mesmo a temida palavra B.

— O baile não é um grande negócio em Longbourn? — minha mãe perguntou. — Eu me lembro do folheto que recebemos.

Eu dei de ombros.

— Não realmente.

Eu imaginei a maioria dos meus colegas tendo um arrepio inesperado em sua espinha causado pela minha mentira descarada.

— Você quer olhar vestidos enquanto estamos na cidade hoje?

— Não, tudo bem.

Mamãe veio e me abraçou.

— Estou tão feliz que você está em casa. Eu não gosto de você tão longe. Esta casa é demasiadamente calma sem você e eu sei o quão duro você está trabalhando, estive pensando em você tocando piano enquanto está aqui. Eu acabei de afiná-lo!

Nosso piano era da infância de meu pai, completo com chaves de marfim. Tinha uma história familiar, mas não era o maior instrumento sonoro. Depois de tocar os magníficos pianos de cauda da escola, era sempre um choque para o meu sistema jogar na posição vertical. Mas foi no que eu cresci e adorei, independentemente. Tinha caráter e eu aprendi muitas vezes no ano passado que dinheiro não compra caráter.

No início da tarde, mamãe e eu fomos para a cidade para o concerto. Eu tinha borboletas no meu estômago. Eu sempre andava pelo Carnegie Hall quando estava na cidade. Esse era o meu sonho – tocar lá. Enquanto isso, eu me contentaria com isso. Não só tinha conseguido ir ao Carnegie Hall, mas também ia ver um dos meus pianistas favoritos. Eu ainda estava comovida com a gentileza da Sra. Gardiner – essa era a sua maneira de sugerir que meu próprio salto para a fama não estava tão longe. O que fazia ter que ir para Longbourn, estranhamente, valer a pena.

Meu pulso começou a acelerar quando nos aproximamos do prédio. Quando entramos no salão principal, minha respiração quase foi arrancada de dentro de mim. As cadeiras no palco foram ofuscadas pelo teto alto e pelas ornadas colunas nas laterais. Eu me virei e vi a varanda que parecia alcançar o céu.

Eu olhei para cima e pude praticamente sentir o brilho das luzes ovais que iluminavam o corredor. Um recepcionista nos acompanhou até nossos assentos, que estavam na quarta fila do corredor. Eu podia ver o teclado no piano de cauda que comandava o palco central.

— Meu Deus, Lizzie — mamãe comentou. — Você deve ser a aluna perfeita para obter tal tratamento especial. — Eu sorri. Eu estava feliz por poder fazer isso pela minha mãe. Ela foi a razão pela qual eu tinha primeiro entrado na música. Ela adorava, mas não conseguiu tocar. Ela tentou, mas não parecia ter capacidade para isso. E desde que, pelo menos de acordo com ela, eu comecei a tocar no piano quando tinha idade suficiente para andar de pé, ela me matriculou nas aulas quando eu tinha quatro anos.

Quando eu fiquei sem professores na área de Hoboken que poderiam me desafiar, ela começou a me levar para a cidade. Ela gastou muito dinheiro em minhas aulas, eu não queria decepcioná-la.

Música era a nossa coisa. Nós escutávamos álbuns juntas, eu colocava concertos só para ela. E agora eu era capaz de levar minha mãe ao Carnegie Hall.

— Algum dia, Elizabeth, algum dia — ela disse para mim enquanto apertava minhas mãos.

As luzes se apagaram e os membros da orquestra tomaram seus lugares, seguidos pelo maestro. O holofote se iluminou e Claudia Reynolds, linda

em um vestido preto sem alças até o chão, o cabelo preso em uma torção, se aproximou do piano com a ovação da orquestra e do público.

Ela graciosamente se curvou antes de se sentar ao piano.

A orquestra começou a tocar o Concerto para piano de Mozart no. 24, K.491. As cordas vieram, seguidas pelos instrumentos de sopro. Quando a música começou a tomar conta do espaço, inclinei-me para a frente, antecipando as primeiras notas de Reynolds ao piano. A melodia do piano, a princípio simples, era linda. Eu podia ver os olhos de Reynolds fechados, seu corpo balançando para frente e para trás, seu abraço com a música.

Fechei meus olhos e deixei a música assumir. Senti a umidade em meus olhos de ser dominada pelo cenário, a música, o artista.

Foi impecável. Na verdade, foi tão impecável que não chamou a atenção para a sua própria perfeição. Foi perfeito.

A próxima peça foi Concerto para piano de Chopin nº 2. Mais uma vez, levou a audiência inteira de quase três mil pessoas em uma jornada emocional. Encontrei-me, não surpreendentemente, sorrindo por todo o tempo; Carnegie Hall era o meu equivalente a uma loja de doces e eu estava consumindo uma alta dose de açúcar.

Depois de Chopin, houve um intervalo. Fiquei impressionada com todo o desempenho. Mas quando olhei e vi o que viria a seguir, o Concerto para piano de Rachmaninoff nº 3, fiquei atordoada. Esse foi um dos solos de piano mais desafiadores e muito diferente do tom das duas peças anteriores.

Voltamos aos nossos lugares depois do intervalo e fiquei alarmada quando vi um recepcionista nos esperando.

— Senhorita Bennet? — disse quando minha mãe e eu nos aproximamos de nossos assentos.

— Sim? — Eu tinha a sensação de que isso era bom demais para ser verdade. Que meu conto de fadas de uma tarde estava chegando ao fim e isso seria marcado como fraude. Você poderia tirar a garota de Longbourn, mas aparentemente não a sensação de incerteza.

— Esta nota é para você. — Ele entregou um envelope com meu nome rabiscado nele. Eu abri e encontrei uma carta dentro em um papel de creme

pesado e caro. Eu engasguei quando vi CLAUDIA REYNOLDS gravado no topo com o endereço dela.

Cara Elizabeth,

Estou tão feliz que você foi capaz de chegar ao show hoje. Eu ouvi muito sobre você e ficaria honrada se você e sua convidada se juntassem a mim para tomar um chá na minha casa depois do show.

Sinceramente,

Claudia Reynolds

— Oh, meu Deus — minha mãe disse enquanto lia por cima do meu ombro. — Como na Terra ela sabe quem é você?

— Sra. Gardiner, acho, eu sabia que ela tinha conexões, mas eu não podia acreditar que ela faria isso por mim. — Eu afundei no meu assento luxuoso. Claudia Reynolds sabia quem eu era e estava me convidando para sua casa.

— Podemos ir, por favor? Eu sei que temos planos para o jantar com o papai. — Minha voz estava quase histérica.

— Seu pai pode morrer de fome tanto quanto eu estou preocupada. — Mamãe piscou para mim.

Quando Claudia Reynolds voltou ao palco, fiquei ainda mais hipnotizada por sua performance.

A concentração que ela teve enquanto se aproximava das corridas quase impossíveis era surpreendente. Eu tentei manter o controle de seus dedos, mas eles estavam voando. Eu queria absorver tudo sobre o seu desempenho, para tentar sair com alguma compreensão de como eu iria fazer a rapsódia, que é menos difícil, mas ainda desafiadora.

Quando a última nota desapareceu, ela recebeu uma ovação de pé bem merecida.

Eu estava em total e absoluta admiração. Um dos meus ídolos estava diante de mim, depois de realizar o concerto mais maravilhoso que eu já tive o prazer de assistir. E ela estava me convidando para sua casa.

Pensando em toda a tortura que eu tinha sofrido em Longbourn, eu sabia naquele momento que tinha valido a pena. Que eu poderia ter mais vezes

com insultos desagradáveis, mas no final do dia, eu era uma aluna que a Sra. Gardiner respeitava o suficiente para me dar esse momento incrível. Eu posso não ter tido o respeito de muitos dos alunos, mas eles não importavam. Eu nunca ia ganhar algum respeito dos esnobes, mas para as pessoas que podiam ver além daquelas coisas inconsequentes como dinheiro e status, eu tinha o potencial para ser alguém especial.

Talvez eu fosse uma das poucas que experimentariam o que Claudia Reynolds estava experimentando naquele exato momento. Em pé no centro do palco, sendo elogiada por seu talento, porque isso era o que eu deveria realmente me importar neste mundo. O que você tem para oferecer às pessoas, não o que você pode comprar.

Depois do concerto, mamãe e eu caminhamos devagar pelo Central Park até a casa de pedra de Claudia Reynolds, que dava para o parque. Minha mente estava girando com o que eu ia dizer a ela, se eu pudesse sequer conseguir algo. Eu ainda estava chocada com o convite dela e senti um pânico se aproximar de mim quando nos aproximamos do endereço no cartão. Meu pulso estava acelerado e minhas palmas estavam suando enquanto nós subíamos os degraus até a porta da frente.

O maior choque do dia, no entanto, não acabou sendo o convite. Havia muitas pessoas que eu esperava ver quando a porta se abriu – criados, empregadas domésticas, Claudia Reynolds –, mas a pessoa que nos cumprimentou foi a última pessoa na Terra que eu esperava.

Will Darcy.

Capítulo 24

EU OLHEI PARA FRENTE E PARA TRÁS ENTRE O NÚMERO do lado da casa e o convite em minha mão, tentando ver como eu poderia ter conseguido o endereço horrivelmente errado.

— Sra. Bennet? — Darcy sorriu calorosamente para minha mãe. — É tão bom conhecer você, eu sou Will, o filho de Claudia.

Meu coração parou. Will Darcy era filho de Claudia Reynolds?

Minha mãe apertou a mão de Darcy quando ela entrou no foyer principal.

— Oi, Lizzie, prazer em te ver — Darcy me cumprimentou.

Mamãe ficou surpresa.

— Vocês dois se conhecem?

— Eu vou para Pemberley, Sra. Bennet.

Antes que mamãe pudesse dizer alguma coisa, Claudia Reynolds correu para nos cumprimentar.

— Olá, Elizabeth! Sra. Bennet! Bem-vindas! — Ela me abraçou e me beijou nas duas bochechas. — Oh, Elizabeth, eu ouvi muito sobre você e seu jeito de tocar. E você deve ser a mãe de Elizabeth!

— Por favor, me chame de Judy.

Eu não consegui encontrar minha voz. Fiquei atordoada em absoluto silêncio.

Sra. Reynolds... Sra. Darcy... A mãe de Darcy... nos acolheu na sala de estar onde uma torre de biscoitos, sanduíches, bolinhos e bolachas estavam esperando por nós. Enquanto minha mãe perguntava sobre uma pintura que pairava sobre a lareira, Darcy se inclinou para perto.

— Eu não posso dizer se você está louca ou surpresa — ele sussurrou.

— Estou chocada.

Ele sorriu para mim.

— Elizabeth Bennet, pode ser que você esteja sem palavras? — Ele me cutucou de brincadeira.

Eu olhei para ele, realmente olhei para ele pela primeira vez no que pareceu um longo tempo. Eu notei que havia algo diferente nele. Estava vestido com jeans desgastados e uma camiseta, seu cabelo levemente bagunçado. Ele parecia... relaxado.

— Sua mãe… — Eu tentei dizer.

— Sim, eu sinto muito, eu não achei que você aceitaria as entradas se você soubesse que elas vieram da minha parte. O convite para vir aqui foi ideia da minha mãe. Não podia suportar deixá-la saber… — Ele parou abruptamente. — Eu acho que não queria que ela soubesse sua opinião sobre mim.

— Por que você não... o e-mail... eu tentei responder, eu só... eu sinto muito, eu… — Eu não pude formar um único pensamento. Tanto estava correndo pela minha mente. — Obrigada por conversar com Charles.

— Foi a coisa certa a fazer, eu deveria ter feito isso mais cedo.

— Vamos? — Reynolds fez um gesto para que nos sentássemos. Eu olhei ao redor da sala e não pude acreditar o quão confortável era. Havia sofás estofados e uma *chaise longue* ao redor da mesa de centro de vidro. Era óbvio que tudo era de alta qualidade, mas não parecia pretensioso nem caro, embora eu tivesse certeza de que o quadro que minha mãe estava perguntando era um Pollock *original*.

— Lizzie? — mamãe me incentivou. Aparentemente, Darcy não era o único surpreso com o meu silêncio.

Eu olhei para cima e vi Claudia Reynolds sorrindo para mim.

— Srta. Reynolds. — Eu tentei achar minha voz. — Eu não posso te dizer o quanto significa para mim estar aqui, você é realmente incrível, o show foi e, sempre será, uma das experiências mais incríveis da minha vida. — Mordi o lábio para impedi-lo de tremer.

Ela sorriu para mim.

— Obrigada, Lizzie. Posso te chamar de Lizzie?

Eu balancei a cabeça, afirmando. Ela poderia praticamente me chamar de qualquer coisa. Eu não ficaria ofendida se Claudia Reynolds me chamasse de um caso de caridade, pobrezinha ou mendiga…

— Então, por favor, sirva-se. — Ela apontou para a comida à nossa frente. — Will, você pode servir o chá, por favor? Eu gostaria de tomar crédito por isso, mas o nosso incrível cozinheiro é da Inglaterra e faz os melhores bolos e creme de leite. Só fazemos para convidados especiais ou a nata não seria a única coagulada nesta casa.

Darcy gemeu.

— Você nunca vai se cansar dessa piada, vai?

— Nunca — ela disse enquanto pegava um bolinho.

— Georgiana, aí está você! — Ela se levantou e deu a garota que entrou na sala um grande abraço.

A irmã de Darcy nos deu um pequeno aceno quando foi apresentada a nós, antes de se sentar ao lado do seu irmão. Ela era tão pequena e frágil, me senti mal do estômago pensando em Wick.

Darcy pegou um prato e começou a enchê-lo para ela. A admiração entre os dois era óbvia.

— Hmmm — começou a provocá-la. — Qual desses copos é para você? Eu não vejo nenhum chá de alcaçuz preto aqui.

— Que nojo, Will — ela disse suavemente enquanto empurrava o braço dele.

— Lizzie, você vê algum guisado de formigas perto de você para Georgie?

— Will, pare com isso! Eu não tenho mais cinco anos de idade. — Ela riu, e ficou claro que ela não se importava de ser provocada por seu irmão mais velho.

— Ok, tudo bem, faça do seu jeito. Os adultos vão tomar chá, mas aqui temos para você — pegou uma xícara de chocolate quente com chantili —, eu não sei, parece muito nojento para mim, mas que seja.

Ela pegou a xícara e se sentou no sofá, seus pés quase roçando o chão. Ela tinha a mesma idade que Lydia, mas ao contrário de Lydia (bem, havia muito sobre Georgiana que era diferente de Lydia), ela não tentava parecer mais velha. Ela parecia muito mais jovem, mais vulnerável. Eu notei durante toda a noite que ela continuou me estudando, embora fosse um

olhar muito diferente do olhar de julgamento de Caroline. Georgiana estava mais curiosa. Me perguntei se Darcy tinha dito a ela alguma coisa sobre mim.

O pensamento do meu tratamento para Darcy me fez sentir incrivelmente culpada durante o chá, especialmente desde que sua família era tão calorosa e acolhedora. Eu mal falei, apenas observei, e continuei tentando colocar todas as peças deste quebra-cabeça juntas.

Reynolds voltou sua atenção para mim.

— Então, Lizzie, o que você está fazendo para o recital de fim de ano?

— Uma rapsódia sobre um tema de Paganini.

— Impressionante — respondeu. — Eu não resolvi isso até ir para a faculdade, adoraria ouvir você tocar. — Ela acenou para o Steinway que estava perto da janela da frente.

— Oh, bem, estou tendo alguns problemas com as séries.

Ela assentiu com conhecimento de causa.

— A última variação?

— Sim.

— Essa é difícil. As partituras em que aprendi tinham as recomendações de dedilhados mais ridículas. Eu acho que poderia ser considerado útil se você tem seis dedos nas mãos. Aqui, eu vou lhe mostrar um truque. — Ela se levantou e fez sinal para eu me juntar a ela no piano.

Eu estava em transe quando me dirigi ao banco.

— O que descobri é que se você cruzar neste ponto — ela jogou parte da corrida —, permite que seus dedos subam facilmente. — Ela fez isso uma vez lentamente para que eu pudesse ver e, em seguida, novamente a toda velocidade.

Ela se levantou para que eu pudesse tentar. Tentei não ficar muito intimidada quando ela ficou atrás de mim e eu tentei o seu método. Funcionou. Funcionou tão bem pela primeira vez que consegui fazer o percurso inteiro sem que meus dedos se tocassem.

— Obrigada! — Hesitei por um segundo e depois fiz de novo para ter certeza de que não era um acaso.

— Podemos ouvir o que você tem até agora? Essa é uma das minhas peças favoritas.

Claudia Reynolds estava me pedindo para tocar para ela. Claudia Reynolds, que acabara de se apresentar no Carnegie Hall. Claudia Reynolds, que acabara de me ensinar como fazer uma corrida impecável.

Claudia Reynolds, que era a mãe de Will Darcy.

A única coisa que fazia sentido para mim era Rachmaninoff.

Gentilmente passei meus dedos pelo teclado, passando por cima da peça em minha mente. Então comecei. Eu não tinha tocado a peça para ninguém, exceto a Sra. Gardiner. Costumo ficar nervosa realizando novas peças para as pessoas. Eu sempre começava com minha mãe, meu pai e meus amigos. Mas desta vez eu mergulhei de cabeça.

Não sei se respirei pela peça inteira. Eu esperava completamente esquecer uma seção ou tropeçar, mas não o fiz. Ainda não tinha jogado todas as diferentes variações de volta para trás, mas lá eu estava na casa de Claudia Reynolds... na casa de Darcy, tocando.

Quando terminei, olhei para cima e fiquei um pouco surpresa ao encontrar Darcy em pé ao lado do piano com Georgiana.

Corei, envergonhada de que eu fosse vista como exibicionista.

O grupo aplaudiu e vi que minha mãe tinha lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Estou tão orgulhosa de você — ela soluçou. A mãe de Darcy veio e me deu um abraço.

— Isso foi brilhante.

— Por sua causa, eu não posso agradecer o suficiente por tudo, realmente — falei.

— Will e Georgiana, algum de vocês toca? — minha mãe perguntou.

Will balançou a cabeça.

— Eu tentei, mas não fui muito bom nisso. Eu aparentemente não herdei o gene genial musical, mas Georgie, por outro lado. — O rosto de Georgiana ficou vermelho. — Ela pode cantar e tocar tanto o piano quanto a flauta.

— Eu adoraria ouvir você — eu disse.

Ela respondeu baixinho:

— Eu tocarei a flauta. — E depois foi correndo para o andar de cima.

— Uau! — Darcy olhou para a mãe.

Reynolds estava radiante.

— Ela deve realmente gostar de você. Ela não toca para pessoas que não conhece.

Georgie veio e nos fez um mini-concerto de alguns solos de Mozart e Bach. Suas bochechas estavam coradas pela atenção, mas ela era magnífica. Eu peguei vislumbres de Darcy assistindo. Ele claramente estava orgulhoso dela. Não podia imaginar como deve ter sido para ele ter um de seus supostos amigos mais íntimos tentando tirar vantagem de sua irmã.

Depois do concerto de Georgie e palavras gentis do grupo, Reynolds nos deu um tour pela casa.

— Eu sinto muito que o pai de Will não esteja aqui hoje. Ele está viajando a negócios. Nós fizemos um pacto que, pelo menos, um de nós tem que estar em casa em todos os momentos.

Sua casa era grande, e não apenas pelos padrões de Manhattan. Foram cinco andares, completos com uma sala de projeção, biblioteca, sala de música, sala de bilhar e uma piscina na cobertura. Não foi ostensivo, era espaçoso e confortável. Exatamente o oposto do que eu teria imaginado a casa de Darcy para ser assim.

O lugar estava cheio de fotos dos quatro em férias. Havia uma particularmente embaraçosa de Darcy em um veleiro quando ele tinha doze anos.

— Oh, *wow* — eu disse enquanto peguei uma foto de um jovem Darcy queimado de sol com hastes metálicas e um boné de beisebol com orelhas de cão caídas e segurando uma vara de pescar com um peixe muito pequeno anexado ao gancho. — Eles não fazem aparelhos transparentes? Eu pensei que os de metal eram apenas para casos de caridade.

— Sim, bem, me foi dito que construiria o caráter. Aparentemente, não. Como tenho certeza que pode imaginar, essa é minha parte menos favorita

do tour. — Nós dois rimos e me surpreendi em quão amigáveis estávamos sendo. Não era forçado como nos nossos passeios... antes que eu decidisse falar.

Sorri para ele. A razão pela qual não foi forçada era porque eu estava sendo normal. Eu encontrei a porta em sua parede, e só agora estava abrindo a minha. Eu tinha muito a dizer para ele, tanto para pedir desculpas.

Fiquei pensando em tudo o que eu tinha dito sobre ele, todas aquelas coisas horríveis que eu pensava. E aqui estava ele, me surpreendendo dando ingressos para eu assistisse sua mãe e abrindo sua casa para nós. Não sabia o que tinha feito para merecer tal tratamento atencioso de alguém que eu abominara abertamente.

Enquanto nossas mães estavam discutindo sobre seus filhos na escola, Darcy fez sinal para eu me juntar a ele no telhado. A vista do parque e do lado leste de Manhattan era incrível.

— Então, por favor, tenho algo para pedir — ele disse para mim.

Imediatamente, o baile veio à mente. Ele ia perguntar de novo, mas dessa vez não sabia qual seria a minha resposta.

Nervosamente bati os dedos contra o corrimão.

— Georgie realmente parece gostar de você, eu acho que isso é uma característica dos Darcy. Ela quer ir visitá-la em Hoboken, já que ela nunca esteve lá, se estiver tudo bem para você. — Ele olhou para a rua.

— Claro.

Darcy deu as costas para a vista e olhou para mim.

— Eu acho que deveria ter dito a você quem era minha mãe.

Balancei a cabeça.

— Está tudo bem, eu não sei… — Eu parei antes de terminar essa frase. O que eu ia dizer era que não sabia se isso teria feito a diferença. Se eu gostasse de Darcy apenas por causa de sua mãe, não teria sido diferente dos esnobes em Longbourn, porque meus pais não eram famosos, nem ricos, nem de uma "educação apropriada".

— Sim, bem. — Ele estava claramente ciente do que eu ia dizer. — Para ser honesto, você é provavelmente a única pessoa que teria se importado. A

prática da advocacia do meu pai parece ser o que a maioria das pessoas querem...

Desta vez ele foi o único a parar a si mesmo.

— Eu realmente sinto muito sobre isso — ofereci.

— Bem… — Sua voz sumiu na noite.

— E me desculpe por não ter respondido seu e-mail. Tentei, mas acho que não sabia o que dizer. Eu não estou totalmente orgulhosa do meu comportamento. E eu... — Algo me atingiu, e me senti como uma idiota por não descobrir antes, olhei para Will. — Você me deu o casaco. — Não era uma pergunta. Foi uma revelação. — Por que não disse nada?

— Você teria aceitado se eu tivesse?

Me senti como a pior pessoa do mundo.

— Eu...

Olhei para o parque.

— Eu não queria acreditar no que você disse sobre como era tratada em Longbourn. Mas depois da nossa conversa na livraria, comecei a prestar atenção. Parece ridículo como não notei antes. Genuinamente pensei que Cat havia acidentalmente derramado café em você. Suponho que é fácil ignorar algo que você não tem experiência. E quando olhei de verdade, fiquei tão horrorizado ao ver o que você passou. E quando seu casaco foi roubado... bem, eu queria fazer algo para ajudar, mas sabia que você não aceitaria isso.

— Como você pode ser tão atencioso com alguém que foi tão cruel?

Will abriu a boca para falar, mas fomos interrompidos.

— Will? — Georgiana saiu para o telhado. — Você perguntou? — ela disse docilmente enquanto se inclinava contra o braço dele.

Ele assentiu. Georgiana parecia que ia explodir de felicidade.

— Podemos ir amanhã? — ela perguntou.

— Georgie… — Darcy lhe deu uma cotovelada gentilmente. — Seja educada.

— Não, tudo bem — eu disse. — Amanhã funciona, sabe... você deveria pegar a balsa, é muito bonito apesar de que... na verdade, nada. A balsa será divertida.

Quase mencionei que a balsa era quase quatro vezes mais cara que o trem ou ônibus para Hoboken, mas isso provavelmente não seria um problema para eles.

Depois que decidimos nossos planos para o dia seguinte, fizemos nossas despedidas. Eu ainda tinha problemas em falar com a mãe dele, Claudia Reynolds, e fiz o melhor que pude para não jorrar completamente com o brilho dela.

Enquanto mamãe e eu íamos para Port Authority para pegar o ônibus para casa, ela pegou minha mão, como costumava fazer quando eu era pequena e estávamos visitando Manhattan.

— Elizabeth, esta foi uma noite tão incrível! Esse Will é encantador e muito bonito. Por que você não mencionou ele antes?

Tentei não rir, pois certamente havia mencionado Will várias vezes à minha mãe, mas nunca pelo nome dele. Em vez disso, ela tinha ouvido os muitos nomes que eu dei a ele, como "*ser humano vil*" e "*idiota pomposo*."

Agora eu menti.

— Eu realmente não o conhecia muito bem, pelo menos, não tão bem quanto agora.

Foi só mais tarde, enquanto eu pensava, que percebi que não era realmente uma mentira, afinal de contas. Era a verdade absoluta.

Capítulo 25

EU ESTAVA EXTREMAMENTE ANSIOSA NO DIA SEGUINTE quando assisti a balsa que traria Darcy e Georgiana no cais da rua 14 em Hoboken.

Nossa saudação foi um pouco estranha. Recebi um grande abraço de Georgiana, mas quando Darcy e eu nos entreolhamos, não ficou claro se deveríamos apertar as mãos, abraçar ou qualquer outra coisa. Então nós simplesmente assentimos um para o outro. Tenho certeza que ouvi Georgie suspirar baixinho.

Eu os levei em um passeio a pé por Hoboken. Nós encabeçamos ao longo da orla e vimos o horizonte de Manhattan.

Georgie pegou o telefone.

— Eu quero tirar uma foto de vocês dois. — Ela levantou o telefone e fez sinal para que nos aproximássemos.

Darcy e eu nos alinhamos contra o corrimão.

— Não, eu preciso de vocês mais perto para que ambos saiam na foto — ela instruiu.

Eu havia tirado inúmeras fotos à beira-mar e sabia que se você estivesse vendo o horizonte ao fundo, não precisaria estar tão perto.

Darcy colocou o braço em volta do meu ombro e nos inclinamos. Deslizei meu braço ao redor de sua cintura e notei com que facilidade eu me encaixava no pequeno canto do seu lado.

— Oh, espere, estou tendo problemas. — Georgie brincou com o celular por alguns instantes enquanto nós apenas ficávamos ali em nosso abraço posado.

— Georgie...

Ela olhou para o irmão e corou.

— Hum, acho que funciona agora.

Senti o corpo de Darcy começar a tremer um pouco e olhei para cima para descobrir que ele estava rindo. Ele se inclinou para mim e sussurrou.

— Ela é muito bem-intencionada, mas nada sutil.

Minhas bochechas começaram a queimar pelo constrangimento. Decidi distraí-los (e a mim mesma) falando interminavelmente sobre a história de Hoboken, Frank Sinatra, Na Waterfront, qualquer coisa que surgisse em minha mente enquanto andávamos por aí.

Nós pegamos sanduíches no Vito's Deli e cupcakes no Sweet, em seguida, pegamos um banco de piquenique no Church Square Park. Georgie me interrogou incansavelmente sobre minha história musical, onde eu praticava, para qual faculdade queria ir.

Eu virei a mesa e trouxe suas próprias aulas e músicas.

— Por que você não está em Longbourn? — perguntei.

Seu rosto caiu.

— Eu quero ficar mais perto de casa.

Fiquei horrorizada por poder ter levantado um assunto doloroso. Não seria de surpreender que ela não quisesse ir a Longbourn, especialmente porque Wick era um morador local.

— Oh, bem, há uma pessoa aqui que não foi bombardeada ainda. — Eu tentei salvar a conversa, voltando a atenção para Darcy. — Você está preparado para o interrogatório? — o desafiei.

— Eu vou te dizer o que você quer saber — Georgie ofereceu.

— Fabuloso — Darcy brincou.

— Ok, tudo bem. — Havia tantas coisas que eu queria saber, mas estava com muito medo de perguntar, especialmente na frente dele. — Momento mais embaraçoso de Will.

Darcy gemeu enquanto Georgie bateu palmas.

— Isso é tão fácil!

— Não se atreva — ele a avisou. — O rio está por perto e eu não teria problema em te jogar.

Ela o estudou por um momento.

— Eu posso nadar — afirmou ela, então se virou para mim. — Will tinha a melhor voz. Cantava em todos esses corais e tinha solos.

Darcy colocou a cabeça na mesa de piquenique.

— Então, um dia — ela continuou — sua voz começou a mudar no meio de um recital de Natal no Lincoln Center.

— Você cantou no Lincoln Center?

Darcy olhou para cima da mesa.

— Eu não acho que você poderia realmente chamar de cantar o que eu fiz.

Georgie estava rindo.

— Foi tão horrível. Ele só continuou tentando cantar e então um enorme guincho escapou.

— Ok, obrigado. — Ele acenou para ela. — Agora você tem que dizer algo legal sobre mim para compensar isso.

Georgie nem hesitou.

— Ele é sempre o melhor irmão do mundo. Sempre. E... — Ela olhou para o chão.

Um silêncio constrangedor caiu sobre a mesa. Só foi quebrado pelo toque do meu celular. Pedi desculpas enquanto o procurava e vi que era Jane. Eu me afastei da mesa enquanto pegava.

— *Lizzie*? — Eu poderia dizer instantaneamente pelo som de sua voz que algo estava errado. — *Eu não sei o que fazer. Eu preciso da sua ajuda.*

— Claro, o que é?

Sua voz estava sem fôlego.

— *Eu não consigo encontrar Lydia. Ela saiu há algumas horas e a única vez que ela pegou o telefone, ela disse que estava com Wick e que ela estava cansada de ser tratada como uma criança e ia se divertir de verdade. Eu tenho um sentimento muito ruim sobre isso. Ela não está atendendo o telefone. Sei que você disse que eu não posso confiar nele, e estou realmente preocupada com ela*.

Eu nunca dei a Jane os detalhes completos do que Wick era capaz e comecei a me amaldiçoar por não ter sido mais firme sobre a obsessão de Lydia com Wick.

— Estou indo para a cidade agora. Apenas continue tentando e diga a ela que ela não pode confiar nele.

Me virei e percebi que Darcy estava bem na minha frente.

— Está tudo bem?

Olhei para Georgie e mantive minha voz baixa.

— Não, as coisas não estão bem. É a irmã de Jane, Lydia. Ela desapareceu... com Wick.

Darcy instantaneamente ficou tenso ao ouvir o nome dele. Ele apertou sua mandíbula e endireitou suas costas.

— Isso é tudo culpa minha — eu disse.

— Sua culpa? — Darcy pegou o celular. — Não, isso não é culpa sua. É minha.

— Mas se não fosse por mim, Lydia nunca o conheceria.

A voz de Darcy era muito controlada, quase controlada demais.

— Não, nós deveríamos tê-lo afastado… — Ele olhou para Georgie.

— Eu tenho que ir para a cidade, eu realmente não sei o que posso fazer, mas eu realmente preciso estar lá para Jane.

Ele assentiu.

— Deixe-me falar com Georgie, eu quero ajudá-las.

— Você realmente não...

Ele me cortou.

— Não seja boba.

Darcy se inclinou para sua irmã e sussurrou algo em seu ouvido. Eu não sabia o que ele disse no momento, mas Georgie respondeu de uma maneira positiva. Então eu tive que assumir que ela não tinha ideia de que Wick estava envolvido.

Nós caminhamos depressa para a estação de trem e o passeio curto na cidade era como uma eternidade. Eu não era uma atriz boa o suficiente para fingir que não estava nervosa, então eu continuava fazendo perguntas a Georgie, para não me ver forçada a mentir sobre qualquer coisa.

Quando o trem parou na primeira parada da Christopher Street, todos saímos. Darcy fez sinal para o táxi e colocou Georgie dentro dele.

— Divirta-se! — ela exclamou quando o táxi se afastou.

— O que exatamente você disse a ela que estávamos indo fazer? — perguntei.

Darcy hesitou.

— Eu não acho que você vá ficar feliz em ouvir isso, mas percebi que a única coisa que eu poderia pensar que não a teria feito nos acompanhar ou suspeitar era dizer a ela que nós estávamos indo a um encontro. — Ele fez sinal para outro táxi e entramos.

Enquanto nos dirigíamos para o apartamento da família de Jane em Tribeca, eu o estudei. Ele estava tão tenso. Poderia dizer que a raiva estava borbulhando dentro dele.

— Eu sinto muito — disse. — Darcy, eu sinto muito por tê-lo trazido para sua vida novamente. Eu não sabia...

Olhei para frente.

— Como você poderia saber? Eu deveria ter feito alguma coisa. Não é sua culpa.

— Mas eu acreditei nele, achei que ele era como eu. Eu era tão teimosa e achava que éramos parecidos, com toda a coisa de bolsistas.

Darcy entregou ao taxista o dinheiro quando chegamos a Jane. Antes de sair, olhou para mim.

— Lizzie — ele disse —, você não é nada parecida com George Wickham.

Capítulo 26

JANE ESTAVA EM HISTERIA QUANDO ABRIU A PORTA. Mas não demorou muito tempo para perceber que eu vim com um convidado.

— Darcy? — disse entre soluços, olhando entre nós dois.

Darcy assumiu perguntando a Jane onde Lydia estava por último, o que ela tinha dito, onde ela gostava de ir. Então ele provavelmente fez a coisa mais difícil: disse a Jane a verdade sobre Wick.

Olhei para o chão enquanto ele contou a história que recebi por e-mail. Ele manteve o controle de sua voz, mas a única vez que ousei olhar para cima, suas mãos estavam fechadas em punhos.

— Sinto muito não ter dito isso antes — falou para Jane. — Mas a única razão pelo qual estou lhe dizendo isso não é para fazer você se sentir pior, mas para entender o que temos que fazer a seguir.

Jane e eu estávamos confusas.

— Temos que ligar para ver se eles fizeram *check-in* em algum lugar.

— O quê? — Jane exclamou. — Ela tem catorze anos!

— Ela tem cartão de crédito?

— Claro.

Ele me estudou por um segundo.

— Lizzie, eu preciso que você comece a ligar para os hotéis.

— Como o Waldorf? — Eu nunca tinha ficado em um hotel da cidade na minha vida. Havia milhares de hotéis e eu não sabia por onde começar.

— Não, Wick iria querer os hotéis mais modernos. — Ele pensou por um segundo e depois falou uma dúzia de nomes de hotéis para mim. Peguei uma caneta e papel da minha bolsa e comecei a escrevê-los.

— Eu tenho um telefonema para fazer, me desculpem. — Darcy saiu para a cozinha.

Peguei os números de telefone dos hotéis e comecei a ligar para eles um por um. Primeiro perguntando por Lydia, depois Wick. Nada. Eu estava

distraída assistindo Jane repetidamente tentar ligar para Lydia. Quando o quarto operador do hotel disse: "*Um momento*, *por favor*", e então a linha começou a tocar, levou apenas um segundo para eu entender o que estava acontecendo.

— Darcy!

Darcy saiu correndo da cozinha bem quando Wick atendeu o telefone.

— É melhor que seja do serviço de quarto porque está demorando muito — disse Wick, do outro lado do meu telefone, alto o suficiente para todos nós ouvirmos.

Darcy pegou o fone.

— Eu só estou ligando para confirmar o número do quarto, senhor — disse ele em uma voz irreconhecível.

— O quê? Você não acabou de ligar para o quarto? Como você pode ligar para um quarto e não saber o número do quarto? Você não tem que discar quarto *quatro dois sete*?

Darcy rapidamente desligou.

— Não acho que vocês devam ir — ele nos disse. — Eu posso lidar com isso sozinho.

Claro que Jane e eu o ignoramos e o seguimos porta a fora. Darcy não protestou, eu apenas sentei na frente do táxi e ele estava em seu celular o tempo todo.

Jane estava praticamente tremendo.

— Eu não posso acreditar o quão irresponsável Lydia é. Eles estão claramente bêbados e ela tem a coragem de usar seu cartão de crédito para conseguir um quarto de hotel caro para fazer quem sabe o quê. Eu sou a pior irmã da terra!

— Jane, como é que isso é culpa sua? Lydia deveria saber melhor.

Ela recostou-se no banco e colocou as mãos sobre o rosto.

— E aqui estava eu pensando que tudo ia ficar bem agora que estou com Charles. Claro que eu não poderia ter essa sorte. — Tenho certeza de que não ajudou o fato de Charles estar fora com sua família na Grécia durante o feriado.

Chegamos ao hotel e nenhum de nós esperou que o mensageiro abrisse a porta. Nós corremos para dentro e um cavalheiro alto e musculoso, todo vestido de preto, aproximou-se de Darcy.

— Não podem ter acesso ao quarto de hóspedes sem um cartão-chave. Eu não quero chamar a polícia.

— Polícia? — Jane estava em pânico.

— Eu vou lidar com isso — Darcy nos assegurou. Foi ao balcão da frente e falou com um gerente. O cara ficou de guarda perto de nós, mas não falou uma palavra.

— Vamos. — Darcy fez um sinal para o elevador. Colocou a chave do quarto no elevador e apertou o botão do quarto andar.

— Como você conseguiu uma chave? — Jane perguntou.

Darcy a ignorou. Eu poderia dizer que ele estava tentando se controlar. Quando a porta se abriu para o quarto andar, ele bloqueou a porta do elevador com o braço dele.

— Nós precisamos fazer isso do meu jeito, vocês ficam do lado de fora e eu vou levar Lydia até vocês, deixe-me cuidar do Wick.

Nós nos aproximamos do quarto 427 e podíamos ouvir a música estridente vindo de dentro antes mesmo de virarmos a esquina. O homem de preto encostou-se à parede ao lado da porta e cruzou os braços. Darcy guiou Jane e eu para o outro lado da porta.

Ele bateu na porta.

— Serviço de quarto — gritou.

Havia risinhos vindo de dentro.

A voz de Wick veio do outro lado da porta.

— Você esqueceu alguma coisa, porque você esteve aqui… — A porta se abriu e Wick parou quando ficou cara a cara com Darcy.

A camisa de Wick estava desabotoada, o rosto não barbeado, o cabelo completamente bagunçado. Seus olhos estavam vermelhos e inchados.

Darcy empurrou Wick para o lado e entrou no quarto. Instintivamente o segui, embora ele tivesse me dito que não o fizesse.

O quarto estava em frangalhos. Havia uma garrafa de champanhe vazia na mesa de café e uma garrafa de vinho quase vazia ao lado.

— O que diabos você quer, Will? — Wick tropeçou enquanto recuava para o sofá.

— Lydia? — Darcy gritou.

Jane correu para o quarto e agarrou sua barriga enquanto ela observava a cena. Nós ouvimos um gemido do lado do sofá. Jane correu e encontrou Lydia quase desmaiada no chão. Parecia que ela estava prestes a passar mal.

Quando Lydia olhou para cima para ver que barulho era esse, sorriu para a irmã.

— Você não é a única com um namorado. — Ela soluçou. — Você acha que eu sou tão criança, mas olhe para mim. Estou em um hotel, com meu namorado gostoso e um champanhe.

— Veja. — Wick se moveu em direção a Lydia. — Ela está bem, nós estávamos apenas nos divertindo, passando um bom tempo. Não é necessário ligar para a polícia de fundo fiduciário...

Tudo aconteceu tão rápido que eu não percebi o que estava acontecendo no começo. Darcy agarrou Wick pela camisa e o jogou contra a parede.

O homem de preto entrou na sala e ficou em alerta. Eu queria que ele ficasse entre os dois. Eu estava com medo por Darcy.

— Saia de cima de mim, Will. — Wick tentou empurrar Darcy, mas ele não estava se movendo.

— Jane — disse Darcy uniformemente. — Tire Lydia daqui. Leve-a para o meu quarto. — O homem de preto entregou a Jane a chave. Ajudei Jane a puxar Lydia do chão. Seu corpo estava mole e ela cheirava a álcool.

Lydia gemeu e tentou nos afastar, mas ela não tinha forças ou habilidades motoras para lutar conosco.

— Eu não quero sair, quero festejar! Por que você tem que arruinar tudo para mim?

— Cala a boca, Lydia! — Jane gritou com ela.

Lydia, chocada por Jane levantar a voz, levantou-se e tentou se recompor. Até mesmo eu estava um pouco assustada naquele momento, Jane gritando

era mais chocante do que Darcy tendo Wick preso contra a parede.

— Vamos lá. — Jane tirou Lydia do quarto.

Me encontrei congelada. Eu sabia que deveria ter seguido Jane, mas estava com muito medo de deixar Darcy sozinho com Wick.

— Típico Will, entrando e arruinando a minha diversão — disse Wick, um lento sorriso começando a se espalhar por seus lábios. — Você nunca parece aprovar minhas namoradas, não é, Will? É como a última vez que você entrou no caminho. Está me ama quase tanto quanto a última. O que posso dizer? Eu pareço ter um jeito com as mulheres.

Darcy jogou Wick no chão e ele aterrissou com um baque.

— Não se atreva a falar sobre a minha irmã desse jeito. — Darcy estava tremendo. — Wick, eu gostaria que você conhecesse alguém. Este é o Sr. Meryton, ele é o chefe de segurança da firma do meu pai. — Ele fez sinal para o cavalheiro, que permaneceu em silêncio e em atenção o tempo todo. — Ele já está familiarizado com o seu trabalho.

Wick olhou para cima com ódio em seus olhos.

Darcy continuou.

— Ele vai levá-lo ao seu escritório para interrogá-lo e você vai discutir as várias ordens de restrição que serão emitidas em nome da minha família, da família de Jane e de Lizzie.

Wick se levantou do chão para que ele e Darcy ficassem poucos centímetros um do outro.

— Típico de você, Will, se escondendo atrás do dinheiro do papai. — Wick zombou. Darcy se inclinou para mais perto.

— Não, eu cometi o erro de me esconder da última vez. Agora estamos fazendo isso público e você não vai ter onde se esconder. Todo mundo saberá o tipo de pessoa que você realmente é.

Darcy deixou Wick sem fala enquanto caminhava para o Sr. Meryton e começou a dar-lhe instruções.

Wick, que era uma bagunça completa, balançou para frente e para trás. Ele olhou para mim, talvez percebendo pela primeira vez que eu estava no quarto.

— Lizzie, como você pôde? Will Darcy, de todas as pessoas. Você até disse que ele é um esnobe mimado, certo?

Congelei, horrorizada que Darcy tinha ouvido, e brigando comigo mesma por não só pensar nisso, mas dizer isso para Wick.

Wick se aproximou de mim.

— Ele acha que é muito melhor do que nós.

— Não me compare com você.

— Então você finalmente aprendeu o que eu tenho tentado te dizer, essas pessoas realmente não valem nada, exceto o que você pode tirar delas. A coisa engraçada é que a irmã de Will nem valia a pena. — Ele riu um pouco.

Algo em mim estalou. Fiquei lá e observei essa pessoa horrível tirando sarro da vantagem da irmã de Darcy. Ele pegou no meu braço.

— Eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes de você ver as coisas do meu jeito. Não fique aqui e finja que você é melhor do que eu. Você quer estar no jogo também, não é? Sabe que não é o suficiente saber tocar piano. Você está na Longbourn porque quer tocar os melhores pianos nos melhores lugares. Isso não é nada para se envergonhar. Mas você está se enganando se acha que pode conviver apenas com o talento. Você precisa de conexões. Talento *e* conexões. Você tem a parte do talento, mas você precisa fazer o que seja necessário para obter essas conexões, não importa o custo.

Eu empurrei seu braço para longe de mim.

Wick se inclinou e sussurrou em meu ouvido.

— Não seja ingênua, você e eu somos cortados do mesmo tecido.

— Deixe-a em paz! — Darcy veio intervir, mas antes que eu percebesse o que estava fazendo, meu punho entrou em contato direto com o rosto de Wick.

Wick caiu no chão e a dor surgiu na minha mão direita.

Os olhos de Darcy estavam arregalados enquanto ele estava em cima do corpo inconsciente de Wick.

— *Ow*! — Eu segurei minha mão latejante. Darcy rapidamente correu para a área da cozinha e colocou um pouco de gelo em uma toalha.

Eu nunca bati em ninguém em toda a minha vida. Nunca realmente pensei sobre isso. Certamente, senti vontade nas minhas primeiras semanas em Longbourn, mas nunca pensei que realmente faria isso.

Darcy pegou minha mão na sua e colocou o gelo no local do impacto.

O Sr. Meryton se ajoelhou perto de Wick para verificar a extensão de seus ferimentos. Ele olhou para cima e finalmente falou:

— Darcy. — Acenou com cabeça para mim. — Eu gosto dessa aqui.

Capítulo 27

ENQUANTO O SR. MERYTON ESPERAVA WICK ACORDAR, Darcy levou-me para sua suíte para ver Jane e Lydia.

Jane estava no banheiro fazendo Lydia tomar um banho. Darcy entrou na cozinha e começou a preparar café.

— Como você conseguiu este quarto? — Olhei ao redor da linda suíte do hotel que ocupava quase todo o último andar. Sentei-me em um dos grandes sofás alcochoados na sala de estar que ficava de frente a janela que ia até o chão com uma vista magnífica do Empire State Building. Eu estava grata por ter algo para me distrair da dor latejante na minha mão.

Darcy encolheu os ombros.

— Precisávamos de uma chave para subir e esse era o único quarto que eles tinham disponível. Como está a sua mão?

Ele se aproximou, desembrulhou a toalha e gentilmente examinou a minha mão.

— Isso foi estúpido. Eu não sei o que aconteceu comigo.

— George Wickham foi o que aconteceu com você.

— Darcy, eu sinto muito.

— Você não tem que ficar se desculpando. — Ele pegou outra toalha e passou sob água fria. — Não que eu não tenha gostado do espetáculo, mas você tem que ter cuidado com suas mãos, Lizzie.

Eu nem tinha pensado sobre como minha pequena explosão violenta afetaria meu desempenho. Darcy cuidadosamente envolveu a toalha em volta da minha mão.

— Obrigada.

Ele assentiu.

— Não, obrigada por ajudar, eu não sei o que teríamos feito sem você, sério!

Ele parecia triste com o meu comentário.

— Eu acho que me escondi atrás do meu dinheiro hoje.

— Do que você está falando?

— O quarto? Sr. Meryton? Eu acho que você estava certa sobre mim depois de tudo.

Agarrei uma das mãos dele com minha mão boa. Ele parecia chocado.

— O que você fez foi atencioso e gentil... E eu, eu… — As palavras ficaram presas na minha garganta.

A porta do banheiro se abriu e Jane emergiu, escoltando Lydia de roupão de banho pelo braço.

— Você vai dormir agora e vou tentar pensar em como explicar tudo isso para a mamãe e o papai. — Ela arrastou Lydia para o quarto e a colocou na cama.

Quando Jane voltou para nós na sala de estar, ela estava claramente abalada e exausta.

— O que aconteceu? — ela perguntou quando viu minha mão.

— Oh, nada. — Eu estava completamente envergonhada pelo meu comportamento.

— Darcy, como você pode estar rindo? — Jane o repreendeu.

Me virei e vi que Darcy estava de fato rindo.

— Sinto muito, Jane, mas… — Ele se virou para mim. — Você quer dizer a ela ou eu devo?

Fiquei horrorizada que minha reputação estava prestes a piorar. Eu não poderia dizer se seria melhor ser conhecida como uma brutamontes do que como um caso de caridade. Mas então talvez as pessoas pensassem duas vezes antes de mexer comigo...

Jane nos olhou desconfiada. Dei de ombros.

— Parece que a senhorita Elizabeth Bennet escondeu um de seus muitos talentos — disse Darcy. — Um que, devo acrescentar, eu realmente gostaria de ter sabido anteriormente já que teria abordado as coisas de uma maneira muito diferente.

— O que? — Jane sacudiu a cabeça em confusão.

— Eu dei um soco no Wick — admiti.

— Ela o nocauteou — acrescentou Darcy.

Os olhos de Jane se arregalaram.

— Você o quê? — Seu choque se dissipou rapidamente e, antes que eu percebesse, ela estava me perguntando como me sentia.

— Com licença — interrompeu Darcy. — Por mais que eu fosse adorar apreciar esses detalhes, eu tenho que ir. Vou cuidar das coisas na recepção, então sintam-se livres para ficar aqui. Vou me encarregar das coisas na recepção para que assim vocês não tenham que explicar qualquer cobrança de hotel aos seus pais. O Sr. Meryton e eu temos algumas coisas que precisamos fazer.

Jane e eu expressamos nossa mais profunda gratidão a Darcy. Então eu enchi Jane dos detalhes do que aconteceu no quarto depois que ela saiu.

— Eu não posso acreditar em Darcy. Se não fosse por ele… — Jane pareceu aflita por um momento. — Não posso nem começar a pensar sobre isso. Eu não quero pensar sobre o que vou dizer aos meus pais, algo tem que ser feito sobre Lydia depois disso. — Ela se levantou do sofá e foi até a janela. — Eu estou cansada. Vou lidar com ela amanhã, tenho certeza que vai ficar desmaiada por um tempo. Por enquanto há outra coisa que eu gostaria para falar.

— Qualquer coisa. — Eu não conseguia imaginar o que Jane estava passando. Eu estava disposta a falar sobre o que ela quisesse, a fim de tirar sua mente do pesadelo de hoje.

— O que você estava fazendo com Will Darcy? — Ela piscou para mim.

Contei do dia anterior para Jane. Ela sabia que sua mãe era uma artista de algum tipo, mas ela não percebeu que era uma pianista famosa.

— Então… — Jane me cutucou.

— Então? — respondi. — Então, Will Darcy não é o mal encarnado, eu, no entanto, sou aparentemente uma juíza de caráter.

— Você não pode se criticar por causa de Lydia. Ela teria encontrado Wick eventualmente ou alguma outra versão dele.

— Eu sei, tive tanta sorte que ele estava comigo quando você ligou.

Jane sacudiu a cabeça.

— Isso não foi o que eu quis dizer. Lizzie, ele não fez tudo isso por mim. Nem sequer fez tudo isso para se vingar de Wick. Sim, esses provavelmente foram fatores enormes, mas eu tenho certeza de que ele fez tudo isso porque ele se *preocupa com você*.

Não queria admitir que eu estava esperando que os sentimentos de Darcy por mim não tivessem mudado. Mas eu realmente não podia culpá-lo se tivessem, depois de todas as coisas horríveis que eu havia dito. Os últimos dois dias foram ótimos, mas não conseguiam apagar o passado.

Meus sentimentos por ele mudaram imensamente. Eu estava começando a me importar com Will Darcy.

Capítulo 28

PASSEI O RESTO DAS MINHAS FÉRIAS OLHANDO PARA O MEU CELULAR. Eu ingenuamente pensei que Darcy me ligaria. Ele mandou algumas mensagens perguntando sobre a minha mão, mas foi só isso. Não queria incomodá-lo depois de tudo que tinha feito para salvar Lydia de Wick, mas eu estava esperando que ele quisesse me ver novamente.

Pela primeira vez, fiquei animada em voltar a Longbourn. Até aceitei a oferta de Jane para uma carona. Especialmente desde que os pais de Jane estavam levando Lydia separadamente. Depois que Jane contou a eles sobre o comportamento de Lydia, o Sr. e a Sra. Netherfield ameaçaram matricular Lydia em um internato rigoroso católico no Maine, embora eles fossem agnósticos. Eles até dirigiram até lá durante as férias para que ela pudesse ver as freiras e os uniformes e o cercado (e, o mais importante, sem um único menino à vista). Acredito que o termo "*assustar para endireitar*" foi criado por causa de lugares como esse.

Nada na escola realmente mudou depois das férias de primavera, mas me senti esperançosa pela primeira vez. O recital estava chegando em algumas semanas e apesar de não praticar tanto quanto eu queria, eu estava fazendo um grande progresso com a rapsódia. A prática com a orquestra começou na semana em que chegamos de volta e, embora a maioria dos alunos da orquestra me desprezasse ainda mais porque eu estava participando do show, as práticas foram boas.

Eu estava até animada com o trabalho, convencida de que Darcy voltaria às suas visitas regulares. Mas ele não fez. Eu nem saberia se estava de volta ao campus de Pemberley, se não fosse por Jane.

Mas, felizmente, Jane estava de volta com Charles, o que significava que ela estava feliz... e que eu era capaz de obter informações de Darcy.

Jane voltou de um encontro com um bom humor.

— Então, Charles achou que seria divertido se alguns de nós saíssemos para jantar no sábado.

— Alguns de nós?

— Sim, eu sei o quanto você normalmente teme estes convites, mas, por alguma razão, eu acho que você pode realmente querer comer dessa vez, mas se você não...

Jane não era de brincadeiras, mas depois de todo o pesar que eu lhe dera no decorrer do ano por sair, eu merecia totalmente isso.

— Acho que posso sofrer com isso.

Ela me deu um tapinha no ombro.

— Obrigado por fazer tal sacrifício.

— É para isso que os amigos são. E falando de amigos, você sabe qual dos amigos de Charles vai estar lá? — Eu tentei parecer inocente.

— Vamos ver, eu não sei, Charles tem tantos amigos...

Ela não ia me deixar sair tão facilmente.

— Tudo bem, Will Darcy vai estar lá?

— Darcy... Darcy… — Jane bateu os lábios e ela rolou o nome em sua língua. — O nome me é familiar, sim, Darcy... eu acredito que ele vai estar lá.

— Obrigada, acho que eu poderia fazer uma aparição por lá; não quero ser rude.

Ela riu.

— Não, nós não queremos isso. Além disso, será muito divertido!

Quantas vezes Jane disse isso para mim? Quantas vezes eu zombara de sua disposição brilhante?

Mas, pela primeira vez, eu sinceramente acreditava que me divertiria.

*

Nós estávamos entre as primeiras pessoas a chegar ao restaurante. Jane sentou-se ao lado de Charles na cabeceira da mesa e sentei ao lado dela. Eu coloquei minha bolsa na cadeira ao lado da minha, reservando o lugar para Darcy. Alguns outros alunos começaram a entrar, incluindo Colin e Charlotte, que estavam sentados à minha frente. Havia apenas dois lugares deixados abertos, um ao meu lado e outro no lado oposto da mesa, o mais longe de mim.

Darcy entrou e pediu desculpas por estar atrasado. Sorri para ele e ele olhou brevemente em minha direção. Peguei minha bolsa da cadeira e a coloquei no chão ao meu lado. Ele andou pela mesa inteira e sentou no outro lugar.

Charles anunciou que um de seus amigos acabara de mandar uma mensagem dizendo que ele não poderia ir, então estávamos todos ali.

Meus ânimos afundaram quando percebi que minha noite seria passada com Jane e Charles em conversas profundas à minha esquerda e Colin e Charlotte na minha frente se esforçando para falar sobre qualquer coisa. E à minha direita, um lugar vazio.

Fiquei me inclinando para ouvir o que Darcy estava falando do outro lado da mesa, tentando encontrar uma maneira de me juntar à sua conversa. Mas foi sem esperança. Havia quatro pessoas entre nós e eu realmente não conhecia bem algum deles. Tentei captar o olhar dele para poder sorrir para ele, para mostrar que eu era uma pessoa amigável e não a pessoa horrível que gritou com ele por me convidar ao baile.

Mas Darcy apenas olhou para a frente ou acenou educadamente em resposta a algo que alguém disse a ele. Eu estava desesperada por confirmar que nossos encontros amigáveis durante as férias de primavera não tinham sido um acaso.

— Então — Charles disse em voz alta, chamando a atenção do grupo —, é bom estar de volta. A Grécia era maravilhosa, mas eu sentia falta de estar com os amigos. — Ele piscou para Jane. — O que todos fizeram em suas férias?

Charles começou e então Charlotte, e todos vagarosamente deram a volta na mesa falando sobre férias, casas de praia, a Europa e, é claro, roupas de baile de formatura. Eu esperei pacientemente pela vez de Darcy para ver se ele me mencionaria.

Mas quando chegou a hora dele falar, encolheu os ombros.

— Nada de especial, só passei um tempo com minha família. — Ele olhou para a pessoa do outro lado da mesa, sinalizando que ele não estaria elaborando mais.

Então recebi a confirmação, mas não do tipo que eu queria. Ficou claro que eu não era mais do interesse de Will Darcy.

— Lizzie? — Charles me chamou. Eu estava tão aturdida que não percebi que era a minha vez.

— Oh, eu tive uma boa pausa, obrigada. — Olhei para Darcy. — Eu tive alguns amigos vindo me visitar e isso foi divertido. Eu, uh, fui a este show incrível no Carnegie Hall...

— O quê? Nenhuma compra para o baile? — o cara ao lado de Darcy perguntou.

— Não, eu não vou ao baile.

Alguém poderia pensar que depois dessa admissão embaraçosa (pelo menos nesse meio social) haveria uma pausa desconfortável ao redor da mesa. Mas com a simples menção da palavra baile, as discussões começaram ao redor da mesa sobre reservas de jantar e planos pós festa. Talvez eles não quisessem reconhecer que eu não estava indo.

Apesar do fato de estar cercada por mais de uma dúzia de pessoas em um restaurante lotado, uma sensação de solidão tomou conta de mim. Certamente não foi a primeira vez que me senti sozinha no campus. Mas isso foi pior. Porque eu não me sentia sozinha, mas havia um lembrete do outro lado da mesa do que eu poderia ter tido. Nesse ponto, poderia muito bem ter sido o outro lado do mundo, mas havia alguém com quem eu queria estar.

Capítulo 29

DEPOIS DO JANTAR, JANE OFERECEU FALAR COM CHARLES para ver se ele poderia ter alguma ideia do comportamento de Darcy, mas senti que era inútil. Havia apenas uma coisa que eu tinha controle naquele momento: meu desempenho no recital da semana seguinte.

Eu me joguei na prática, correndo pela minha parte mais e mais todos os dias. Senti mais pressão quando notei que os cartazes do recital da primavera mostravam meu nome:

"Apresentação da Rapsódia de Rachmaninoff em um tema de Paganini por Elizabeth Bennet e a Orquestra de Longbourn".

Durante a aula, eu olhava para a minha mesa e fingia que era um teclado, repassando a peça na minha cabeça.

Eu estava em Longbourn para ter uma boa educação e melhorar na música. Baile de formatura, meninos e qualquer outra coisa eram apenas uma distração para mim naquele momento. Ignorei todas as meninas falando sobre o baile que aconteceria no fim de semana após o recital. Elas passavam como se fossem realizar um desfile de moda pelo corredor. Eu nem sequer olhava para seus vestidos de grife.

Nunca tinha me focado tanto em uma performance na minha vida. Me encontrei ficando irritada quando a orquestra não conseguia acompanhar ou quando alguém perdia seu tempo. Parte de mim estava convencida de que eles estavam fazendo isso de propósito, que havia um desejo entre os alunos de me ver cair de cara no chão. Mas eu estava indo para tudo ao meu alcance para pregar minha parte. Eles podem estragar tudo, mas quando eu começasse a tocar, não haveria nada que eles pudessem realmente fazer para me impedir.

A noite da apresentação veio. Eu vi meus pais brevemente para um almoço tardio, mas eu mal conseguia comer. Meus nervos estavam recebendo o melhor de mim.

O auditório de Longbourn era um edifício antigo, com vitrais e uma grande varanda. Todas as nossas apresentações de música e teatro foram realizadas neste espaço e cabiam quase quinhentas pessoas. Era tradição

que os pais aparecessem para o recital e sempre houvesse uma recepção generosa depois. Me sentei nos bastidores em uma sala de prática com meus fones de ouvido, ouvindo a rapsódia.

Nosso desempenho era no final da noite e eu não queria me distrair ouvindo as várias apresentações dos membros da orquestra e dos outros alunos de piano.

Minhas pernas começaram a se contorcer. Fechei os olhos e tentei alguns exercícios de respiração para me acalmar. Quase gritei quando alguém me deu um tapinha no ombro para me avisar que já era hora.

Nós estávamos todos vestidos com trajes pretos – no meu caso, um vestido longo. Eu tinha meu cabelo amarrado em um coque solto que Jane tinha feito em mim.

Esperei nas alas enquanto os membros da orquestra tomavam seus lugares para o aplauso do público. A Sra. Gardiner, em seguida, tomou o centro do palco e fez sinal para eu fazer a minha entrada.

Tentei sair com confiança, mas senti meus nervos aumentarem a cada passo. Olhei para as luzes enquanto pegava meu arco. As luzes me cegaram temporariamente, então não pude ver a plateia. A luz branca que queimava meu olhar me deu algo para me concentrar quando me sentei ao piano.

Gentilmente guiei minhas mãos para cima e para baixo no teclado. A Sra. Gardiner estava esperando meu sinal começar e eu precisava desse momento rápido para me familiarizar com as teclas. Eu estava tocando piano por mais de uma década, mas esse pequeno ritual era algo que eu fazia antes de cada performance. Eu queria, de alguma forma, me conectar com o instrumento antes de tocar.

Eu olhei para a Sra. Gardiner e assenti. Ela ergueu o bastão e toda a orquestra chamou a atenção de seus instrumentos. Naquele exato momento, eu estava quase explodindo com o desejo de começar. Os nervos se acalmaram e esse jorro de energia correu enquanto eu antecipava ansiosamente o movimento do bastão que iniciaria a peça.

A Sra. Gardiner empurrou o bastão para baixo. As cordas começaram a tocar e eu respondi com acordes. O começo foi o mais fácil (se qualquer coisa de Rachmaninoff pudesse ser considerada fácil) e logo me encontrei

em uma zona maravilhosa, onde deixei meus dedos fazerem o que eu havia praticado. Eles deslizaram alegremente pelo piano enquanto eu me entregava à música.

Foi quando eu realmente me senti viva. Não importava se eu estava respondendo a orquestra com grandes feixes de corridas ou notas ou silenciosamente a construção de antecipação para a próxima variação, não havia outro lugar que eu queria estar que não fosse em Longbourn, no palco, com esta orquestra.

Quase quinze minutos depois, quando comecei a tocar sozinha na décima oitava variação, o público começou a aplaudir. Esta seção era a minha favorita, não apenas porque foi apresentada em muitos filmes românticos, mas porque era linda. Quando a orquestra se juntou a mim, senti um nó na garganta.

Quando terminamos essa seção, respirei fundo. Eu precisava de cada grama de energia e concentração para chegar até o final.

Quando comecei a enfrentar as corridas desafiadoras de Rachmaninoff, um fio de suor começou a descer pelo lado do meu rosto. Eu poderia até não ter respirado durante o último minuto enquanto martelava o teclado. Cada nota soou e eu me inclinei para frente nas teclas. Foi uma corrida até o final, e depois de uma última corrida e o crescimento da orquestra, tudo ficou em silêncio enquanto eu tocava os dois últimos acordes.

Deixei cair minhas mãos no meu colo de exaustão. A audiência explodiu em aplausos. Olhei para a Sra. Gardiner e ela fez sinal para eu me levantar. Quando fiz isso, ela me envolveu em um enorme abraço.

— Obrigada, Elizabeth — ela sussurrou no meu ouvido. — Isso foi maravilhoso!

Balancei a cabeça e fui apertar as mãos das duas violinistas da primeira cadeira, Mary e Kitty, algo que era costumeiro quando se tocava com uma orquestra.

Finalmente enfrentei o público e notei que eles estavam em pé. Fiz uma reverência e fiz sinal para a orquestra que então se levantou.

Pela primeira vez, examinei o público. Eu notei que nem todo mundo estava de pé; vários alunos das minhas aulas pareciam completamente

entediados, mas seus pais pareciam impressionados.

E então, na terceira fileira, vi meus pais, ambos com lágrimas escorrendo pelo rosto. Quase comecei a soluçar, mas a visão de Darcy, Georgiana e sua mãe ao lado dos meus pais chocaram as lágrimas do meu sistema.

Capítulo 30

A RECEPÇÃO FOI REALIZADA NO HALL DOS FUNDADORES, o mesmo local da festa de boas vindas do início do semestre. Foi lindamente decorado com flores e velas. Eu estava tendo dificuldade em encontrar meus pais; sempre que eu tentava localizá-los, alguém aparecia e me parabenizava. Por suposto, a maioria das pessoas que chegaram a mim eram adultos; mesmo uma performance inspiradora em Rachmaninoff não ia apagar o selo de bolsista em meu rosto.

Depois de agradecer profusamente à diretora por suas amáveis palavras, fui direto para a comida, pois sabia que era onde meu pai provavelmente estaria.

— Aí está você! — exclamei enquanto ele segurava um prato cheio de crudites.

Mamãe veio correndo e me abraçou com força.

— Oh, Lizzie! — Senti meu queixo se contrair enquanto ela se segurava em mim. — Você foi maravilhosa, seu pai e eu estamos tão orgulhosos de você. — Papai se inclinou e deu um beijo na minha testa.

— Incrível. Eu não tenho ideia de onde você consegue todo o seu talento. Certamente não é de nenhum de nós.

Mamãe bateu nele.

— Você prometeu que não iria envergonhá-la.

Meus pais sempre foram excessivamente sensíveis ao comportamento deles em Longbourn. Eles nunca haviam se monitorado quando eu estava na escola em casa e eles certamente não se importavam em me envergonhar na frente dos meus amigos em Hoboken, mas eu acho que os pais de Longbourn os deixaram ainda mais desconfortáveis do que eles me deixaram.

— Lizzie! — Georgie correu até mim com uma dúzia de rosas vermelhas. — Estas são para você. De todos nós.

— Obrigada! — Eu cheirei as flores. — Não precisava.

— Bobagem. — Claudia Reynolds veio até mim e pegou minhas mãos. — É costume que o solista receba rosas, especialmente depois dessa performance. Você foi brilhante, minha querida.

— Obrigada. Não tem ideia do quanto isso significa vindo de você. — Eu ainda não podia acreditar que Claudia Reynolds sequer sabia quem eu era, mas naquele momento, havia apenas a opinião de uma pessoa que eu queria ouvir.

Me virei esperançosamente para Darcy.

Ele veio e beijou-me na bochecha.

— Incrível.

— Obrigada, eu não posso acreditar que vocês vieram.

— Claro que estaríamos aqui, não perderíamos por nada. — Ele sorriu para mim e por um momento senti que o Darcy das férias estava de volta.

Pela segunda vez naquela noite, uma sensação de urgência me ultrapassou. Mas desta vez não foi para interpretar, era para confessar. Agarrei Darcy pelo braço e comecei a levá-lo para fora do cômodo.

— Posso falar com você? — perguntei

— Uh, claro. — Ele parecia surpreso com a minha antecipação, mas não tão chocado como eu estava.

Chegamos do lado de fora do Founders Hall e ele ficou lá com um olhar perplexo no rosto.

— Então… — Tentei descobrir o que eu queria dizer a ele. Durante semanas eu não queria nada além de falar com ele, mas imaginei que ele começaria a conversa. Percebi que na maior parte do tempo eu sabia que ele instigava nossas conversas. Tinha sido meu trabalho responder rudemente a ele.

— Sinto muito, Darcy, eu sinto muito mesmo.

Darcy olhou para mim.

— Eu continuo dizendo a você: não há nada que você precise se desculpar.

— Sim, eu sinto muito que eu disse todas aquelas coisas horríveis sobre você para Wick, que eu pensei que você fosse esse esnobe idiota. — Sua mandíbula se apertou ao ouvir essas palavras. — Mas a coisa é, você não era o esnobe que eu pensava. Você estava certo, eu tinha um problema com pessoas com dinheiro. Eu te conheci, você parecia como qualquer outra pessoa em Pemberley, e eu te rechacei, apesar de seus esforços para me conhecer melhor, para mudar minha teimosia. Talvez tenhamos muito mais em comum do que eu pensava, você não queria confiar em nenhum bolsista e eu realmente não te culpo depois do que Wick fez e sabendo como isso afetou você… Mesmo depois disso, você ainda pode olhar além das minhas circunstâncias e me ver. Estou tão horrorizada com o meu comportamento. Você tentou ser legal comigo e eu acabei dispensando você. Você não tinha que fazer nenhuma dessas coisas: me dar um casaco e os ingressos para ver sua mãe, me apresentar à sua família e ajudar com Lydia. Na verdade, eu não te culparia se você nunca quisesse falar comigo de novo. Mas a coisa é, eu estou pronta para derrubar a parede, e eu realmente espero que possamos ser...

De repente eu não sabia o que dizer em seguida. Não podia dizer amigos, como eu sabia que no fundo não era o que eu queria de Darcy.

Darcy cruzou os braços.

— Lizzie, isso tem alguma coisa a ver com o fato de que o baile é no próximo fim de semana?

— O baile? Não, não mesmo.

Balancei a cabeça devagar.

— Bom, porque há algo que você deveria saber. Eu não tenho intenção de te convidar para o baile.

Capítulo 31

AS PALAVRAS DE DARCY PAIRARAM NO AR PELO o que pareceu uma eternidade. Verdade seja dita, havia apenas alguns segundos entre essa afirmação e o que se seguiu, mas para mim esses dois segundos foram dolorosos.

Uma pessoa pode pensar em muitas coisas em dois segundos: como ela tem sido tola, quão horrível ela é, que talvez ela não seja melhor do que Caroline Bingley, que talvez Longbourn a tenha mudado para pior.

Eu tentei desesperadamente esconder qualquer emoção de Darcy. Ele tinha todos os motivos para não querer ir ao baile comigo. E eu realmente não me importava com o baile de qualquer maneira.

Eu me importava com Darcy.

Embora ele já tenha deixado claro para mim que não tinha intenção de cometer o mesmo erro duas vezes.

Eu era esse erro.

Pelo menos, nesses dois segundos, pensei que eu fosse.

— Lizzie — ele disse, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — O baile de formatura é um evento estúpido e sem importância. Nas últimas semanas, eu vi amigos convidando garotas de quem eles nem gostavam para irem com eles ao baile. Por quê? Para poder ter um encontro. É uma tradição idiota que não tenho nenhum desejo de levar você.

Eu balancei a cabeça para ele. Tentando, pela segunda vez esta noite, lutar contra as lágrimas. Mas estas eram um tipo diferente de lágrimas do que as de antes. Meu coração estava começando a ser partido em dois.

Darcy pegou minha mão.

— Você é muito importante e especial para levar a um evento tão pouco inspirador.

O olhei. Ele sorriu para mim e se abaixou em um joelho.

— Elizabeth Bennet, você vai me dar a grande honra de **não** ir ao baile comigo?

Eu olhei fixamente para ele por alguns segundos. Então, assimilei que estava de joelhos me dando a melhor proposta de todas. Não pude deixar de rir de seu gesto maravilhoso.

— Sim, eu aceito.

— Você vai furar o baile comigo e me deixar levá-la para um encontro?

— Sim.

Ele se levantou e colocou seus braços em minha volta.

— Você não tem ideia de quanta agonia eu tenho passado nessas últimas semanas.

Me afastei.

— Por quê?

Darcy suspirou.

— Você parece esquecer quem é minha mãe. Sabia que não deveria nem chegar perto de você enquanto estava se preparando para o show. Especialmente sabendo que você tem um gancho de direita muito feroz.

A percepção de que Darcy não estava me ignorando por causa de qualquer sentimento ruim foi um grande alívio.

— E sua ausência do *Junction*?

Ele mordeu o lábio inferior e enrolou o braço em volta da minha cintura.

— Sinto muito em informá-la que eu tenho seus turnos no meu calendário e eu vou te ver amanhã à noite.

— Obrigada pelo aviso. — Coloquei minha cabeça contra o peito dele.

— Ah, e mais uma coisa que eu deveria avisá-la. — Eu estava tão confortável, acariciei minha cabeça em seu ombro para ele continuar. — Eu vou levá-la para um lugar muito casual, muito *não-Pemberley* para o nosso encontro. Não haverá cristais, nem pratos especiais, nem nada e, o mais importante, nada festas de formatura malucas. Só você, eu e uma deliciosa comida italiana.

— Parece perfeito.

Capítulo 32

A NOITE DO BAILE DA FORMATURA CHEGOU. Jane passou a maior parte do dia fazendo um bronzeamento artificial, manicure, pedicure e cabelo.

— Tem certeza de que não quer pedir nada emprestado para esta noite? — ela ofereceu.

Eu olhei para o meu jeans genérico e top de decote em V e balancei a cabeça.

— Não, eu estou bem.

Ajudei Jane com seu vestido, um lindo vestido vermelho sem alças. Entramos na sala comum e me ofereci para tirar fotos de todos antes que a imprensa chegasse. Charlotte foi igualmente linda em seu vestido creme, frisado e alças finas até o chão.

Todo mundo parecia deslumbrante (até mesmo Caroline, que estava indo com um cara da cidade). Todo o cabelo foi pulverizado no lugar, cada unha foi pintada com perfeição, tudo foi feito de acordo com o padrão de uma dama de Longbourn.

Desejei a todos uma boa noite e desci a longa escadaria. Abaixo de mim havia dezenas de caras de Pemberley vestidos em smoking, com flores na mão. Tenho certeza que minha aparência comum era a última coisa que eles esperavam ver, mas eles não eram quem eu estava procurando.

Darcy se adiantou no meio da multidão – ele destacou-se como seu jeans, camiseta e tênis. Ele se curvou para me cumprimentar e nós dois rimos.

Ele pegou minha mão quando entramos em um táxi. Enquanto nos afastávamos, pensei em todas as meninas que iam ao baile esta noite. Elas podem ter ficado felizes com seus cílios postiços e extensões de cabelo.

Mas isso não era o que eu queria.

O que Darcy e eu tínhamos era melhor do que qualquer vestido de formatura ou de alta costura personalizada.

Porque o que tínhamos era real.

Notas

1. Na América, um cidadão da cidade é uma pessoa que viveu em uma cidade pequena por toda a sua vida. Muitas vezes orgulhosos desse fato, os habitantes da cidade têm grande interesse em cada detalhe da mudança em seu território. É uma pessoa local. Usado para indicar uma pessoa que vive na comunidade que não frequenta.

2. Filme americano dos anos 70.

3. Lista de pessoas mais ricas da América.

4. Refere-se a alguém que é vaidoso, arrogante, irracional e difícil de trabalhar. Ao contrário de "diva" (que substituiu amplamente o termo antigo), a prima donna é mais facilmente usada para ambos os sexos.

5. Aperitivo de queijo chinês.

6. Uma composição livre que obedece a características especiais ou clássicas, é uma justaposição, de escassa unidade formal de melodias populares e de temas conhecidos, extraídos com frequências de óperas e operetas.

7. Seção conclusiva de uma composição.

Agradecimentos

Mesmo que o meu nome apareça na capa, existem tantas pessoas responsáveis por este livro em suas mãos. Tenho muita sorte em ter um dos melhores editores do ramo, David Levithan. Obrigada pelo seu apoio constante na minha escrita. Eu não sei como você faz tudo o que faz. Você é verdadeiramente uma inspiração, meu amigo, embora eu ainda não esteja convencida de que você é humano.

Jodi Reamer, minha agente destemida, esteve no meu canto anos antes mesmo de eu ser publicada. Obrigada por ficar comigo e ainda falar comigo mesmo depois de ler todos aqueles rascunhos terríveis.

Alqueires de gratidão a todos no Scholastic, especialmente: Erin Preto por revisar Miss Austen comigo, Elizabeth B. Parisi por um design de capa fabuloso, Susan Jeffers Casel por sua edição de texto brilhante, Sheila Marie Everett por não levar para o lado pessoal quando eu me rebentava a rir ao me apresentar como minha agente, Leslie Garych, Tracy van Straaten, Julie Amitie, Emily Sharpe, e todos os representantes de vendas por seu entusiasmo constante.

Curvo-me diante de Bethany Strout e Jennifer Leonard por mais uma vez me fazer comentários durante a leitura tão atenciosos. Eu realmente aprecio vocês dois tomando o tempo para me ajudar com esta história. Eu posso praticamente garantir que vou estar incomodando vocês dois novamente. Isso é o que você ganha por ser tão bom!

Eu estaria perdida sem Kirk Benshoff (pai de Violet) e seu incrível design de site e experiência em tecnologia. Sério, eu estaria enrolada debaixo da minha mesa se não fosse por você! Eu também tenho a sorte de ter uma grande amiga e revisora de blog em Natalie Thrasher.

Sou grata por ter um sistema de apoio tão maravilhoso de amigos e familiares que entendem quando a autora Elizabeth se esconde para escrever. Eu gostaria de agradecer a Stephenie Meyer por ser tão entusiasmada pela minha vida de escritora e tendo essa conversa sobre orgulho e preconceito que me levou à ideia para este livro. Para todos os livreiros, bibliotecários e blogueiros que me apoiaram como autora, eu sei

quantos livros estão por aí e fico verdadeiramente honrada quando alguém escolhe o meu. Obrigado por me dar uma chance.

E, claro, à Jane, a adorável senhorita Austen. Ninguém poderia tocar no que você criou. Prom and Prejudice é simplesmente minha tentativa de homenagear seu trabalho brilhante e celebrar você como sempre será conhecida, como uma das maiores autoras de todos os tempos.

Sobre a Autora

Elizabeth Eulberg nasceu e cresceu em Wisconsin antes de ir para a faculdade em Syracuse e fazer carreira no New York City. Como autora do The Lonely Hearts Club, ela tentou xingar meninos, mas não funcionou. Ela mora fora de Manhattan com suas três guitarras, dois teclados e um tambor.